

SÉRIE REPLAY LIVRO 1

ENCARE A MÚSICA

AUTORA DE CORES DO CORAÇÃO

K. M. NEUHOLD

Galuba 

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SÉRIE REPLAY LIVRO 1

ENCARE A MÚSICA

AUTORA DE CORES DO CORAÇÃO

K. M. NEUHOLD

Galuba 

SÉRIE REPLAY **LIVRO 1**

ENCAFE A MÚSICA

AUTORA DE CORES DO CORAÇÃO

K.M. NEUHOLD

Tradução de Stéphanie Rumbelsperger

Galuba 

Sumário

Avisos	
Faixa 1: Lado A	
Uísque e arrependimento	
Faixa 2: Lado B	
17 Sonhos	
Faixa 3: Lado A	
Nossos Fantasma	
Faixa 4: Lado A	
Mentiras e Adeus	
Faixa 5: Lado B	
14 Pedacos	
Faixa 6: Lado A	
Alameda Cherry	
Faixa 7: Lado B	
15 Corações Rabiscados	
Faixa 8: Lado A	
Azulejos Carmesim	
Faixa 9: Lado B	
16 Lágrimas só por Você	
Faixa 10: Lado A	
Brinque com o meu coração como se fosse um N64	
Faixa 11: Lado B	
13 Mortais ou Talvez Mais	
Faixa 12: Lado A	
Fãs Não Significam Amor	
Faixa 13: Lado B	
16 Vezes em que te Desejei	
Faixa 14: Lado A	
Frenético e eu Adoro Isso	
Faixa 15: Lado A	
Vamos Beber Até Você Voltar a me Amar	
Faixa 16: Lado B	
15 Beijos Roubados	

Faixa 17: Lado A

Fotografias com Bordas Desbotadas

Faixa 18: Lado A

Minha Cama Ainda Tem o Seu Cheiro

Faixa 19: Lado A

A Véspera de Natal é o Natal para o Impaciente

Faixa 20: Lado A

Feliz Natal, *Porra*

Faixa 21: Lado B

18 Arrependimentos

Faixa 22: Lado A

Boquetes no Banheiro são os Apertos de Mão da Nossa Geração

Faixa 23: Lado A

Amigos e Pênis: Ambos São Duros de Lidar

Faixa 24: Lado A

69 é Para os Amantes

Faixa 25: Lado A

Desejo Uma Sarda

Faixa 26: Lado B

17 Camisinhas

Faixa 27: Lado A

Ano Novo, Velhas Resoluções

Faixa 28: Lado A

O Perdão Nunca foi Tão Doce

Faixa 29: Lado A

A Escuridão Sempre Reaparece

Faixa 30: Lado A

Eu Prefiro Ser Maníaco

Faixa 31: Lado A

Pequenas Pílulas Julgadoras

Faixa 32: Lado A

Sexo no Chuveiro Deveria ser um Esporte Olímpico

Faixa 33: Lado A

Não Provoque

Faixa 34: Lado A

Replay

Nota

Sobre a Autora

Conheça a Galuba Editorial

Créditos e copyright

Encare a Música é o primeiro livro na série *Replay*. Todos os livros da série focarão em um membro diferente da banda tendo uma segunda chance no amor. Todos os livros podem ser lidos de forma independente.



Este livro contém descrições de autoagressão, pensamentos suicidas e momentos sensuais.

Faixa 1: Lado A

Uísque e arrependimento

Lincoln

O vento gelado queima a minha pele, mas outro trago de uísque ajuda a espantar o frio. O ar tem cheiro de neve. Faço um cálculo mental e me dou conta de que faltam apenas duas semanas para o Natal.

Quando eu era criança, adorava o Natal. Era uma época do ano mágica e alegre. O cheiro dos biscoitos assando no forno, os piscapiscas da árvore, escrever uma lista de presentes para o Papai Noel...

Meu punho dormente segura a garrafa enquanto bebo outro gole. O líquido parou de queimar ao descer pela garganta há cerca de meia hora, por volta do momento em que as luzes da cidade ao longe começaram a desfocar.

Não existe mais mágica. Na minha cozinha não tem ninguém assando nenhum tipo de doce. Não lembro qual foi a última vez que me importei em comprar uma árvore. Não é muito divertido decorar tudo sozinho. Além do mais, que sentido faz se não terá ninguém para desfrutar de tudo comigo? E quanto à lista de presentes... só tem uma coisa que eu colocaria nela, e é algo – *alguém* – que eu tive e me desfiz muitos anos atrás.

Minhas pernas bambeiam enquanto vou até o anteparo da minha varanda para olhar a rua lá embaixo.

Se eu caísse, com certeza morreria. Alguém se importaria?

Já posso ver as manchetes: *Estrela do Rock Pula para a Morte em Nova Iorque*.

Mas será que as pessoas *realmente* se importariam?

Há alguns anos, meus colegas de banda poderiam ter se importado, antes de tudo começar a desmoronar, antes de discutirmos constantemente...

Se ao menos eu soubesse que o nome da nossa banda – *Queda Vertiginosa* – seria tão apropriado quando escolhemos. Talvez fosse um mau agouro ou uma maldição. Talvez fôssemos apenas uns babaquinhas arrogantes que estavam no topo do mundo e achavam que nada pudesse nos derrubar.

Oscilei quando me apoiei na balaustrada, testando a resistência.

Eu não iria pular de verdade. Foi o que disse a mim mesmo. É o que sempre me digo quando fico com esse temperamento sombrio.

Tento erguer a garrafa aos meus lábios mais uma vez, mas ela escorrega pelos meus dedos. Fico olhando enquanto ela despenca e espatifa na calçada lá embaixo.

Oscilo de novo na balaustrada antes de recuar e pegar um cigarro no meu bolso. Nem costumo fumar, só quando estou bêbado e triste.

Só consigo imaginar o que Jace diria se me visse agora.

Este deveria ser o seu sonho, imbecil. Por que o está desperdiçando?

– Não estou desperdiçando nada – argumento com o fantasma na minha mente. – Caso não tenha notado, eu tenho uma cobertura que vale milhões, carros esportivos para cada dia da semana e trepo com quem quiser... Estou vivendo a porra do sonho.

Na minha mente, Jace bufa ironicamente e me lança um olhar daqueles que sempre fizeram meu saco encolher. Um daqueles olhares que eu recebia quando estava em maus lençóis com ele.

Olha nos meus olhos e me diz que está feliz.

Levei o cigarro à boca e o acendi, soltando uma lufada de fumaça forte.

Não consigo nem mentir para a minha própria imaginação.

Observo meu dedo traçar a cicatriz comprida que descia pelo meu pulso esquerdo. Não consigo sentir a pele áspera e elevada porque estou sentado muito tempo no frio, mas faz anos que memorizei a sensação.

A lâmina no meu pulso foi a segunda tentativa de suicídio, e a que mais chegou perto do objetivo. Ainda me lembro da paz que se instalou em mim enquanto estava deitado no chão do meu banheiro e via meu sangue escorrer por entre as ranhuras do azulejo de mármore branco. Tudo ficou frágil, e a única coisa em que eu conseguia pensar era que nada na vida acontecia como você esperava, então qual era o sentido?

Se ser uma estrela do rock não me fazia feliz, com certeza nada jamais faria.

Exceto...

Uma coisa costumava me fazer feliz.

O rosto dele aparece atrás das minhas pálpebras ao me deitar na espreguiçadeira na varanda congelante.

Ainda consigo vê-lo tão claro como o dia quando fecho os olhos.

Consigo imaginar os olhos verdes musgo me contemplando com luxúria, raiva, amor, esperança... ficamos juntos por tempo suficiente para ver todos esses sentimentos e muitos outros mais. Ainda posso contar as sardas em seu nariz, aquelas que só apareciam no final de julho quando o bronzeado começava a desaparecer. Ainda sinto seus lábios nos meus, meus braços em volta dele, meu rosto no vão do seu pescoço.

Jace foi meu lugar feliz enquanto eu crescia.

Durante nove meses do ano, eu fazia contagem regressiva para os três meses de verão que a minha família passava na nossa casa do lago, três meses que eu passaria com Jace.

Promete que vamos ficar juntos para sempre, Linc?

As últimas palavras que ele disse ecoam em meus ouvidos. Não tive coragem de mentir para ele naquela noite, sabendo o que planejava assim que ele caísse no sono. Em vez de responder, eu o beijei sonoramente e o puxei para o meu peito.

Um soluço sufocado escapa quando abro os olhos tempo bastante para bater meu cigarro num recipiente que tinha aqui fora para isso mesmo. Então, eles se fecham novamente, e eu me deleito com o torpor por dentro e por fora.

Alguma parte do meu cérebro registra que eu preciso entrar, sair do frio, mas não consigo me importar.

Em algum lugar ao longe, escuto uma batida, talvez alguém gritando meu nome. Sei lá, não estou nem aí.

Tudo o que eu quero é que a dor pare. Tudo o que eu quero é voltar dez anos no tempo e fazer uma escolha diferente.

Faixa 2: Lado B

17 Sonhos

Lincoln

Eu estava com dezessete anos. Meu estômago revirava de nervoso enquanto esperávamos nos bastidores para o nosso primeiro show que pagaram para a gente tocar. Tudo bem, *bastidores* talvez seja um pouco generoso demais. Tecnicamente, era a sala de descanso dos funcionários num boteco nos arredores de Cleveland. Mas *foi* o primeiro show que nos pagaram. Recebemos cinquenta contos por cabeça e tinha gente no bar que foi para nos ouvir tocar.

– Isso é tão louco – exclamou Lando, dando uma espiada pela porta para ver quantas pessoas tinham lá fora. – Deve ter pelo menos umas doze pessoas lá fora, ou mais. E são todas, tipo, totalmente desconhecidas. Não é como tocar para a minha mãe e as amigas dela.

– Somos uma banda de verdade agora – concordou Benji, tirando seus cabelos longos do ombro e dando pulinhos. – Eu convidei o London, então, não são todos *totalmente* desconhecidos, mas mesmo assim.

– Aff, seu namorado está distorcendo nossos números – reclamou Lando.

– London *não* é meu namorado – alegou Benji. – Ele é só meu amigo.

– Ben, você e eu somos amigos, e eu nunca chupei seu pau – salientou Lando. O rosto de Benji ficou vermelho e ele se calou antes de cavar ainda mais a própria cova. – Mais alguém convidou outras pessoas? – perguntou Lando.

Jude meneou a cabeça e girou as baquetas, e eu olhei de relance para o meu celular pela centésima vez, esperando ver uma mensagem de Jace.

Normalmente, eu não teria esperança alguma de vê-lo entre o final de agosto e o de maio, já que eu morava em Ohio e ele morava no estado de Washington. Mas, por sorte, ele estava em Ohio com a família, visitando a tia para o Dia de Ação de Graças. Ele me contou que ela acabou de se divorciar, por isso, eles queriam garantir que ela não passasse o primeiro feriado pós divórcio sozinha. Eu sabia que era uma possibilidade remota ele conseguir dar uma fugida por algumas horas para me ver. Entretanto a minha banda foi contratada para o nosso primeiro show de verdade, e eu liguei para o Jace naquela noite, implorando que ele tentasse vir. Ele me disse que faria de todo o possível para conseguir ir, mas não tive notícias dele durante todo o dia.

– Por que você parece tão chateado? Este é o começo do resto das nossas vidas. – Jude me deu um tapa nas costas.

– Eu sei, estou animado. Só que não tenho notícias de Jace. Ele iria tentar vir, mas acho que não virá.

– Que merda – compadeceu-se Lando.

O gerente veio e nos fez um sinal dizendo que estava na hora de subir no palco. Respirei fundo, borboletas pareciam estar em guerra no meu estômago, e um arrepio de animação cobria a minha pele. Olhei para a minha banda, meus melhores amigos, meus irmãos, e bati no punho de cada um deles.

– Vamos com tudo – sussurrei animado.

– É isso aí – concordou Lando, enquanto Benji e Jude vibravam empolgados.

Subimos no palco, sem nos importarmos que os clientes do bar não pareciam interessados na banda que se preparava para tocar.

Passei a alça da minha guitarra pela cabeça – um presente de aniversário de Jace no ano passado – e olhei para trás para me certificar de que os outros caras estavam em posição e prontos para começar.

Meu olhar passeou pela pequena plateia, até encontrá-lo no canto de trás, então o encarei ao mesmo tempo que meu estômago embrulhava. Um sorriso rápido se abriu em meus lábios e meu nervosismo desapareceu instantaneamente.

Oi, balbuciei para Jace.

Oi, balbuciou de volta.

E foi assim que fiz meu primeiro show pago, com um sorriso bobo no rosto e tanto amor no coração que pensei que fosse explodir.



Depois da nossa apresentação, tirei a guitarra e pulei para fora do palco, indo direto em direção ao Jace. Meus dedos coçavam para sentir sua pele, e meus lábios almejavam os dele.

Ele estava nos fundos do bar me esperando com um sorriso. Quando cheguei até ele, meu coração batia tão forte que pensei que fosse pular para fora do meu peito. Puxei-o num abraço e encostei a testa na dele, deixando nossas respirações se misturarem e nossos narizes roçarem.

– Você veio – sussurrei, passando os dedos pelos seus cabelos.

– Eu não perderia isso por nada no mundo. Você foi fantástico. Você vai ser uma estrela do rock e eu vou afastar homens e mulheres de você com um pedaço de pau.

– Eu sempre serei só seu – prometi a ele enquanto a euforia tomava conta de mim pelo resto da cena que ele criava. *Uma estrela do rock...* isso não seria incrível? Talvez algum dia...

Encostei os lábios nos dele, sem me importar com quem estava olhando. Eu sabia que algum dia estaria encarando o mundo e chamaria Jace de meu marido. Algum dia, estaríamos juntos de verdade, sem milhares de quilômetros entre nós durante nove meses do ano.

– Eu amo você – murmurei contra seus lábios. – Eu te amo tanto.

– Por Deus, Linc, eu também te amo. Mais do que jamais pensei que poderia amar alguém.

Outro beijo, desta vez nossos lábios se abriram e nossas línguas se acariciaram e se exploraram, reconhecendo-se depois de três meses de separação. Foi agriçoce. Um leve alívio antes de mais seis meses separados. Mas, depois do próximo verão, tudo seria diferente. Nós estaremos formados e estamos conversando sobre ir para a mesma universidade. Estes seriam os últimos seis meses que ficaríamos separados, e esse pensamento encheu meu coração de alegria, expulsando todas as partes obscuras.

– Você já precisa voltar para a casa da sua tia?

– Preciso. Queria não precisar, mas disse que iria dar uma volta. Não consegui pensar numa mentira melhor.

– Entendo. Me liga mais tarde? Adoro ouvir sua voz antes de dormir.

– Você é tão ridículo – brincou Jace.

– Ei, você ama minha *alma de artista ferido*, como você diz com tanto carinho.

– Eu amo – concordou Jace. – Vou sentir sua falta. Mal posso esperar para chegar o verão de novo.

– Eu também, Sardentinho. Eu também.

Dois anos depois

– Puta merda, ouviu isso? – perguntou Jude, colando o ouvido na porta verde. Ele se virou sorrindo, eu estava igualmente ansioso e apavorado. – Dá para ouvir o público daqui. Isso é doideira.

Jude fez uma dancinha da vitória enquanto Lando e eu forçamos

sorrisos. Eu não sabia o que estava acontecendo com Lando, mas ele estava diferente nas últimas semanas, mais quieto, mais triste. Achei que ele estaria empolgado para começar nossa primeira turnê. Nosso primeiro álbum tinha ficado no topo das paradas com várias músicas e quase todos os locais das turnês estavam esgotados. Era isso, todos os nossos sonhos estavam se concretizando.

Então, por que parecia tão vazio?

– Estão prontos? – Archer enfiou a cabeça pela fresta da porta para perguntar.

– Pode crer! – gritou Benji, pulando nas costas de Jude, fazendo um movimento de laço sobre a cabeça dele.

Isso abriu um sorriso no rosto de Lando, mas, mesmo assim, não consegui entender. Só conseguia lembrar do nosso primeiro show de verdade e em como foi ver Jace em meio ao público.

Eu me perguntava o quanto ele me odiou por deixá-lo. O quanto ele me odiou pela música Alameda Cherry. Será que algum dia ele me perdoaria? Será que algum dia eu teria a chance de explicar por que tive que fazer o que fiz?

Então, eu o imaginei na Universidade do Michigan, uma das melhores faculdades de epidemiologia, aproveitando os benefícios de uma bolsa integral. Era tudo o que ele sempre quis; claro que eu tinha que garantir que ele seguisse o próprio sonho. Afinal, ali estava eu, vivendo o meu.

Segui os caras para fora da sala verde, direto para o palco. A multidão gritava, e foi tudo como eu sonhava desde quando era um garotinho ouvindo Led Zeppelin no meu quarto.

Olhei para a minha banda, com um sorriso estampado no rosto.

– Olá, Nova Iorque!

Outro grito veio da multidão e meu sorriso se tornou autêntico. E quando começamos a tocar... a música é como um batismo para a minha alma fragmentada.

Faixa 3: Lado A

Nossos Fantasmas

Lincoln

O ritmo está todo errado. Não é uma das nossas músicas. Soa quase como...

Abro os olhos confuso, com todos os tipos de fios e cabos presos no meu corpo e um sinal sonoro irritante ao fundo.

– Bem-vindo de volta, cuzão.

Reconheço a voz de Archer à minha esquerda, enquanto tento me orientar.

– Eu morri? – pergunto.

– Não dessa vez, mas não foi por falta de tentativa da sua parte.

Viro a cabeça e vejo o empresário da banda, que normalmente é sério, olhando para mim preocupado.

– O que aconteceu, Archer?

– Você ficou bêbado pra caralho e desmaiou na sua varanda em pleno dezembro, quando fazia menos dez graus do lado de fora.

– Merda – resmungo, contraindo os dedos, grato por ainda estarem todos ali.

– Foi uma puta idiotice para um cara cujo ganha pão depende da habilidade dos dez dedos – repreende Archer. – Sem falar que tive que chamar a ambulância, então, é claro que já está em todos os sites de fofoca a esta hora.

– Foi mal. – Deixo minha cabeça cair para trás no travesseiro, difícil sustentar o peso de tudo.

– Lincoln, estou preocupado com você.

– Eu estou bem – respondo rápido. – Só quero ir para casa. Pode, por favor, chamar o médico ou a enfermeira, ou quem quer que possa me dar alta, para eu dar o fora daqui?

Archer hesita por um segundo, e eu percebo que ele está pensando no assunto. Suspiro de alívio quando ele se vira e sai do quarto sem discutir.

Recosto no travesseiro e fecho os olhos. Algo pesado se instala no meu peito, e tudo o que quero é ir para casa, me jogar na cama e não sair de lá durante os próximos dias. Quero minha lâmina, algumas garrafas de Jack e ficar sozinho.

– Que bom vê-lo acordado e se sentindo bem, Sr. Miller – diz uma jovem mulher de uniforme ao entrar no quarto com Archer em seu encalço.

– Sim, me sinto ótimo. Posso ir para casa?

– Preciso verificar seus sinais vitais e conversar com o médico, mas, se estiver tudo bem, não vejo por que não.

– Porra, obrigado – resmungo, estendendo o braço quando ela se aproxima com a braçadeira para medir a pressão.

– Quer um pouco de privacidade? – pergunta ela, lançando um olhar em direção a Archer.

Dou de ombros e viro a cabeça para o outro lado, olhando pela janela.

Não sei se estou aliviado por Archer ter me encontrado ontem à noite ou não. Se ele não tivesse me achado, não existiria mais dor. Claro que meus companheiros de banda sentiriam a minha falta por um tempo, mas eles ficariam melhor sem mim no final das contas. Caralho, talvez eles encontrassem um vocalista que não fosse tão fodido.

– Seus sinais vitais estão bons – informa a enfermeira depois de alguns minutos me apertando. – Vou te liberar com a indicação de alguns programas de apoio que podem te ajudar.

– Eu não sou alcoólatra – informo-a com uma voz insípida, a exaustão toma conta de mim como se fosse um cobertor pesado. Uma sensação que se tornou familiar com o passar dos anos. O tipo de exaustão profunda que me prende na cama por vários dias, cansado demais para comer ou beber, cansado demais para fazer qualquer coisa que não seja dormir e pensar no fracassado de merda que sou.

– Mesmo que não seja alcoólatra, não dói ter uma rede de apoio.

– Está bem – suspiro, sem me importar em continuar a discussão. Ela pode me dar todos os panfletos que quiser; vou jogar tudo fora quando chegar em casa.

Ela dá um tapinha no meu braço e um sorriso tranquilizador.

– O médico deve chegar logo para te ver.

Assinto e fecho os olhos. Talvez se eu fingir estar dormindo, Archer me deixe um pouco sozinho.

Minhas pálpebras estão pesadas quando me obrigo a abri-las e procuro pelo quarto por algum indício da hora ou do dia. Não vejo nenhuma luz espreitando das cortinas, o que significa que deve ser noite ou madrugada. E quanto ao dia? Não saberia nem chutar a data de hoje. Durante os últimos dias, acordar e dormir se misturam. Levantei-me para ir ao banheiro algumas vezes, mas, fora isso, não fiz nada além de ficar deitado aqui e pensar em todas as maneiras que peguei coisas maravilhosas e as transformei em merda. Sou tipo um Rei Midas ao contrário. Uma coceirinha no fundo da minha mente me diz que tem uma música em algum lugar por ali, esperando para ser criada. Mas nem me incomodo em me levantar e escrever nada.

Será que ainda estou vivo? Talvez eu tenha morrido na minha varanda naquela noite e estou no inferno. O simples pensamento é mais aterrorizante do que deveria ser.

Com uma descarga de mais energia do que tive em dias, pego a lâmina na minha mesa de cabeceira e passo o polegar pela base afiada. Ofego diante da ardência e observo com deslumbramento o sangue pingar da ferida recente. Se eu estivesse morto, não sangraria, certo?

Coloco o polegar ensanguentado na boca e o gosto salgado e metálico toca a minha língua. Então, minhas pálpebras se fecham novamente.

Quando volto a acordar, é porque tem alguém andando pela minha cobertura. Registro o barulho de vidro quebrando e tento me preocupar por ter alguém aqui..., mas não me importo. Deixe que entrem e destruam o meu apartamento, roubem as minhas coisas, levem as fotos para vender para a mídia. Não estou nem aí.

Viro para o outro lado e puxo o cobertor pelos meus ombros. Agora, a luz se infiltra através das cortinas, mas não me dá nenhuma pista de verdade de quanto tempo estou dormindo ou de que dia é. Eu me pergunto quantos dias faltam para o início da nossa turnê. Com certeza alguém virá me acordar para isso. Não é como se eles pudessem fazer isso sem mim.

Meus olhos começam a se fechar outra vez, quando me assusto com o barulho da porta do meu quarto batendo na parede ao abrir. Eu me viro lentamente, minha confusão mental me impede de processar a situação com rapidez.

– Jesus Cristo, Lincoln. – Archer está parado na porta com um olhar julgador e ombros caídos. – Estou ligando há mais de uma hora. Pensei...

– Ainda estou vivo – digo com a voz rouca. Não sei se é uma afirmação ou uma pergunta, mas Archer parece levar como uma afirmação.

– Se você chama *isto* de estar vivo. – Ele aponta para mim, enfiado

na cama. Depois de alguns segundos me encarando, vai até a janela e abre as cortinas. Eu me retraio quando a luz brilhante invade o ambiente. – Você tem que sair deste quarto.

– Hmmm – murmuro uma resposta evasiva, e Archer analisa o cômodo. Seus olhos param na garrafa em cima da minha mesa de cabeceira e franze a testa.

– Você bebeu.

Não consigo me lembrar se bebi ou não. Olho de relance para a garrafa também e a vejo com o líquido pela metade. Se eu bebi, está claro que não foi tanto. Minha boca seca me diz que provavelmente não bebo nada há pelo menos um dia.

– Nós temos que sair deste quarto – repete Archer. – O que acha de tirar férias? Aposto que umas boas férias no Caribe iriam te animar.

– Não temos uma turnê em tipo... – Tento mais uma vez descobrir quanto tempo se passou e falho.

– Lincoln, se olhe num maldito espelho. Já cancelei a turnê, e fui massacrado tanto pela gravadora quanto pelos fãs. Só que não dá para você continuar assim. Desse jeito, vai estar morto em um ano, e a gravadora vai gostar ainda menos.

– Hmmm. – É, tem quem se preocupe se estou vivo: as pessoas que ganham milhões comigo. – Tenho certeza de que a venda do álbum vai disparar quando eu bater as botas. Eles devem estar salivando por isso.

Archer ignora meu comentário, arrancando meu cobertor.

– Levanta sua bunda dessa cama e vai para o chuveiro, senão vou te arrastar para fora deste quarto pelos cabelos.

– Você costumava ser gentil comigo – resmungo, saindo da cama.

– É, e sua veia destrutiva costumava ser uma peculiaridade encantadora da sua personalidade.

Vou até o banheiro e ligo a água. Enquanto espero esquentar, meu olhar pousa nos azulejos de mármore branco do chão. Eles tiveram que ser trocados depois que me cortei, porque não conseguiram remover as manchas vermelho-amarronzadas do rejunte.

Tiro a cueca, entro debaixo da ducha quente e solto um leve gemido. Archer vai receber os créditos por isso, mas consigo sentir o cansaço diminuir um pouco. Eu teria levantado da cama hoje de qualquer maneira. Ou amanhã.

Fecho os olhos e tento me imaginar numa praia em algum lugar como sugeriu Archer, o sol queimando a minha pele e uma bebida na mão. Não parece certo.

Levo um tempo tirando do meu corpo o suor e a sujeira de dias, ignorando meu estômago que ronca. Um hambúrguer grande e gorduroso cairia bem.

Quando finalmente saio do banheiro com uma toalha na cintura, o

cheiro de carne e queijo provocam meu nariz.

– Você pediu comida para mim? – grito para Archer.

– Claro. Duvido que você tenha comido desde o último sábado.

– Que dia é hoje?

– Quarta. Vá logo se vestir e venha comer e beber alguma coisa.

Fiz o que ele falou, vestindo uma calça de pijama e uma camisa lisa que deve ter custado duzentos dólares porque tem o nome de um estilista na etiqueta.

Vou até a cozinha e sento numa das banquetas perto do balcão. Archer já está comendo um hambúrguer e não perco tempo em devorar o meu. Comemos num silêncio sociável, mas assim que a comida acaba, Archer me olha fixamente de um jeito que me diz que eu estou prestes a levar um sermão.

– Agora que você está de banho tomado e alimentado, precisamos voltar a um assunto extremamente necessário – começa Archer, e eu gesticulo para ele prosseguir e falar como eu sou fodido. – Estou preocupado com você, Linc.

Eu me retraio diante do seu tom e do uso do apelido que nunca permito.

– Se eu não me importo, por que você se importa?

– É exatamente *por isso* que eu tenho que me importar. Se você não está nem aí se vive ou morre, alguém precisa se preocupar com você.

– Eu não sei o que você quer de mim, Archer.

– Fiz tudo o que estava ao meu alcance para te deixar feliz e distraído demais para se preocupar, mas nada parece funcionar. Acho que está na hora de todos nós tirarmos uma folga. Odeio dizer isso, mas vocês estão desmoronando, e isso não é bom para nenhum de nós. Benji é o único de vocês que não está numa queda vertiginosa... sem trocadilhos. Jude está descontrolado, Lando não compõe uma música nova há quase um ano, e você...

Assinto, incapaz de encarar seu olhar. Sinto como se estivesse sendo repreendido pelo meu pai. Não que Archer seja *tão* mais velho que eu. Ele deve ter uns quinze anos a mais do que eu, só que é muito mais centrado, poderia muito bem estar em um mundo diferente do meu.

– Uma folga cairia bem – concordo.

– Tem algum lugar que você gostaria de ir? Barbados? St. John? Jamaica? Posso providenciar tudo.

A imagem da casa do lago dos meus pais surge na minha mente. Não vou lá há dez anos, mas, de repente, é o único lugar que consigo pensar em ir. É como se estivesse me chamando para casa, uma parte de mim que esqueci há muito tempo.

– Mount Pleasant – solto.

– Onde?

– Wisconsin. Quero que você compre a casa de verão dos meus pais;

vou para lá – declaro, a ideia parece melhor à medida que penso nela.

– Você quer ficar infeliz e sozinho no meio da floresta em pleno Natal?

– Só compre a maldita casa. Ofereça o que eles quiserem.

Jace

Leio o bilhete em minhas mãos pela quinta vez, sem conseguir acreditar que é de verdade.

Não suspeitei minimamente que Amanda não estava feliz. E vir para casa e encontrar o nosso apartamento limpo e uma carta no estilo *Querido John*...

Um buraco se abre no meu peito enquanto leio suas palavras duras mais uma vez:

Nós dois sabemos que você nunca me amou, pelo menos não da maneira que eu precisava ser amada. Sempre esperei acordar um dia e encontrar esse amor magicamente nos seus olhos. Mas isso nunca aconteceu. Eu não sou o amor da sua vida, Jace. E mereço ser o amor da vida do meu futuro marido. Nós desperdiçamos muito tempo em um relacionamento que não vai a lugar nenhum.

Acho que o que dói mais é perceber que não fui muito bom em esconder isso dela. Ela estava certa, o amor da minha vida me deixou dez anos atrás sem nem um *adeus*. E, por mais que eu fosse amar ter suas bolas como um troféu, não posso negar que ele foi o *único*.

Mas isso não significa que eu não amasse a Amanda. Verdade, eu não a amei como amei o Lincoln, mas isso nem é uma comparação justa. Eu amei o Linc com toda a entrega irresponsável do primeiro amor. Eu amei o Linc de um jeito que só os adolescentes que nunca sofreram por amor podem amar. E aí ele me destruiu e eu aprendi uma lição valiosa.

Amanda foi uma ótima companhia. Compartilhamos valores parecidos, e acho que ela daria uma ótima mãe. Não entendo onde eu errei. Acho que poderia ter existido mais ardor e paixão entre nós. Não me entenda mal, no nosso primeiro ano juntos, a cama pegava fogo, mas nos últimos três... não tanto.

Larguei a carta e enterrei o rosto nas mãos. Deus, Amanda estava certa. Estou tentando me lembrar da última vez que o sexo não foi superficial. Não consigo me lembrar da última vez em que a beijei. Nós éramos colegas de quarto, não namorados.

Peguei meu telefone e liguei para Joel, meu irmão.

- E aí, maninho? – Ele atendeu no segundo toque.
- Amanda foi embora. – Minha voz saiu vazia e robótica até para os meus ouvidos, só consigo imaginar como soou para o meu irmão.
- Foi embora de vez? Ela pegou as coisas e se mudou, ou vocês tiveram uma briga e ela saiu para esfriar a cabeça?
- De vez. Ela me deixou uma carta, o anel de noivado e a chave do apartamento.
- Vocês brigaram? Ou é possível que seja algo tipo um ultimato? Vocês estão noivos há um tempão, talvez ela esteja tentando te fazer marcar uma data? – sugere Joel.
- Não. – Belisco a ponte do meu nariz e inclino a cabeça para trás. – Nós não brigamos... *nunca*. Acho que o problema era esse.
- Não entendi – admite Joel.
- Brigar é passional. Não que a gente queira brigar o tempo todo ou algo assim, mas a gente tem que brigar às vezes num relacionamento. Estou me dando conta de que talvez nenhum de nós se importou o suficiente para fazer isso dar certo.
- Você vai ficar bem? – pergunta Joel.
- Vou. Mas acho que preciso de um tempo longe para cair a ficha de verdade. É meio que o momento perfeito; é o último dia do semestre antes das férias de inverno, e eu ia começar minha nova cultura de bactérias amanhã. Se adiar, posso aproveitar as próximas quatro semanas de férias e começar meu novo experimento antes do próximo semestre começar na primavera.
- Vá para a casa do lago. Já estive lá no inverno? É maravilhoso nessa época do ano.
- Não vou à casa do lago há anos – reflito mais para mim mesmo.
- Depois do último verão que passei lá com Lincoln – o que também já tem uma vida – eu me recusei a voltar. Lá têm muitos fantasmas de lembranças felizes para me assombrarem. Mas talvez esteja na hora de encará-los de uma vez por todas. Talvez esteja na hora de me exorcizar dessas lembranças para quando o próximo homem ou mulher aparecer, eu esteja pronto para lhes dar mais do que um coque de quarto.
- Ai, merda, esqueci... – diz Joel de forma apologética. – Tem um milhão de lugares onde você poderia tirar férias. Eu te convidaria para vir para cá, mas não estarei em casa no Natal, então, não faz muito sentido.
- Não, eu vou para a casa do lago – falo decidido. Preciso fazer isso. Sinto falta daquele lugar.
- Está certo. Você se lembra de onde a chave está escondida e todo o resto?
- Claro. Obrigado por escutar meus lamentos. Você se importa se eu te ligar no Natal, mesmo estando do outro lado do mundo?

- Você sabe que pode me ligar quando quiser, não importa onde eu esteja. Eu te amo, mano.
- Também te amo.

Faixa 4: Lado A

Mentiras e Adeus

Lincoln

Minha mala está aberta em cima da minha cama, esperando que eu a encha com tudo o que precisarei no tempo em que ficarei fora. Porém, de pé de frente para o meu armário cheio de roupas caras de grife, odeio tudo em que coloco a mão. Essas roupas não me representam. Nem mesmo me lembro de comprar a maioria delas. E não devo ter comprado mesmo. Pego uma camiseta preta surrada do Metallica e sorrio. Esta é minha.

Ergo a camiseta até o nariz e a cheiro com vontade, alguma parte idealista do meu cérebro espera que eu consiga um rastro do cheiro do verão no lago, que costumava sempre ficar nas minhas roupas durante semanas depois de voltar para casa. O cheiro do lago, do brilho do sol e de Jace.

Sinto uma dor no coração quando o único cheiro que preenche meu nariz é o do sabão floral e do mofo do armário. Lágrimas estúpidas fazem meus olhos arderem enquanto embolo a camiseta e a jogo dentro da mala.

Aguardo na porta de entrada, esperando para encarar a ira inevitável dos meus companheiros de banda, os homens que, um dia, foram meus irmãos antes de tudo ficar tão fodido. Nós nunca deveríamos ter assinado o contrato com a Epic Records. Deveríamos ter continuado uma banda de garagem, tocando por diversão em botecos nos finais de semana. Eu poderia ter encontrado algum emprego chato em horário comercial e voltado para casa, para Jace, todas as noites. Meu peito dói ao pensar que poderia ter escolhido esse futuro. Não entendo como isso pode parecer tão vazio e tão pleno ao mesmo tempo. Será que haveria algum modo de eu conseguir ter a

minha música e o amor da minha vida ao mesmo tempo?

– Ei, cara. – A cabeça de Lando aparece com um sorriso cauteloso.

– Ei. – Aceno para ele. Dois outros colegas da banda vêm logo atrás dele, Jude e Benji. Todos os três parecem estar num funeral dentro do meu quarto. – Quem morreu? – brinco.

Benji estreita o olhar para mim.

– Por pouco não foi você, cabeçudo. – Suas palavras não são venenosas, e eu logo me sinto um babaca ainda maior do que já sabia que era.

– Sinto muito, não foi de propósito.

– Nunca é – Lando ri de deboche. – Não dá para continuar desse jeito. Isso não é problema só seu, Lincoln. – Ele lança um olhar de soslaio para Jude, que está encostado na parede com seus braços grossos cruzados.

Jude ergue a sobancelha para Lando e se estica.

– Quer falar alguma coisa? – desafia Jude.

– Nada que já não tenhamos falado centenas de vezes – responde Lando, se recusando a recuar, mesmo quando Jude invade seu espaço.

– Será que dá pra deixar essa merda de competição de quem tem o pau maior para mais tarde? – sugere Benji, tirando seus longos cabelos loiros do ombro. – Achamos que tirar uma folguinha, como Archer propôs, é uma boa ideia. Vai ser bom para todos nós dar uma clareada na mente. E não tiramos férias há séculos.

– É – concordo distraidamente, puxando um fio da minha camiseta.

– O que vocês vão fazer?

– Eu estava pensando em ir para a Flórida por um tempo – diz Lando, olhando para baixo. Demoro um segundo para me dar conta do porquê ele ficou envergonhado. Flórida é um lugar perfeitamente normal para se passar férias. Aí, lembrei-me de sua confissão quando estava bêbado, seis anos atrás, sobre um homem que ele conheceu e com quem passou um longo final de semana pouco antes da nossa primeira turnê. Ele mal conhecia o cara, mas tinha certeza de que havia se apaixonado. Nem sei dizer quantas músicas ele escreveu sobre o homem cujo nome não me contou.

– Parece legal.

Ele assente e acaricia sua barba espessa como costuma fazer quando se sente inseguro.

– E você, Benji?

– Estou pensando em ir para casa por um tempo. Meio que sinto saudades dos meus pais e da sensação de estar numa cidade pequena onde todos se metem na vida dos outros.

– Vai ver se reata com o ex? – provoca Lando.

– Já te falei, London e eu não estávamos *juntos*, a gente meio que só ficava quando éramos adolescentes. Experimentando, sabe? Só sinto

que me faria bem aproveitar a sensação de *lar* neste momento.

– Com certeza – concordo. – E você, Jude? – Quase tenho medo de perguntar como ele planeja passar o período sabático.

– Não se preocupe comigo; Archer está fazendo bastante por todos. – As palavras de Jude têm uma pitada de veneno que me impede de sondar mais.

– Gente, isso não é o fim. É só uma pausa e, quando voltarmos, estaremos mais fortes do que nunca – assegurei-lhes com mais confiança do que sentia.

– Claro, parceiro. – Lando me dá um tapinha no ombro, Benji faz um joinha e Jude olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Depois que eles vão embora, volto a olhar para o meu armário e resolvo comprar roupas novas assim que chegar em Wisconsin. Quero deixar tudo o que tem a ver com esta vida para trás, pelo menos por algumas semanas. As únicas companhias que quero são o meu violão e os fantasmas do passado.

Uma caixinha de papelão cheia de lâminas de barbear novas me chama da minha cômoda. Ouvi todos os sermões de como sou um exemplo e que me cortar poderia estragar ou acabar com a minha vida por completo. Mas isso não detém a necessidade que eu sinto fundo no meu peito. A necessidade de uma dor controlável, a necessidade de alguma coisa para controlar numa vida em que tudo sempre parece estar correndo tão rápido ao meu redor que nunca consigo alcançar nada, e muito menos passar à frente.

– Não vão te deixar entrar com isso no avião – a voz de Archie me assusta quando pego a caixa.

– Jesus Cristo, avise antes de se esgueirar e me fazer infartar.

– Achei que você tivesse me ouvido entrar, desculpe. – Ele não parece arrependido, mas não tenho energia para repreendê-lo mais.

Suspiro, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás. Procuro na minha alma um pingo de gratidão por ele ter salvado a minha vida e não encontro nada. Eu *quero* ser feliz, mas só o que sinto é... indiferença. Já faz muito tempo que não sinto nada além de indiferença.

– Essa pausa vai te fazer bem, Lincoln. Se precisar me ligar a hora que for, se seus demônios estiverem intensos demais, ou se estiver tendo uma daquelas noites em que você não se importa se vive ou morre, por favor, me liga. – A voz de Archer vacila, e sinto uma pontinha de culpa pela dor que causei às pessoas. Isso é algo que consigo sentir sem problema nenhum, igual a um babaca.

– Claro, se eu morrer, você vai ter que encontrar uma nova banda para agenciar – brinco.

– Nem brinca com isso. Passei quase todos os dias dos últimos dez anos com você; eu me importo com você.

– É – resmungo.
– A que horas é o seu voo? Precisa de carona até o aeroporto? – oferece Archer.

– Obrigado, mas já pedi um carro. Olha, não se preocupe comigo enquanto estivermos de férias, está bem? Você também merece férias.

– Vou tentar, Linc, mas não prometo nada.

Num impulso, avanço um passo e puxo Archer num abraço, acariciando suas costas e desfrutando da sensação de conforto que sua presença me dá.

– Cuida do Jude, tá?

– Isso eu posso te prometer com certeza. Contratei uma pessoa para ficar de olho nele e, se o pior acontecer, vou levá-lo para a minha casa afastada da civilização para mantê-lo longe de problemas.

– Você conseguiu uma babá para ele? – pergunto, me divertindo com a ideia de alguém ser pago para ficar seguindo Jude por aí e *tentar* afastá-lo de problemas.

– Acredite, se alguém pode lidar com Jude é o Bennett.

– Então, você conhece esse cara pessoalmente?

A bochecha de Archer fica levemente corada, e ele abaixa a cabeça para evitar meu olhar.

– Nós, é... namoramos – admite.

– Não brinca? Foi sério? – Não sei por que estou me intrometendo, mas Archer nunca falou espontaneamente sobre sua vida pessoal. Eu nem tinha certeza de que ele era gay até agora. Achei que poderia ser, mas em dez anos nunca tive uma confirmação oficial.

– Chegamos a noivar.

– Putz, sinto muito. Você vai ficar de boa com ele por perto?

– Vou, isso faz muito tempo. Nós tínhamos vinte e dois anos e éramos idiotas, se tivéssemos nos casado, não teríamos durado. Já faz vinte anos, seria muito triste se eu ainda estivesse preso a ele. – Archer ri constrangido, se vira para o meu armário, começa a pegar roupas e a colocar na minha mala.

– Não vou levar nada disso.

– Você precisa de roupas – argumenta ele.

– Eu odeio essas roupas. Vou comprar novas.

– Certo. – Ele dá de ombros, olhando em volta impotentemente, como se tivesse medo de que eu fosse bisbilhotar mais. Mas sei que é melhor não cutucar feridas como esta. E, no mesmo instante, me vejo daqui a seis anos, ainda com fixação em Jace, e só de pensar parece que tenho uma faca nas entranhas. Não sei como Archer consegue ficar tão bem estando machucado por dentro. Nunca soube que ele havia perdido um amor, então, é óbvio que ele lida com isso melhor do que eu.

Acho que deve ser por isso que meu pai sempre me odiou:

dramático, patético, com emoções demais que nunca consegui esconder. *Meninos não choram.*

Meu celular vibra, notificando que meu carro está esperando lá embaixo.

– Se cuida... e me ligue se precisar de *qualquer coisa* – insiste Archer.

Assinto e dou um apertãozinho em seu ombro em agradecimento, antes de pegar minha mala pateticamente vazia e sair do meu apartamento sem olhar para trás.



Eu me acomodo no meu assento no avião, deitando a cabeça no encosto, e fecho os olhos. Não quero olhar para todos os imbecis pretensiosos sentados perto de mim na primeira classe. Disse para o Archer reservar um assento na classe econômica, mas ele se recusou. Todo esse maldito dinheiro e não posso ter as coisas do jeito que quero. Deveria ter ido dirigindo para Wisconsin, pelo menos assim eu poderia ter trazido as lâminas de barbear. Surpreendentemente, as companhias aéreas têm problema com passageiros que levam lâminas nos bolsos, vai entender.

– Ai, meu Deus, você é Lincoln Miller? – pergunta uma jovem, sentada ao meu lado. Suspiro internamente.

– Não, mas ouço muito isso – minto.

– Ah... – Seu semblante desmonta, e eu me sinto um babaca. Nada de novo nisso. Lincoln Miller, babaca extraordinariamente inútil, prazer em te conhecer.

Coloco os fones de ouvido para abafar o falatório das pessoas por ali, me perdendo numa linha de baixo que Archer me enviou antes de eu ir embora. Eu deveria estar de férias, mas isso não o impediu de me dar uma porra de um trabalho de casa.

Ainda não tem letra. Ninguém além de Archer e eu sabemos disso, mas Lando não escreve nada há um ano. Ele tinha um caderninho cheio de músicas antigas que usou para o nosso último álbum, mas agora está esgotado. O único motivo de ele ter me contado foi porque esperava que eu pudesse escrever as músicas para o nosso próximo álbum. Não posso. Quando respondi isso para ele, só faltou ele me bater. Só mais um tijolo sendo arrancado do nosso muro que, algum dia, já foi impenetrável.

Queda Vertiginosa, acertamos essa porra deste nome em cheio. Ainda me lembro da noite em que escolhemos. Estávamos entusiasmados por causa da conquista de fazer nosso primeiro show pago, e percebemos que não podíamos continuar nos chamando de “*a banda*”. Bebemos e fomos falando nomes, que iam ficando cada vez mais escandalosos à medida que as garrafas de bebida esvaziavam.

– *Que tal Queda Vertiginosa?* – *sugeriu Jude.*
– *Queda Vertiginosa?* – *indagou Benji cético.*
– *É, assim, quando chegarmos ao topo e começarmos a nos drogar e tal, se alguém tentar ficar tipo “vocês precisam se recompor, estão numa queda vertiginosa”, podemos responder “ah, você é fã?”.*

Todos rimos pra caralho da explicação que Jude deu para o nome da banda e, por unanimidade, concordamos que essa foi a melhor ideia entre todos os nomes. Onze anos se passaram, e acabou que o nome era mais uma previsão do que uma piada.

Jace

Larguei minhas malas no corredor de entrada da casa do lago e franzi o nariz diante do cheiro de mofo no lugar. Será que sempre teve esse cheiro e eu nunca percebi?

A maioria das minhas lembranças deste lugar não são da casa de maneira nenhuma. Na verdade, se eu fechar os olhos e tentar me lembrar de como era o cheiro, a única coisa que vem à minha mente é o cheiro de suor e de bala de caramelo.

Meu estômago revira.

Eu *não* vou deixar a porra do Lincoln Miller estragar as minhas férias. Parte dessa viagem é para isso: finalmente deixar o passado bem quietinho no passado, para eu poder seguir em frente de uma vez por todas. A partir de agora, não vou ceder nem mais um segundo do meu pensamento para Lincoln, sua banda de merda, ou para os verões que passamos juntos aqui na adolescência.

Vou até a cozinha, torcendo para que ainda haja alguma bebida por lá. Só porque não venho aqui há anos, não significa que a casa tenha ficado vazia. E, em algum momento, alguém deve ter trazido algumas bebidas e as esquecido.

Verifico todos os armários, mas estão todos vazios.

Sem problemas, tenho que ir ao mercado da cidade mesmo. Mas, talvez, uma parada no bar da cidade primeiro, para um drinque rápido, seja uma boa ideia.

Fecho a porta do armário e, quando me viro, meu olhar fixa na casa que dá para ver da janela da cozinha. Meu coração se contrai de dor conforme as lembranças tomam conta de mim. Quase consigo ver o Jace mais novo, tão despreocupado e totalmente pleno, correndo pelo quintal com seu melhor amigo. Dá vontade de abrir a janela e gritar para aquele garoto idiota tomar cuidado. Ele pode pensar que Lincoln é seu melhor amigo neste momento, mas dentro de alguns anos, se

tornará outra coisa – algo muito maior do que qualquer um deles poderia imaginar. E aí ele partirá o coração do pobre garoto.

Me livro da imagem e viro de costas para a janela. Certo, a partir de *agora*, chega de pensar em Lincoln.

Calço novamente as botas e pego as chaves antes de sair. A neve fresca range sob minhas botas enquanto caminho até o SUV que aluguei pelas próximas quatro semanas. Impossível não amar os benefícios de ser um funcionário público. O salário não é digno de elogios, mas as férias e o plano de saúde são excelentes.

A cidadezinha, que fica a um quilômetro e meio da casa, não mudou nadinha em dez anos. As mesmas lojinhas ainda ladeiam a Rua Principal, com o supermercado no fim da quadra. Passo pelo Ravis e sorrio diante de outra lembrança. Todos os adolescentes populares se reuniam no estacionamento, incluindo meu irmão. Eu queria tanto estar entre eles, fazer parte. Isso até Lincoln me convencer do quanto éramos melhores sem todos aqueles babacas falsos e arrogantes. Ainda consigo me lembrar da sensação esmagadora que senti naquele verão em que percebi que estaria disposto a trocar milhares de amigos por Lincoln. Aquele foi o início da minha paixonite por ele, embora não soubesse disso na época. Não me dei conta dos meus sentimentos até o verão seguinte, quando estávamos com quinze anos e, do nada, ficar nu na frente de Lincoln se tornou um grande problema.

Aquele verão foi torturante, ficava de pau duro todas as vezes em que Lincoln encostava em mim. Antes disso, eu não tinha reparado no quanto ele era adepto a toques.

Afastei as lembranças mais uma vez e dei um soco no volante.

– Porra, Jace. Se recomponha – repreendi a mim mesmo.

Avistei a placa do bar local, A Torneira, e estacionei na primeira vaga que vi.

Como da última vez em que estive em *Mount Pleasant* eu tinha dezoito anos, nunca fui ao A Torneira. Mas logo reconheci o homem atrás do balcão. Ele era um dos garotos populares daquela época, Blake Hanson. Algumas pessoas se encontram espalhadas pelo bar medonho, parecendo satisfeitas em beber o dia todo.

– Puta merda, Jace Greene? – cumprimenta Blake surpreso. Paro de repente, espantado que ele não apenas tenha me reconhecido, como também lembrava do meu nome completo.

– Ah, sim. Oi, Blake. – Tiro as luvas e as enfio no bolso do casaco, depois subo numa banqueta.

– O que você está fazendo nessa espelunca? Fiquei sabendo que você é um médico importante ou algo assim hoje em dia...

– Sou um epidemiologista – corrijo. – Estou de férias.

– Férias? Deve ter um lugar melhor para passar as férias no meio de dezembro do que esse caralho de Wisconsin.

Ele tem razão. Por que vim para cá? Tenho um bom dinheiro guardado, poderia ter ido para a porra das Ilhas Virgens. Mas ir sozinho para lá não seria depressivo demais? Pelo menos, aqui é depressivo independentemente de ter levado um fora.

– Senti saudades da velha casa – respondo com indiferença.

– Acho que você é louco, mas tudo bem. – Blake ri. – O que vai querer?

– O que tiver na chopeira.

– É pra já.

Blake liga o rádio atrás do balcão e começa a pegar a minha bebida. Quando uma música de merda acaba, outra começa, e esta me atinge como um soco no peito.

– Pode desligar esse caralho de música? – peço, minha voz numa irritação desesperada enquanto tento me acalmar, apesar da letra fluir pelo alto-falante.

Blake olha para mim enquanto serve a minha bebida, com a expressão irritada e confusa.

– Como é que você não gosta de “Alameda Cherry”? É, tipo, a música mais romântica de todos os tempos – contesta Blake. – As garotas tiram as calcinhas na hora em que a música começa. Tenho várias boas lembranças, graças ao bom e velho Lincoln Miller.

– Não é, não. Parece uma música de amor, mas é uma estratégia de merda para ficar rico, de um babaca que não conseguiu manter as promessas que fez – exclamo.

Blake parece atordoado, e o cara ao meu lado olha e me avalia.

– Deixa eu adivinhar... você levou um fora?

– Há dez anos, do imbecil que escreveu essa música.

– Puta merda, eu *sabia* que você e Lincoln tinham alguma coisa naquela época – se gaba Blake.

– É – resmungo, pegando a bebida que ele desliza pelo balcão em minha direção.

– Isso é loucura. Quer dizer que ele te deu o fora quando assinou com a gravadora ou o quê?

– Eu não estou a fim de falar nisso. Pode só mudar de música, por favor?

Blake levanta as mãos em rendição, se virando para mudar a estação, finalmente.

Solto um suspiro de alívio e dou uma golada na cerveja. Não vou sair dessa cidade idiota até ter exorcizado todos os fantasmas de Lincoln Miller que me assombram.

Faixa 5: Lado B

14 Pedacos

Lincoln

Entrei na sala com o estômago revirando de nervoso, e o fedor de álcool pairava no ar como uma névoa pesada. Em meus quatorze anos de vida, isso havia se tornado rotina.

– O que você quer? – explodi com o meu pai, irritado por ter que ficar no mesmo cômodo que ele, principalmente quando havia uma garrafa pela metade ao seu lado. Ele já era mau o bastante sóbrio.

– Eu mandei você limpar a merda do cachorro no jardim e você não limpou – vociferou ele.

– Amanhã eu limpo. É só isso? Posso ir agora?

– Não, não é só isso. Eu levei a porra do seu cachorro para o canil, já que você não quer cuidar daquela porcaria.

– Como é que é? – Chorei, sentindo náusea e dor. Olhei em volta, esperando por qualquer sinal de que ele estivesse mentindo. Mas eu sabia bem. Meu pai não mentia. Isso não é verdade... ele mentia *sim*, mas se lhe dessem escolha entre mentir e machucar, ele escolheria o mal real em qualquer ocasião. – Papai, por favor, não!

– Você é um veadinho do caralho. Olhe para você, choramingando igual a uma menininha por causa de um maldito cachorro.

– Papai – supliquei mais uma vez, sentindo as lágrimas quentes rolares pelo meu rosto.

– Você faz ideia de como fiquei feliz por ter um filho quando você nasceu? E aí você acabou se tornando a maior decepção do mundo. Você é fraco. Meninos não choram, sua bicha do caralho – proferiu, suas palavras rasgavam profundamente o meu coração. Eu estava chorando em silêncio, mas queria cair de joelhos e soluçar até me afogar num rio de lágrimas.

– Bob. – Minha mãe disse seu nome timidamente, lançando-me um olhar nervoso.

– Cala a boca. Isso é tudo culpa sua. Você mimou o garoto e, agora, olha só para ele. – Ele tomou um gole da garrafa e estreitou o olhar para mim. – Saíam da porra da minha vista os dois.

Saí, subindo a escada correndo para o meu quarto para poder ficar sozinho com a minha tristeza. Buddy era o único amigo que eu tinha, além de Jace, claro, e agora eu estava completamente sozinho.

Me joguei na cama e chorei até as lágrimas esgotarem. Meu pai não estava errado; eu era uma falsificação de um menino. Quando meu pai não estava por perto, minha mãe me dizia carinhosamente que eu era sensível e especial. Eu não me sentia especial. Eu me sentia torturado com um milhão de estilhaços de vidro cortando a minha pele. Um pedacinho afundava mais cada vez que meu pai me chamava de bicha ou me dizia o quanto me odiava. Eu não tinha certeza se ele estava certo sobre eu ser gay, mas achava que devia estar. Não conseguia determinar se isso fazia as palavras doerem mais ou menos.

Enxuguei os olhos com a camisa e virei na cama. Na minha mesa de cabeceira, meus olhos pousaram num estilete que havia trazido ontem para o meu quarto para usar num trabalho da escola. Ele ficou ali, bem perto, me chamando. E eu o peguei.

Sentei-me na cama, fungando por causa do choro, e segurei o estilete na palma da mão. A lâmina ainda estava nova e afiada, brilhante e fria quando passei o dedo pela superfície larga. Quando alcancei a parte cortante, deixei a ponta do meu dedo dançar delicadamente pela lâmina. Meu coração pulsou numa combinação estranha de nervosismo e adrenalina.

Apliquei um pouco mais de força e o lado afiado da lâmina contra o meu dedo me fez ofegar. Tirei o dedo e observei uma gota de sangue escorrer da ponta e ir descendo, acumulando na palma da minha mão. Eu me arrepiei, sentindo uma calma como nunca antes senti.

Fechei a mão e apertei para sair mais sangue do meu dedo, até o fluxo diminuir. Limpei o sangue na camisa e olhei para a lâmina, que continuava na outra mão.

Com um senso de decisão renovado, levei o estilete ao meu braço esquerdo e corri a lâmina devagar pelo meu antebraço, parando pouco antes do vão do cotovelo. A primeira passada foi suave, deixando apenas linhas rosadas na minha pele. Quando me senti mais confiante, pressionei um pouco mais. Senti só uma leve ardência antes de ver o sangue escorrendo da ferida. Lambi os lábios, me sentindo orgulhoso e poderoso conforme o vermelho ia se espalhando pelo meu braço. *Esta* era uma dor minha, que eu podia controlar, e ninguém a usaria contra mim. Era um corte mais aceitável do que o modo com que as palavras do meu pai arrancavam minhas entranhas e deixavam cicatrizes.

Faixa 6: Lado A

Alameda Cherry

Lincoln

Meu coração dispara lentamente quando estaciono em frente à velha casa na Alameda Cherry. Minhas mãos tremem, e não é por causa do frio. Nunca pensei que voltaria aqui. Diabos, fiquei surpreso por meus pais concordarem em vender. Nem mesmo me preocupei em perguntar ao Archer o quanto essa espelunca me custou. Sinceramente, ainda deve ter sido menos do que o as roupas que deixei no armário em Nova Iorque. Gastei milhões em merdas que nunca quis e nunca usei. Não importa quanto este lugar me custou, porque é a única coisa que vale o dinheiro.

No banco de trás do carro alugado, peguei minha mala, meu violão e a sacola plástica da loja de conveniência onde parei no caminho da cidade. Deveria ter parado para comer, mas era a última coisa em que pensava conforme me aproximava de *Mount Pleasant*. No meu coração, eu sentia como se estivesse finalmente voltando para casa.

Mas, agora que estou sentado aqui, olhando para uma casa escura, vazia e coberta de neve, meu coração está lentamente se dando conta de que a casa nunca foi um lar, o *lago* não era nada de especial. Sempre foi Jace.

Em que eu estava pensando ao vir aqui para cá me torturar com lembranças do amor que joguei fora?

Minha garganta fecha e meus olhos queimam por causa das lágrimas acumuladas. Pego a sacola plástica e, quando meus dedos encostam na caixa de papelão cheia de lâminas de barbear, o aperto no meu peito dá uma aliviada.

Saio do carro e dou alguns passos para a esquerda, para poder olhar ao redor, na direção de onde fica a casa da família de Jace. Ela parece

tão triste e vazia quanto a minha.

Meus pés cobertos pelos tênis afundam na neve até o tornozelo e eu me arrepio. Tenho que lembrar de comprar botas quando sair para comprar roupas novas.

A porta da frente range quando a abro. Sou atingido por um cheiro de poeira e mofo. É óbvio que meus pais não vêm aqui há alguns anos. Tiro os tênis com os pés e arranco as meias ensopadas, jogando-as no chão ao lado dos tênis.

Archer me perguntou se eu queria pagar alguém para vir aqui limpar, trazer uns móveis novos, deixar o lugar agradável antes de eu chegar. Eu disse que *não*, queria o sofá verde feio onde Jace e eu costumávamos dar uns amassos quando nossos pais saíam para beber. Queria a mesa da cozinha onde Jace e eu gravamos nossos nomes quando tínhamos oito anos. Queria a cama de solteiro onde Jace tirou a minha virgindade quando tínhamos dezessete anos.

Largo minhas coisas no chão do lado do sofá e vou em linha reta até o armário do corredor. Abro a porta e tusso quando uma nuvem de poeira me envolve, entrando na minha boca e no meu nariz. Quando consigo voltar a respirar, alcanço a prateleira do alto, tateando com os dedos pela superfície lisa. Finalmente, as pontas dos meus dedos roçam na beirada áspera de um caderno e o puxo.

Sem me importar com o quanto ele está empoeirado e amarelado, eu o prendo ao meu peito, deixando uma lágrima escapar e rolar pelo meu rosto. Abro o caderno e tracejo as letras bagunçadas que cobrem todas as páginas. Folheio até encontrar uma página com uma fotografia, escondida na borda para evitar que caia.

Sento-me no chão, agarrando com força o caderno, e viro a foto para vê-la.

É uma foto minha com Jace. Tínhamos dezesseis anos e estávamos bronzeados, sorrindo para a câmera com os braços nos ombros um do outro. Eu mal reconheço o menino de cabelos escuros sorrindo: eu.

Colocando a foto de lado, leio o que está escrito.

06 de agosto de 2006

Eu pensei de verdade que tinha me apaixonado por Jace no início do verão. Todos os sinais estavam lá: meu coração batia mais rápido quando ele estava por perto, não conseguia tirar da minha cabeça a ideia de beijá-lo e, sempre que ele ria, algo no meu estômago se manifestava. Mas alguma coisa aconteceu hoje e, agora, me dei conta de que estava muito errado. Hoje, eu beijei Jace... e ele retribuiu o beijo! Nem consigo descrever como é a sensação de ter seus lábios se movimentando contra os meus, e o jeito com que sua língua preencheu a minha boca... fico duro só de lembrar. Pensei que o amasse no início do verão, mas se o amava naquele momento, não tenho

palavras para descrever o que sinto por ele agora. Sou tipo um balão de gás hélio, tão cheio que posso explodir. Vou ficar com Jace para sempre, eu sei disso da mesma forma que sei que o céu é azul.

Balanço a cabeça e fecho o caderno, sem me importar em terminar o registro fantasioso, e outra nuvem de poeira irrita meu nariz. Eu deveria ter escutado meu eu de dezesseis anos. Minha banda era ótima, mas não se compara ao Jace. E, logo, não terei nenhum dos dois.

Deixo o caderno onde está e pego a sacola do chão. Eu me jogo no sofá e pego a caixa de lâminas de barbear.

Viro a lâmina nova entre os dedos distraidamente. Meu corpo vibra ao imaginar o primeiro contato da lâmina na pele... a adrenalina, a libertação.

Meu celular apita no meu bolso. Largo a lâmina e pego o celular para ver a mensagem de Archer que diz simplesmente “me liga”.

Clico no botão de ligar e me recosto no sofá enquanto ouço o sinal de chamar do telefone, esperando que Archer atenda. Deixo meu olhar vagar um pouco mais pela casa, assimilando todas as teias de aranha e as camadas de poeira. Vou ter que limpar este lugar se for ficar aqui por um tempo. O que significa que, no fim das contas, terei que ir até o mercado hoje à noite. Se esperar, vou desistir.

– Ei, Lincoln – atende Archer.

– Oi, está tudo bem?

– Ia te perguntar a mesma coisa. Chegou bem aí? Como está se sentindo?

Bufo e reviro os olhos. Se eu estivesse com alguma tendência suicida agora, o que ele faria estando lá em Nova Iorque? Ligaria para a polícia local de repente?

– Não estou por um fio, nem nada disso – tranquilizo-o.

– Isso não é uma piada, Lincoln. Assim que você foi embora, comecei a questionar a minha sanidade por ter te deixado ir sozinho. Por que não contrato alguém para ir ficar aí com você? Ou poderia mandar qualquer um dos rapazes aí. Você não deveria ficar sozinho.

– Eu não preciso que me arrume uma babá, e os caras merecem umas férias e uma chance de relaxar tanto quanto eu. Arch, eu juro que estou bem. Acho que um tempo sozinho para limpar minha mente é exatamente o que o médico prescreveu.

Archer solta o ar audivelmente do outro lado da linha e fica em silêncio por vários segundos antes de voltar a falar.

– Eu te amo, cara.

– Eu também amo você, Arch.

Depois de desligarmos, levanto-me e coloco meu antigo diário na mesa da cozinha. O bom de estar numa cidade no meio do nada como

esta é que o supermercado também é o único lugar para se comprar roupas e sapatos. Assim, posso matar vários coelhos com uma cajadada só.

Jace

Depois de vários copos, a dor e as lembranças foram amortecidas a um nível suportável. Estou pronto para completar minha missão inicial de fazer compras, voltar para a casa e continuar bebendo até quase entrar em coma.

Acerto minha conta e fecho o zíper do casaco, sem muita vontade de enfrentar o frio lá fora. Blake tinha razão, eu era louco por vir passar férias no norte de Wisconsin em dezembro.

– Nos vemos por aí? – pergunta Blake.

– Sim, vou ficar por algumas semanas; tenho certeza de que volto aqui. Boa noite.

O ar frio congela meus pulmões assim que saio. Aperto o capuz nas orelhas e caminho pela rua até o mercado. É a única loja de rede na cidadezinha, e faliu algumas lojas locais quando abriu.

Pego um carrinho e começo a caminhar pelos corredores, pegando qualquer coisa que pareça boa e fácil. As lâmpadas fluorescentes cercam tudo com uma luz forte; os alto-falantes tocam uma música animada aleatória. Me sinto como se estivesse em um dos círculos do inferno de Dante, só não sei bem em qual.

Jogo algumas latas de sopa no carrinho e continuo em direção ao próximo corredor para pegar alguns itens de limpeza, para não ter que viver na poeira e na sujeira pelas próximas semanas. Quando viro o corredor, tentando não bater na extremidade inoportuna, paro de repente.

Não mesmo. De jeito nenhum.

Balanço a cabeça, querendo que a aparição indesejada evapore. Pisco algumas vezes, sem conseguir entender por que ele não desaparece. Nem fodendo que ele é de verdade. É absolutamente impossível que a porra do Lincoln Miller esteja parado a menos de um metro de distância, na porcaria do mercado em *Mount Pleasant, Wisconsin*.

Ele parece absorto, comparando duas marcas diferentes de removedor de mofo e bolor, e meu corpo entra no modo avião. Preciso dar o fora daqui antes que ele me veja. Preciso abandonar meu carrinho de compras e sair voando não só da loja, mas da porra do estado. Vou pegar um voo direto para *Florida Keys*. É um lugar bem mais sensato para se passar as férias mesmo.

Viro depressa, esquecendo da gôndola irritante atrás de mim, fazendo-a cair com um barulhão.

Lincoln levanta a cabeça e eu prendo a respiração, me perguntando se tem alguma possibilidade de ele não me ver ou não me reconhecer.

Ele congela quando nossos olhares se encontram, piscando inúmeras vezes como se quisesse limpar a visão, exatamente como eu tinha feito. Meu coração golpeia meu peito como um pássaro tentando se libertar. Que se foda Lincoln Miller por me deixar dez anos atrás. Foda-se ele por ter a coragem de voltar quando estou tentando libertar meu coração dele de uma vez por todas. E foda-se ele por estar ainda mais bonito do que eu lembro, com os braços cheios de tatuagens coloridas e deslumbrantes, e com o olhar cheio de dor.

– Jace? – indaga num sussurro, deixando cair os itens que estava segurando e vindo em minha direção como se eu fosse desaparecer a qualquer segundo.

O desejo em seu olhar e o jeito com que ele tenta me tocar me tiram do torpor. Endireito os ombros e deixo toda a mágoa e raiva dominarem qualquer sentimento de alegria que meu coração idiota sintia ao ver Linc outra vez.

– Veja só se não é o Lorde dos Imbecis em pessoa – debocho.

A expressão de Lincoln desaba, e ele olha em volta como se só agora se desse conta de que não está sonhando.

– Sinto muito, eu não esperava...

– É, a vida é cheia de coisas inesperadas – concordo de maneira venenosa. – Olha, é melhor eu ir. Tenha uma ótima vida.

Ele não fala nada quando passo por ele sem olhar para trás.

Se ele está aqui, significa que está na sua velha casa, certo? Como caralhos vou evitá-lo estando a menos de dez metros de distância? Por quanto tempo ele vai ficar?

Saio atordoado e corro para o carro. Assim que entro, pego o celular e ligo para Joel.

– E aí, mano, o que manda? Como está a região?

– Ele está aqui – desabafo de uma vez, olhando pela janela como se tivesse com medo de ele aparecer de repente e começar a bater para deixá-lo entrar, como um assassino em série num filme de terror.

– Quem está aí? – pergunta Joel.

– Ele.

– Lincoln está aí? Puta merda. Que merda ele está fazendo aí?

– Sei lá. Nos vimos, aí eu fiz um comentário sarcástico e saí. Que caralhos eu vou fazer? Este tempo seria para relaxar e me renovar, agora a porra do meu ex vai estar bem atrás de mim, me torturando.

– *Atrás de você* – Joel solta uma gargalhada.

– Pelo amor, Joel, dá para fingir que você tem mesmo trinta anos e não quinze, por malditos dois minutos?

– Desculpa, sinto muito. Olha, não acho que deva deixá-lo fugir. Talvez seja isso que você precisa para finalmente seguir em frente: um desfecho. Ele foi embora sem nenhuma explicação há anos, e é por isso que você ficou preso a ele. Talvez, se conseguir esclarecer as coisas, poderá, enfim, seguir com a sua vida e ser feliz.

– Cacete, acho que tem razão. É o seguinte, vou ficar uns dias e ver como me sinto. Se for uma merda, estarei num avião para Cancun no fim da semana.

– Justo.

– Certo, obrigado pelo conselho. Falo com você mais tarde, te amo, mano.

– Eu também amo você, garoto.

Desligo e bato a cabeça no volante algumas vezes. Depois, me recomponho e volto para a casa, esperando pra caralho não dar de cara com Lincoln de novo quando chegar lá.

Lincoln

Abro as cortinas e dou uma olhada na casa de Jace pela quinta vez. Ele está só a alguns metros de distância e tudo dentro de mim me diz para ir até lá e dizer algumas palavras mágicas para consertar o mundo.

Fiquei atônito quando levantei o olhar e vi Jace na minha frente no supermercado. Ele sempre foi bonito, todo magricela e nerd, com aqueles óculos de armação grossa. Os óculos ainda estão ali, mas qualquer outro traço do menino desajeitado pelo qual me apaixonei tinha desaparecido. Agora, ele é um homem. Um homem muito puto. Não posso culpá-lo; eu também me odeio pelo que fiz.

Meu coração dói quando olho para o brilho quente das luzes vindo da casa atrás de mim. Mal consigo ver a sombra de Jace se movimentando lá dentro, tão perto e, ainda assim, totalmente inalcançável.

Eu desistiria de tudo por uma segunda chance com Jace. Talvez seja isso mesmo: uma segunda chance para fazer o certo. Mas, primeiro, preciso provar para ele que não cometerei os mesmos erros.

Não sei por quanto tempo ele vai ficar aqui, então, preciso de um plano. Hoje à noite, vou limpar a casa e elaborar um plano infalível. E amanhã começo a tentar reconquistar Jace.

Tiro os lençóis velhos e cheios de mofo da minha cama e coloco os lençóis limpos e novos que comprei no mercado. Depois, tiro minhas roupas e as deixo numa pilha. Deslizo entre os lençóis, puxando o edredom até o queixo, e me permito fingir por apenas um segundo

que tenho dezessete anos de novo, e em alguns minutos Jace subirá pela minha janela e me manterá acordado a noite toda.

Faixa 7: Lado B

15 Corações Rabiscados

Lincoln

Enxuguei minhas mãos suadas na calça jeans e preparei meus nervos enquanto abria a porta dos fundos. Ela rangeu, e eu saí sabendo que perderia a coragem se não fosse agora. Nos meus quinze anos de vida, nunca fiquei tão nervoso para ver Jace.

Não fazia sentido algum estar tão nervoso. Nós passamos todos os verões juntos desde que posso me lembrar. E o que é que tem se eu comecei a olhar Jace de maneira diferente no último verão? Tinha certeza de que quando o visse de novo, seria tudo normal. Eu olharia para ele e sentiria que ele é como um irmão, como sempre foi.

Corri pela grama que separava nossas casas e levantei a mão para bater na sua porta.

– Lincoln, eu estava me perguntando quando você viria aqui – a mãe de Jace me recebe ao abrir a porta.

– Oi, Sra. Greene. Que bom te ver de novo.

– Sempre muito educado. Você está crescendo muito rápido, igual ao Jace. Já tem a carteira de habilitação provisória?

– Ainda não, senhora. Vou fazer aulas de direção no outono, aí eu pego.

– Que bom, acho que meu pobre coração ainda não está pronto para ver vocês dois dirigindo. Deixa eu ir chamar o Jace, que ele já vem. Eu sei que vai ficar animado em te ver, ele não para de falar de você.

Senti uma descarga de felicidade em meu coração com essas palavras. Jace pensava em mim quando não estávamos juntos? Seria possível que ele pensasse em mim como eu pensava nele? Improvável, mas possível. Não é?

Fiquei esperando na varanda, chutando gravetos e observando os

esquilos correndo para cima e para baixo nas árvores. O barulho da porta abrindo atrás de mim fez meu coração acelerar e pôs um sorriso no meu rosto. Juro que deu para sentir a presença de Jace me envolvendo e me preenchendo com raios de felicidade.

Eu me virei e vi Jace com um sorriso tão largo quanto o meu. Quis atravessar a varanda e abraçá-lo. Quis cheirá-lo para descobrir se ele ainda usava aquele mesmo xampu de coco do ano passado. Quis descobrir se seus lábios eram tão macios quanto pareciam.

Merda, isso está muito longe do normal que eu esperava.

Mexi os pés e enfiei as mãos nos bolsos.

– Oi, Sardentinho.

Jace mostrou o dedo do meio por causa do apelido que ele não gostava.

– Você não pode me chamar assim pelo menos até eu pegar um pouco de sol para trazer a magia das sardas com força total.

– Não me lembro de concordar com esta regra.

– Está calor, quer ir nadar? – sugeriu ele, ignorando minha brincadeira.

– Sim, já estou de sunga por baixo da calça.

– Eu também.

Um silêncio constrangedor, que nunca esteve ali antes, pairou entre nós. Eu só poderia culpar os sentimentos estranhos que devo estar projetando nele. Se eu quisesse tocar e beijar Jace, isso faria de mim gay? Provavelmente eu já deveria ter percebido isso antes dos quinze anos, mas nunca pensei muito em meninos ou *meninas* até o verão passado, quando comecei a reparar em Jace de maneira diferente. Será que Jace saiu com muitas meninas na cidade dele?

Desci a escada atrás dele e o segui até o lago, a poucos metros de distância. Ele tirou a camisa enquanto andava e eu fiquei de boca seca. Estava hipnotizado pelo jeito com que os músculos magros em suas costas se mexiam conforme ele andava e o jeito com que o sol banhava sua pele. Queria ser capaz de cobri-lo por inteiro da mesma forma que o sol.

– Você já saiu com garotas? – deixei escapar quando nos aproximamos da beira da água, nos livrando do resto das roupas.

– Humm... na verdade, não. – Um rubor subiu pelo rosto de Jace, e eu comemorei internamente.

– Nem eu. Só estava curioso. – Dei de ombros e Jace inclinou a cabeça como se estivesse tentando me desvendar.

– O último a chegar na água é um ovo podre – proclamou sem avisar, me deixando com a calça no meio das pernas enquanto se atirava do píer para dentro do lago turvo.

Quase tropecei tentando me livrar da calça, então, pulei do píer, fazendo questão de espirrar bastante água no momento em que Jace

voltava para a superfície.

Abri os olhos debaixo d'água e vi Jace a alguns centímetros na minha frente. Estava embaçado, mas já era o suficiente para ter certeza de que ele estaria bem na minha frente quando eu emergisse jogando mais água.

– Ei! – reclamou Jace quando joguei água no rosto dele.

– Ei! – gritei de volta sorrindo, jogando água nele mais uma vez, e ri.

– Você vai pagar por isso. – Jace empurrou a água para cima de mim.

Eu avancei nele, começando uma luta enquanto tentávamos “afogar” um ao outro. A sensação da pele molhada de Jace foi como eletricidade, fazendo meu sangue ferver e meu corpo responder lá embaixo. Afastei-me dele, rezando desesperadamente para que, colocando um pequeno espaço entre nós, pudesse acalmar meu corpo.

Olhei para o meu melhor amigo, maravilhado pelo jeito com que o sol batia nas gotas de água depositadas em seu rosto e em como seu sorriso era brilhante. Isso me atingiu como um soco no estômago: eu estava apaixonado pelo Jace.

– Você está bem, Linc? Está com cara de quem vai vomitar.

– Ótimo – respondi com um tom fraco, pouco convincente. – Só acabei de me dar conta de que estou com muita fome. Quer ir até a loja da esquina comer alguma coisa?

– Quero – concordou Jace, colocando os cabelos para trás, depois nadou de volta para o píer.

Meus olhos o seguiram enquanto ele saía da água, sua sunga encharcada deslizou pelos seus quadris e ficou parada na curva da bunda dele.

– Você não vem? – perguntou ele, se virando para me ver ainda dentro do lago.

– Vou.

Jace

Lincoln estava agindo estranho. Será possível ele ter descoberto o meu segredo? Será que eu me entreguei de algum jeito?

Há três anos, este tem sido o meu maior medo, que Lincoln descubra e que ele não queira mais ser meu amigo. Eu não tinha nenhum amigo na minha cidade. Os três meses do ano que passava com Lincoln era o único período em que eu me sentia normal. Todos os garotos na minha escola sabiam, incluindo meu irmão. Eu estava agradecido por ele não ter contado aos nossos pais, mas eu sabia que

eu logo contaria. Eu não *queria* esconder quem eu era, mas sabia que Lincoln se sentiria estranho se soubesse.

– Corrida até o chuveiro – sugeriu Lincoln com um sorriso malicioso, disparando antes que eu tivesse a chance de responder.

Corri atrás dele em direção ao chuveiro que ficava do lado de fora atrás da sua casa. Quando o alcancei, ele já estava tirando a sunga.

A visão da bunda redonda nua de Lincoln fez minha boca secar instantaneamente. Ela balançava de um lado para o outro conforme tirava a sunga, e então ele se inclinou, e um suspiro alto escapou de mim.

– Você está bem, Sardentinho? – perguntou Lincoln, olhando por sobre o ombro.

Eu me virei depressa numa tentativa de esconder minha ereção. Me apressei para tirar a sunga, desejando que a minha ereção desaparecesse antes de eu ter que me virar de novo. Peguei minha calça e a vesti depressa, meu coração disparou de medo que Lincoln pudesse ver.

A mão de Lincoln tocou as minhas costas e eu quase morri de susto.

– Uou, desculpa.

Olhei por sobre o ombro outra vez e o vi olhando mortificado.

– Está tudo bem – afastei-o, vestindo a camisa. – Vamos.

Se eu não conseguisse manter meu interesse por Lincoln sob controle, esse verão seria uma tortura.

Faixa 8: Lado A

Azulejos Carmesim

Lincoln

Levanto a mão e hesito por um segundo antes de decidir levar isso até o fim. Bato forte na porta e coloco a mão no bolso para protegê-la da temperatura gélida.

A porta abre e meu coração para... depois dispara violentamente contra as minhas costelas diante da visão de Jace. É como se ele reconhecesse sua outra metade, finalmente próximo depois de uma eternidade separados.

Devo ter pegado Jace acabando de acordar, porque ele está vestindo uma calça larga de flanela e uma camiseta branca justa. Seus cabelos estão bagunçados e seus óculos de aros grossos estão onde deveriam estar.

– O que você quer, caralho? – explode, me tirando dos meus devaneios como um tapa frio.

– Podemos conversar?

Jace me encara por vários longos segundos, mordendo o lábio inferior, antes de balançar a cabeça.

– Não se deve chutar cachorro morto, Linc. – Ele se afasta para fechar a porta e eu coloco a mão para impedi-lo.

– Eu fiz a escolha errada – solto.

– Não brinca. Eu poderia ter te dito isso há dez anos, mas você nunca se importou em me perguntar – explode Jace, seus olhos brilham de raiva. – Você sempre disse que éramos você e eu contra o mundo. Mas assim que o mundo te chamou, você saiu pela porta sem nem a gentileza de dizer adeus.

– Não foi assim – contestei, minha voz falhando com o apelo para que Jace me ouvisse, me desse uma segunda chance que nós dois

sabemos que eu não mereço.

– Eu não estou nem aí para como foi – diz Jace com um tom de voz triste e defensivo. – Eu te superei há muito tempo, então, por favor, não volte para abrir antigas feridas.

Abaixo a mão diante da dureza em suas palavras, mesmo merecendo cada pinga de ódio que ele nutre por mim. Assim que a porta não está mais contida pela minha mão, Jace a bate, o barulho alto reverbera pela manhã silenciosa como um tiro.

Não sei bem por quanto tempo fico parado em sua varanda, desejando muito que tudo fosse diferente. Ou, pelo menos, que a dor vá embora.

Quando finalmente me mexo, estou pensando nas lâminas afiadas que me esperam no banheiro.

Jace

Puxo a cortina no canto para dar uma espiada lá fora outra vez, e solto um suspiro de alívio quando vejo que ele finalmente foi embora.

Eu te superei há muito tempo. Já contei várias mentiras na vida, mas esta é, de longe, a mais habitual. Substitua “te” por “o” e eu devo ter dito isso milhares de vezes na última década, sempre acompanhado por um sorriso dolorosamente falso.

Meu olhar atravessa o quintal até os fundos da casa de Lincoln. Quantas noites eu me esgueirei por aquela janela, à esquerda da porta dos fundos, e fui direto para a cama de Lincoln? Incontáveis. Incontáveis beijos roubados e promessas de “para sempre” que nunca se cumpriam. Pelo menos, na época, eu tinha a desculpa de ser jovem e ingênuo. Agora, eu não teria nenhuma desculpa para ouvir Linc e ceder um centímetro do muro que ergui em volta do meu coração depois que ele o deixou maltratado e ferido. Então, por que parte de mim quer ouvir o que ele tem a dizer?

Suspiro de frustração e me obrigo a me afastar da janela. Definitivamente, não foi para isso que vim para cá. Na verdade, isto é o oposto do que vim fazer aqui... ou não? E se Joel estiver certo e o único jeito de ter um desfecho é escutando o que Lincoln tem a dizer? Posso ir até lá, ouvir o que quer que ele tenha a dizer sobre a decisão que tomou e depois seguir com a minha vida.

Meu coração dá um pulo diante da ideia de estar perto de Lincoln de novo, e balanço a cabeça por causa da minha estupidez. Isso só pode acabar mal.

Preciso de uma segunda opinião, e só tem uma pessoa no mundo em quem confio além de Joel.

Volto para o quarto e pego meu celular na mesa de cabeceira. Puxo a coberta até a cabeça para bloquear o mundo, e ligo para o meu melhor amigo.

– Jace! Como você está? Já morreu congelado nesse deserto de *Wisconsin*, imagino? – atende Wyatt.

– Ainda estou vivo, infelizmente – digo sem vigor.

– Oh-oh, qual o problema? – pergunta Wyatt, mudando instantaneamente de voz de melhor amigo para voz de terapeuta.

Wyatt e eu nos conhecemos no primeiro ano da Universidade de Michigan. Tínhamos dormitórios bem em frente um do outro no corredor, e logo nos reconhecemos como aliados num andar cheio de atletas e héteros crônicos. Não apenas éramos decididamente *não* héteros, como também éramos completamente nerds. Enquanto todos os outros que conhecíamos passavam os finais de semana na farra, nós ficávamos estudando juntos e planejando quais atividades extracurriculares ficariam melhor no currículo.

No terceiro ano, fomos morar juntos, e assim continuamos por toda a pós-graduação. Depois, por algum acaso do destino, nós dois conseguimos emprego em Seattle. Eu sempre disse para Wyatt que sentia que o universo estava determinado a que fôssemos amigos. Wyatt não acreditava em destino nem em nada tão ridículo, mas Wyatt era o meu herói, e eu não conseguia me livrar da sensação de que estávamos destinados a nos conhecer.

Ele praticamente salvou a minha vida enquanto eu lutava para superar Lincoln. Ele queimou artigos de revistas sobre o *Queda Vertiginosa* comigo, me ajudou a lidar com a minha crise de identidade quando me dei conta de que era bi e não gay, e estava ao meu lado quando meus pais morreram. Além de Lincoln, Wyatt é o melhor amigo que já tive. É péssimo não sentirmos nenhuma atração sexual um pelo outro.

– Você nunca vai acreditar com quem dei de cara ontem à noite.

– Michael Jackson? – palpita Wyatt.

– Como? Não, ele está morto, como diabos eu daria de cara com ele?

– É isso que deixaria tão inacreditável – destaca Wyatt.

– Meu Deus, você é tão estranho. Não. Foi a porra do Lincoln Miller.

– Não fode? – se sobressalta Wyatt. – Falou com ele? Deu um chute no saco dele? Cara, me conta tudo.

Eu rio, já agradecido por ter ligado para Wyatt, porque ninguém me anima como ele.

– Eu não dei um chute no saco dele, mas ainda não descartei a ideia. Eu o vi no supermercado e agi como um completo retardado, saindo antes que ele pudesse me dizer qualquer coisa. E, hoje de manhã, ele estava parado na minha varanda implorando por uma

chance de se explicar. Ele disse que cometeu um erro, e parecia muito infeliz. Eu falei para ele dar o fora, mas parte de mim quer lhe dar uma chance para ele se explicar. É muito doido? É loucura, não é?

– Jace, respira. Eu não acho que seja loucura você procurar por um desfecho.

– É?

– Ele te deixou sem nenhuma explicação; você merece saber por que ele fez aquela escolha. Eu acho que seria bom para você finalmente resolver isso e deixar tudo para trás. Você merece a oportunidade de seguir com sua vida.

Respiro fundo. Wyatt nunca erra sobre esse tipo de coisa e, se ele acha uma boa ideia, tenho que confiar nele.

– Certo, vou fazer isso, mas, se explodir tudo na minha cara, você será o culpado.

– Justo – concorda com uma risada. – Agora, vai lá exigir umas respostas. E, se tiver a chance, dê um chute no saco dele por mim.

– Vou dar.

Depois do apoio moral de Wyatt, saio da cama e demoro um pouco tomando café. Então, me visto e caminho pela neve até a casa de Lincoln.

Bato na porta dos fundos e espero ele atender. Dá para ver um carro na entrada, então, ele está aqui. Quando se passam alguns minutos sem resposta, tento a maçaneta e vejo que a porta está destrancada. Mas que merda... se a pior coisa que eu fizer a Lincoln for invadir sua privacidade, ele vai se safar muito fácil.

Lincoln

Encaro hipnotizado as gotículas de sangue se formando pela linha fina que fiz na parte superior da minha coxa.

– Jesus, Linc. Pensei que, em dez anos, você teria encontrado alguns mecanismos de superação melhores. – O tom de censura de Jace me assusta. Jogo a cabeça para cima e o vejo na porta do meu banheiro com uma expressão de reprovação. Todo o meu corpo ferve. Ele me procurou, e está preocupado comigo. Isso tem que ser um sinal de que existe uma chance de corrigir as coisas, certo?

– O que está fazendo aqui? – pergunto.

– Aparentemente, sendo um imbecil – resmunga Jace antes de ir até o armário e pegar uma toalha.

Antes de saber o que está acontecendo, Jace se senta de pernas cruzadas na minha frente, segurando a toalha na minha coxa.

– Eu estou bem – falo, mas não me afasto do seu toque nem um

centímetro. Preciso muito disso.

– Isso é discutível.

Suspiro e me encosto na parede, observando Jace enquanto ele se recusa resistentemente a olhar para qualquer outro lugar que não seja a toalha em sua mão. Tem uma pequena ruga de concentração entre seus olhos, e sua língua aparece entre seus dentes. Meu coração dá um pulso e se agita como um pássaro na gaiola, tentando desesperadamente se aproximar do seu dono.

– Isso significa que você está disposto a conversar? – pergunto.

– Não sei, Linc. Não pensei muito nisso antes de entrar aqui. É como se eu fosse sonâmbulo ou algo assim.

– Bem, estou contente que esteja aqui, embora eu não mereça.

Jace suspira e balança a cabeça. Ele olha para mim com os olhos cheios de um milhão de emoções.

– Soube que você escreveu a música “Azulejos Carmesins” sobre uma tentativa de suicídio – indaga ele depois de alguns segundos, me surpreendendo com a mudança de assunto.

– *Tentativa de suicídio* é um pouco forte demais – zombo.

– Você não tentou se matar? – questiona Jace, seu olhar cravado em mim.

– Não estou dizendo isso. Só acho que *tentativa de suicídio* implica em certa premeditação. Eu não planejei. Eu nem estava pensando em querer morrer na hora. Eu estava parado no banheiro e me senti tão entorpecido que mal conseguia respirar. – Minha voz treme conforme as lembranças daquela noite tomam conta de mim. – Quando olhei para baixo, não fiquei surpreso em ver a lâmina afiada manchada de vermelho. Mas fiquei surpreso pela quantidade de sangue que saía do meu pulso. Observei hipnotizado enquanto gotejava no chão originalmente branco. Depois de alguns minutos, comecei a me sentir cansado, então, me deitei e fiquei olhando o rio de sangue fluir para dentro das linhas do rejunte e se espalhar pelo chão. Foi aí que me dei conta de que iria morrer.

– Linc. – Jace põe a mão sobre a minha, e lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto.

– Você sabe em que pensei enquanto estava deitado lá morrendo? – pergunto, e Jace balança a cabeça. – Em você, Sardentinho. Eu pensei na queimadura de sol que aparece no seu nariz no fim do verão, na sensação do seu peito batendo contra o meu quando ri e em como eu nunca deveria ter te deixado.

– Por favor, não faça isso. Estou disposto a cutucar essa ferida um pouco, mas você não pode falar esse tipo de coisa.

– Mesmo que seja verdade?

– Principalmente se for verdade.

– Está bem, é justo – concordo. Qualquer coisa para manter Jace

aqui, conversando comigo. – Sobre o que tenho permissão para falar?

– O tempo, esportes, comidas preferidas... – Jace dá uma lista de sugestões.

– Vamos passar por esses temas seguros bem depressa, mas se essas forem as regras, irei cumpri-las.

– Obrigado.

– Então, o que me diz sobre o time local? – brinco.

– Meu Deus, você continua exatamente como sempre foi. – Jace balança a cabeça e eu não consigo saber se isso é uma reclamação ou não.

– É – concordo triste.

Jace

Meu coração vai se partindo enquanto reproduzo a conversa com Linc diversas vezes na minha cabeça. Ele tentou se matar. Eu havia lido os artigos sobre sua autoagressão e a tentativa de suicídio, mas acho que parte de mim sempre pensou que era uma mentira sensacionalista de Hollywood. Por que Lincoln tentaria se matar se já tinha conquistado tudo o que sempre quis? Ele vivia o sonho. Como poderia não estar exultante?

Tiro a toalha para ver se o sangramento parou. Parou, mas isso não significa que ele não vai ter uma infecção. Quem se senta no chão do banheiro sujo de uma maldita casa de férias e se corta? Só Deus sabe que tipo de bactéria tem aqui.

Largo a toalha de lado e me viro de volta para Linc, com a intenção de lhe dar uma bronca enorme sobre suas escolhas idiotas. Mas quando viro a cabeça, percebo o quão perto estamos sentados um do outro num espaço limitado entre a banheira e a pia. Minha perna está encostada na dele e sua respiração sopra em meu rosto. Meus olhos descem para os seus lábios por um breve instante, meu coração bate incredivelmente rápido.

Eu me retiro da zona de perigo que é estar próximo de Lincoln a cada segundo que passa. Não vou ser sugado para isso. Vou lhe dar uma chance de se explicar, de se desculpar, o que quer que ele precise fazer, e aí vou seguir com a minha vida.

– Desde a hora que você me acordou não consegui tomar café da manhã. Você tem alguma comida aqui que eu possa pegar ou é melhor eu ir para casa?

– Não vai embora – responde Linc instantaneamente, segurando meu braço. Ele envolve meu pulso, me fazendo sentir choquinhos. Puxo o braço e me levanto, espanando a calça com as mãos.

Do chão, Linc olha para mim por vários segundos, a expressão em seus olhos *quase* me faz sentir mal por ele. Mas ele criou sua fama, agora pode deitar na cama. Ele fez suas próprias escolhas.

Quando ele enfim se levanta, eu me viro e vou para a cozinha, sem querer deixá-lo tentar me atrair novamente com todos os seus olhares suplicantes e feromônios confusos pairando sobre mim.

Eu não olho para ele enquanto trabalho na cozinha, fazendo uns ovos mexidos, colocando um toque de leite para deixá-los macios e um pouco de cheddar, porque é o queijo preferido de Linc. Dá para ouvi-lo atrás de mim, respirando, se mexendo, existindo onde não deveria.

– Por que fez isso? – pergunto, me arrependendo das palavras assim que elas saem da minha boca. Eu sei que preciso saber para ter um desfecho e seguir em frente. Mas não estou pronto.

– Sardentinho...

– Não, shhh, não responda. Nós vamos conversar sobre isso, só que ainda não estou pronto, só fica quieto por enquanto.

– Onde você trabalha? – pergunta Linc, me surpreendendo com a mudança repentina de assunto.

– No departamento de epidemiologia da Universidade de Washington. Dou algumas aulas e tenho meu laboratório, onde atualmente faço uma pesquisa sobre a resistência ácida de bactérias entéricas.

– Que bom – diz Linc, tão baixo que mal consigo ouvi-lo.

– Resolvi vir para cá nas férias de inverno para espairar. – Não sei por que estou me explicando; tenho todo direito de estar aqui.

– Você não quer passar o Natal com seus pais?

Sua pergunta é como um soco no estômago. Claro que ele não saberia.

– Eles morreram há cinco anos.

– Ai, meu Deus – sobressalta-se Lincoln. – Sinto muito, eu não fazia ideia.

– Claro que não. Como você *iria* saber? – solto, lembrando como foi sofrido chorar a morte deles sozinho. Quantas noites solucei no travesseiro, desejando que Linc estivesse lá para fazer tudo ficar bem de novo? Comecei a me perguntar se os últimos cinco anos não foram um pouco mais do que um pesadelo do qual eu acordaria a qualquer momento.

– Sinto muito – repete. – O que aconteceu?

– Acidente de carro. Um caminhão bateu no carro deles. O motorista dormiu no volante. Podemos parar de falar nisso, por favor?

Uso as costas da mão para enxugar uma lágrima que escapou.

– Como vai o Joel?

– Ótimo. Ele é piloto comercial e adora. Mas vai estar do outro lado do mundo no Natal, então, sou só eu. Eu *estava* planejando

surpreender a minha noiva com uma viagem para o Havai no Natal. Mas, é... ela me deixou na semana passada. Então, aqui estamos.

– Você estava noivo? De uma mulher? – Lincoln parece confuso, horrorizado e com ciúmes ao mesmo tempo, e eu consegui rir através das lágrimas.

– Sim. Aliás, eu sou bi. Não que seja da sua conta, mas descobri na faculdade. Acho que antes eu estava tão preso a você que não reparava em mais ninguém, homem ou mulher.

– Bem, eu ainda sou tão gay quanto o céu é azul. E, infelizmente, meus pais estão vivos e bem. Embora eu não os veja há dez anos, e prefiro manter assim.

Assinto, tirando os ovos da frigideira e colocando-os em dois pratos. Deslizo um para Linc e ele me olha surpreso.

– Você lembra de como eu gosto.

– Eu lembro mais do que gostaria quando se trata de você. Agora, coma.

Faixa 9: Lado B

16 Lágrimas só por Você

Jace

Era o primeiro dia das férias de verão, e eu estava com dezesseis anos e apaixonado por Lincoln Miller. Saí do carro enquanto ele ainda estava parando em frente à nossa casa de verão, e vi Lincoln sentado no píer, o pôr-do-sol colorindo o céu com uma variedade de rosas e laranjas, emoldurando-o como se fosse uma pintura. Passei correndo pela grama, direto para o píer, ansioso para vê-lo depois de nove meses separados. Nós nos falamos muito mais pelo Skype no ano passado do que falávamos antes. Geralmente, mandaríamos mensagem de texto ou e-mail uma vez por semana durante a maior parte do ano letivo. Mas neste ano nos falamos todos os dias e, algumas das nossas conversas eram *interessantes*, para dizer o mínimo.

Minha pele fervia conforme as lembranças da noite passada, das ligações sussurradas, me invadiam.

Fiquei surpreso de ver Lincoln encurvado quando me aproximei dele. Uma tábua rangeu e ele virou a cabeça, arregalando os olhos quando me viu parado atrás dele.

– Jace. – Sua surpresa se transformou em animação, e ele deu um pulo para vir falar comigo. Meu corpo respondeu instantaneamente à sua presença, esquentando e exigindo mais contato, mais de tudo de Lincoln. Mas a reunião real teria que esperar até estarmos longe da vista dos nossos pais.

Lincoln abriu os braços para me abraçar e eu reparei numa vermelhidão. Peguei seu braço e olhei horrorizado para o sangue pingando de seu antebraço.

– Linc, você está machucado. O que aconteceu? – perguntei, olhando em volta de maneira estúpida à procura de algo para parar o

sangramento.

– Ah, não é nada. – Ele tentou puxar o braço, mas eu o segurei com força.

– Como não?

– Não é, olha, já parou de sangrar. – Ele apontou para o sangue diminuindo, uma gota de sangue coagulado se formava ao longo de um corte fino.

– O que aconteceu? – perguntei mais uma vez. Aí, meus olhos pousaram numa pequena lâmina de barbear largada onde ele estava sentado... manchada de sangue. – Você se cortou de propósito?

– Não é nada de mais – insistiu Lincoln, com súplica em seu olhar.

– É um pedido de socorro ou...? – Balancei a cabeça, incapaz de suportar a dor que agitava meu coração diante da ideia de Lincoln se machucar de propósito.

– Sardentinho, não é...

– Se você disser mais uma vez que não é nada de mais, eu vou gritar.

A expressão de Lincoln mudou e eu me virei, saindo num rompante. Dava para ouvir os passos atrás de mim enquanto eu me afastava das nossas casas, em direção à floresta, querendo ficar sozinho em algum lugar por um tempo para processar isso.

Lincoln

Putá que pariu. Eu *não* queria que Jace me visse me cortando. Eu sabia que ver, entender um pouco da dor com a qual convivo, magoaria Jace. Ele sabia que meu pai era um babaca, mas acho que não entendia. Como ele poderia entender se seus pais eram tão maravilhosos? Ele tinha medo de se revelar, mas eu sabia que seus pais, no fim, iriam aceitá-lo. Mas eu? Se meu pai algum dia descobrisse que eu era gay, não é exagero dizer que ele me mataria. Ele já me odiava do jeito que eu era: delicado, fraco, sensível. Se ele soubesse que, além disso, eu gostava de meninos? Ele não apoiaria de jeito nenhum. Não sei bem como minha mãe se sentiria. Nem é como se isso importasse, porque eu sabia que ela seguiria a atitude do meu pai.

Como eu poderia explicar ao Jace que a dor de me cortar era terapêutico para mim?

Assim que chegamos longe o suficiente das nossas casas a ponto de nossos pais não conseguirem ver, segurei Jace para impedi-lo de ir mais longe, e o puxei para o meu corpo.

– Linc, para com isso – brigou por entre os dentes.

– Sardentinho – suavizei a minha voz e olhei para ele daquele jeito que sabia que ele não conseguia resistir, ele havia me dito no ano passado. – Estou com saudades.

Os ombros de Jace relaxaram e ele me deixou puxá-lo mais para perto.

– Queria que você me deixasse ficar puto com você de vez em quando, Linc. Só quero uma hora para te odiar, pode me dar isso? – reclamou Jace enquanto eu o abraçava pela cintura e repousava o queixo no alto de sua cabeça.

– Eu não gosto quando você está puto comigo, Sardentinho. Gosto quando passamos a tarde enlouquecendo um ao outro, sem guardar rancor. – Jace bufou irritado, mas pude ver que ele amoleceu com o que falei. Bem, não *amoleceu*. – Eu te amo, Jace.

Ele se afastou, olhos arregalados, lábios rosados entreabertos de surpresa.

– Como você sabe?

– Você é o meu melhor amigo. Nós nos conhecemos melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, e você me entende. Não posso suportar ficar longe de você; penso em você o tempo todo. Quero um futuro com você, Jace. Quando crescermos e nos organizarmos, você e eu seremos um do outro. Para sempre.

– E-eu também te amo – declarou Jace num sussurro trêmulo. – Linc, me promete que sempre seremos nós dois, independente de qualquer coisa.

– Independente de qualquer coisa – concordo e selo a promessa com um beijo doce e lento, saboreando cada parte do meu primeiro e único amor.

– Por que fez isso, Linc? Não gosto que você se machuque.

– Desculpe, Sardentinho. – Eu me sentei e o coloquei no meu colo, a brisa do início do verão nos rodeava. – As coisas com o meu pai não... estão muito bem.

– Eu sabia que ia mal, só não sabia...

– Eu não *queria* que você soubesse. Ele é um babaca. Mas, pior que isso, é que ele está bebendo mais desde que foi demitido e, às vezes, fica violento com a minha mãe. Se eu deixá-lo ser violento comigo, em vez dela... bem, é melhor. É muita coisa para lidar, e me cortar me faz me sentir melhor. Me faz sentir que existe *alguma coisa* que eu consigo controlar.

– Ah, Linc – suspirou Jace, enterrando o rosto no meu pescoço. Senti suas lágrimas quando elas caíram na minha pele e, a cada gota, pude sentir sua dor, seu medo, seu amor por mim. Suas lágrimas pegaram minha alma machucada e a costuraram ainda melhor do que era antes.

Ficamos assim até seu estômago começar a roncar e a brisa do lago

se tornar um pouco fria demais para suportar.

– Quer ir para minha casa jogar videogame? – sugeri.

– Quero ir para sua casa e fingir que estamos jogando videogame enquanto nos pegamos a tarde toda – rebateu Jace, finalmente parando de chorar por mim.

– Você leu a minha mente.

Faixa 10: Lado A

Brinque com o meu coração como se fosse um N64

Jace

Acordo com uma angústia agitando a boca do meu estômago. Só demoro alguns segundos para constatar a fonte: Lincoln. O que eu não consigo determinar é o que mais me afeta. Será que foi estar perto dele outra vez ontem depois de tantos anos? Será que foi o jeito que ele ficou me olhando? Ou será que foi o fato de entrar no banheiro e encontrá-lo sangrando, e ouvi-lo descrever uma tentativa óbvia de suicídio e ignorá-la como se não fosse nada?

Eu me levanto da cama e xingo quando meu pé toca o chão gelado. Calço um par de meias felpudas que meu irmão me deu no último Natal e vou para a cozinha, numa necessidade desesperada por café.

Mas a imagem de Linc sangrando sozinho não sai da minha cabeça, não importa o quanto eu tente me livrar dela.

– Que merda, Lincoln. – Bato com a mão no balcão perto da cafeteira, puto com Lincoln por me afetar com tanta facilidade. E mais puto comigo mesmo por deixar. *Vou garantir que ele não se mate e estrague a porra das minhas férias, e é só.*

Entro no meu quarto pisando duro para me vestir e, então, caminho penosamente pela neve até a casa de Linc. Bato à porta e, quando não recebo uma resposta, tento a maçaneta. Sem surpresa nenhuma, está destrancada. Não tem motivo para trancar a porta aqui, principalmente no meio do inverno.

Lá dentro, tiro as botas com os pés, sem me importar para onde vão a lama e a neve. Vou direto para o banheiro, abro a porta do armário debaixo da pia e encontro uma caixa de lâminas de barbear. Coloco-as

no meu bolso e continuo procurando no resto da casa por qualquer lâmina perdida, enquanto Lincoln dorme. Quando me convenço de que encontrei todas, vou até a cozinha e preparo um maldito café.

Enfim, Linc sai de seu quarto meio sonolento, mal notando que estou sentado na cozinha. Dou um gole no meu café e rolo a tela pelas notícias no meu celular, esperando pelo inevitável chilique quando ele descobrir que peguei suas navalhas.

– Onde elas estão? – exige Lincoln, saindo do banheiro num acesso de raiva menos de um minuto depois.

– Já eram – respondo simplesmente. Não há por que medir as palavras.

– Mas que merda, Jace? Você não pode simplesmente sair mexendo nas coisas dos outros.

– Não vou ficar sentado vendo você tentar se matar – exclamo energicamente.

– Eu não vou me matar – contesta.

– A história que você me contou ontem à noite diz o contrário. Sem falar no risco de infecção. Você sabia que o meu TCC foi sobre bactérias “comedoras de carne”?

– Esqueci que você é médico – resmunga Lincoln.

– Sim, eu sou médico e acabou essa merda de se cortar, pelo menos enquanto eu estiver por perto para impedir.

– Você vai ficar por perto? – A esperança em sua voz é quase dolorosa até eu me lembrar de tudo o que ele me fez passar.

– Não desse jeito. Mas não vou te deixar se esvair em sangue estando na casa ao lado; isso nunca sairia da minha consciência.

– Este é o único motivo pelo qual você está aqui agora? Para roubar as minhas coisas e me culpar pela minha vida?

– Não, estou aqui porque você tem o creme de café que eu gosto, e eu não queria ir até a cidade para comprar.

– Você está aqui pelo creme de café? – Lincoln ergue a sobrancelha e eu faço uma careta para ele, desafiando-o a continuar forçando a barra. Um sorriso brinca no canto dos seus lábios, mas ele para de provocar, assim, eu me viro de costas para servir uma xícara de café para ele.

Volto a me virar para ele para lhe dar o café e me dou conta de que está sem camisa. Não sei como não reparei nisso antes, provavelmente porque estava me preparando para uma guerra daquelas quando ele percebesse que peguei suas lâminas de barbear. Mas, agora que estou menos distraído, não consigo evitar passear o olhar pelas lindas tatuagens em seus braços e em seu peito. Ele sempre quis ter tatuagens, e eu costumava dizer que ele não deveria ter pressa em colocar uma tinta permanente em sua pele. Caramba! Eu estava errado, porque, minha nossa, fica muito bem nele.

– Você não está com frio? – pergunto, umedecendo os lábios por causa da minha boca seca, incapaz de tirar os olhos do seu peito nu.

– Nem um pouquinho. – Sua voz rouca me arranca dos meus devaneios, alarmes soam na minha mente diante da virada que esta interação deu.

– É melhor eu ir. – Aponto sem jeito para a porta.

– Fica... – implora Linc, segurando meu braço suavemente.

Suspiro, olhando demoradamente para a porta. Não é tarde demais; posso ir embora antes de ser sugado de volta, posso sair correndo daqui e nunca olhar para trás, igual ele fez um milhão de anos atrás.

– Tudo bem, mas você vai ter que vestir uma blusa.

– Combinado – concorda Lincoln com um sorriso. Sua mão permanece no meu braço por mais alguns segundos, quente como um ferro de passar na minha pele.

Quando ele finalmente me solta, suspiro aliviado, pegando minha caneca de café no balcão com as mãos trêmulas.

Ele volta vestindo uma camiseta turística de *Mount Pleasant*, e eu bufo no meu café.

– Que merda é essa que você está vestindo?

– Comprei na loja da cidade. Era isso ou um monte de flanelas. Comprei tipo umas cinco dessas.

– Mas... Por quê? – pergunto, lutando para não rir do seu semblante de indignação. – Você não tinha roupas no seu armário em casa para trazer?

– Eu odiava tudo que tinha no meu armário, então, não trouxe nada quando vim para cá.

Tenho mais umas mil perguntas, mas resolvo deixá-las para lá.

– Então... – assinto desconfortável, tentando me lembrar das coisas que costumávamos conversar quando éramos crianças. Parecia que nunca ficávamos sem assunto.

– Quer jogar videogame? Ainda tenho um Super Nintendo, podemos jogar *Mortal Kombat* se estiver disposto a ser massacrado como nos velhos tempos. – Lincoln me tenta.

– Massacrado? – bufo. – Fala sério, você trapaceava naquela época, e sabe disso.

– Aff... prove.

– Você vai se dar mal – provoco, seguindo Lincoln para a sala.

Sinto como se tivesse entrado numa máquina do tempo quando nos ajoitamos no chão em frente à televisão, com as pernas cruzadas. Lincoln me entrega um controle, e uma pontinha de nostalgia toma conta de mim. Por um segundo, quase me inclino e roubo um beijo, como fazia quando éramos adolescentes.

– Por que está aqui? – solto enquanto Lincoln insere o cartucho do jogo.

Ele congela por um segundo antes de pressionar o botão e se sentar. Ele não diz nada enquanto o jogo inicia, mas o observo tracejar os botões do seu controle de maneira nervosa. Tenho certeza de que ele vai ignorar a minha pergunta, até que, enfim, ele fala:

– Lembra ontem à noite quando você me perguntou sobre o meu acidente, ou seja lá como você queira chamar? – Meu estômago se agita e eu aceno para que ele continue. – Aconteceu um acidente na semana passada e meu empresário, Archer, achou que seria uma boa ideia dar uma pausa.

– Um acidente? – Procuro em seus braços por alguma cicatriz evidente profunda e nova, mas não vejo nada. Isso não significa que ele não tenha se cortado em outro lugar. – Você se cortou?

– Não – apressa-se em responder, balançando a cabeça.

– Então o quê?

– Foi um acidente – enfatiza, me deixando ainda mais nervoso. – Eu estava bebendo...

– E? – incentivo quando ele não continua.

– É isso, de verdade. Eu estava bebendo e peguei no sono... do lado de fora.

– Você pegou no sono, bêbado, do lado de fora, com a temperatura abaixo de 0º? – praticamente grito, meu coração acelera diante da ideia de Lincoln morrer sozinho em algum lugar, congelando até a morte. – Em que diabos você estava pensando?

– Eu não estava pensando. Estava cansado e estressado. Éramos para estar começando uma nova turnê nesta semana e estava tudo se acumulando. – Ele balança a cabeça.

– Jesus, que bom que alguém te encontrou – resmungo.

Lincoln dá de ombros e sinto vontade de dar um chacoalhão nele. Ele quase morreu. Como pode não se importar?

– Vamos jogar pelas nossas velhas apostas? – provoca Lincoln, mudando de assunto ao escolher seu personagem para jogar: Kitana, como sempre.

Olho severamente para ele e balanço a cabeça.

– Não, Linc, não vamos jogar valendo boquetes. Mas valeu a tentativa.

– Você é chato.

Lincoln

Jace está sentado aqui comigo jogando videogame exatamente como nos velhos tempos. Eu sei que ainda tenho uma longa estrada a percorrer para consertar as coisas entre nós dois. Mas esse é um

começo, não é? E a primeira coisa que preciso fazer é conseguir que ele ouça a minha explicação do porquê fiz o que fiz. Ele não vai me perdoar até que eu me desculpe devidamente. Mas não posso me desculpar devidamente até ele estar pronto.

– Se você não quer jogar valendo boquetes, quer apostar o quê? – pergunto, mencionando maliciosamente os boquetes outra vez na esperança de que, se eu o fizer pensar em safadeza, ele esqueça que me odeia.

– O que acha de o vencedor te dar um chute no saco? – sugere Jace e eu rio. Soa estranho e corroído aos meus ouvidos.

– Não sei como eu conseguiria dar um chute no meu próprio saco – pontuo. – E se jogarmos valendo verdades?

– O que quer dizer?

– Quem perder tem que contar alguma verdade para o outro – explico.

Jace fica calado por vários segundos antes de concordar.

O primeiro jogo começa e é como andar de bicicleta. Eu não tinha certeza se me lembraria dos botões certos, mas tudo volta em segundos. O barulho do botão sendo esmagado e palavrões enchem a sala enquanto nossos personagens lutam na pequena tela. Jace consegue dar uns bons golpes, mas eu derrubo seu personagem com certa facilidade, levantando minhas mãos em comemoração depois de dar um *fatality*.

– Merda! – Jace joga o controle no chão.

– Eu trapaceei agora também? – provoco, e Jace me mostra o dedo do meio. – Pague com uma bomba da verdade – lembro.

– Preciso mesmo? – reclama Jace.

– Eu ficaria feliz em aceitar um boquete em vez disso – proponho, e Jace me encara com um olhar que diz “vai sonhando”.

– A verdade, certo... – resmunga Jace, e começa a roer a unha do polegar enquanto pondera. – Eu te odeio mais por “Alameda Cherry” do que por me deixar.

Agora estamos chegando a algum lugar.

– Por quê? – pergunto, querendo me certificar de me desculpar pelas coisas certas quando ele deixar.

– Porra, você me deixou e depois ficou podre de rico cantando uma música sobre o quanto estávamos apaixonados – exclama.

– Você quer o dinheiro? Pode ficar. Pode ficar com cada centavo que já ganhei com a minha carreira na música.

– Eu não quero o seu dinheiro, Linc. Quero voltar no tempo e fazer com que aquela merda toda nunca tenha acontecido.

– Eu também – concordo.

– Vamos jogar, quero revanche.

Na rodada seguinte, Jace me vence com facilidade. Na minha hora

de pagar a aposta, quero confessar o quanto lamento e o quanto me arrependo da pior decisão da minha vida. Mas a tensão que marca seu semblante enquanto ele espera pela minha confissão me diz que ele não está pronto para ouvir tudo o que tenho a dizer. Decido ir devagar.

– Escrevi mais músicas sobre você, só que nunca as mostrei a ninguém da gravadora porque não queria dividi-las com o mundo.

– Você não teve problema nenhum em dividir a primeira. Jesus, Linc, o que quero dizer é que você contou sobre a primeira vez que nós... – Jace balança a cabeça e cerra o maxilar.

– Eu sei, e quis não ter feito isso assim que começamos a gravar. Mas eles não me deixaram voltar atrás. Senti como se tivesse perdido uma parte de nós dois quando deixei o mundo conhecer aquela música, e este é um dos meus maiores arrependimentos.

– Não quero mais jogar – declara Jace, se levantando e indo em direção às suas botas, perto da porta.

– Jace...

– Não posso fazer isso agora, Linc. Preciso de um tempo para pensar.

Quero impedi-lo de ir embora, implorar que ele fique e resolva as coisas. Posso deixá-lo gritar comigo, me bater, qualquer coisa que ele precise para extravasar toda sua raiva para podermos finalmente seguir em frente. Mas sei que não posso obrigá-lo. O único jeito de ter uma chance de consertar as coisas com Jace é se eu for no ritmo dele.

– Tudo bem, volte mais tarde, se quiser.

Ele assente sem olhar para mim. E, então, sai pela porta sem olhar para trás, e eu sou deixado com um turbilhão de emoções confusas ameaçando me corroer.

Faixa 11: Lado B

13 Mortais ou Talvez Mais

Lincoln

– Estou pronto – diz Jace parado na minha varanda dos fundos de sunga, determinado.

– Mesmo? – Eu tinha desistido de pensar que ele criaria coragem neste verão, e cheguei à conclusão de que, quanto mais eu o pressionava, menos ele iria querer fazer. No início do verão, eu pedia quase todos os dias, enchendo-o de motivos para que ele simplesmente fizesse e parasse de protelar. Mas ele não se mexia e, depois da primeira semana, começou a se recusar até a ir ao penhasco comigo. Assim que parei, ele mudou um pouco de ideia e agora estava pronto para ir em frente.

– É, é a hora certa.

– Certo, vamos lá! Vou trocar de roupa rapidinho e te encontro lá fora.

Corri para o meu quarto e troquei o pijama pela sunga e uma blusa bem depressa. Meus pais não se importavam em me perguntar aonde eu estava indo ou quando voltaria. Essa era a segunda melhor coisa em passar as férias no lago, eu podia ficar longe do meu pai por três meses inteiros, e nós dois ficávamos mais felizes por isso. A primeira melhor coisa era Jace, claro – meu melhor amigo, parceiro no crime, pode escolher, era Jace.

Saí correndo porta afora e parei derrapando na frente de Jace.

– Corrida até lá? – desafiei, e Jace sorriu concordando antes de sair correndo na direção da floresta.

Corri atrás dele, rindo quando nós dois tropeçamos nos galhos e nas raízes expostas, sem deixar nada nos atrasar. Subimos a colina correndo, Jace um pouquinho só na minha frente, e paramos pouco

antes do penhasco, pairando sobre o lago.

– Ganhei – declarou Jace orgulhosamente. Eu nunca contaria a ele, mas, às vezes, eu o deixava ganhar só porque amava o jeito que ele sorria quando me vencia nas coisas. Eu amava várias coisas em Jace, estava começando a entender.

Ele se aproximou da beirada, tirou a blusa e a jogou no chão. Quis encorajá-lo, lembrá-lo de que eu já tinha pulado centenas de vezes. Mas isso provavelmente apenas faria Jace mudar de ideia. Nunca conheci ninguém mais imune à pressão social do que ele, e o admirava pra caramba por isso.

Ele tirou os óculos e os colocou delicadamente em cima da blusa para protegê-los, e depois recuou alguns metros da beirada. Fiquei olhando em silêncio enquanto ele respirava fundo e disparava como um foguete, correndo até a beirada. Quando suas pernas deixaram o chão firme, ele não apenas as puxou para o peito como a maioria faria; não, ele deu um salto mortal do caralho no ar. Corri para a beirada para poder vê-lo mergulhar na água lá embaixo e vibrei bem alto quando ele ressurgiu com um sorriso largo.

– Eu consegui! – gritou.

– É, você conseguiu! – concordei com orgulho. Apresento-lhes Jace, deem a ele o tempo para fazer as coisas no próprio ritmo, e ele não apenas as fará, como fará melhor do que qualquer outra pessoa.

Faixa 12: Lado A

Fãs Não Significam Amor

Jace

O desfecho deveria parecer um buraco aberto no meu peito? Sentado contra a porta do meu quarto, esfrego o local da dor inutilmente. Queria que Lincoln fosse o deus do rock egocêntrico que vim imaginando pelos últimos dez anos. Queria que ele fosse pretensioso e mesquinho, insensível e cruel. Como ele pode ser o mesmo menino sensível e incrivelmente doce por quem me apaixonei há uma eternidade?

– Maldito seja você, Lincoln Miller. – Minha praga ecoa pelas paredes da casa vazia. Estremeço e fecho os olhos, desejando que as ondas de emoções parem de me invadir.

Quando consigo me recompor, me levanto e tiro o notebook da mochila. Permitir me perder no trabalho foi o que me impediu de pensar em Lincoln pelos últimos dez anos, e é melhor trabalhar hoje, porque preciso me perder em alguma coisa lógica por algumas horas.

Na mesa da cozinha, entro na familiaridade de ler publicações científicas e faço anotações dos métodos usados e seus resultados. Também faço anotações de como posso melhorar o método que planejei para o experimento que começarei quando voltar ao trabalho. A ciência sempre foi um dos meus paraísos seguros. A maioria das coisas na vida não faz tanto sentido para mim, mas com a ciência existe um método a seguir. Mesmo que não se obtenha os resultados esperados, tem um procedimento. Isso não funciona com as pessoas.

Depois de algumas horas de trabalho, estou com as costas tensas e com o estômago roncando. Não comi nada o dia todo, então, preciso consertar isso. Penso em cozinhar alguma coisa, mas o que o meu estômago quer de verdade é um bom hambúrguer gorduroso, então,

resolvo ir até a lanchonete.

Obrigo-me a não olhar para a casa de Linc quando caminho até o carro. Não estou nem aí para como ele passou o resto do dia ou para o que ele vai jantar. Peguei suas navalhas, assim, como ele poderia se meter em problemas?

Aí, me lembro da história que ele contou sobre ficar bêbado e pegar no sono do lado de fora. Como é possível uma pessoa ter um instinto de sobrevivência tão baixo? Claro que ele costumava se cortar quando éramos adolescentes, mas nunca havia tido um desprezo tão evidente pela própria vida como parece ter agora.

Não é problema meu, repito para mim mesmo sem parar, enquanto dirijo até a cidade.

A lanchonete está exatamente como eu me lembrava dela: cabines com plástico rachado, chão encardido e o cheiro de dar água na boca dos anéis de cebola pairando no ar.

Procurando uma mesa vazia, parece que a cidade inteira resolveu comer aqui hoje. Meus ombros se curvam quando avisto Lincoln acenando para que eu me sente com ele. Olho em volta mais desesperadamente, esperando ter deixado escapar alguma de vista. Infelizmente, o universo parece determinado a me empurrar Lincoln. *Obrigado por tudo, universo*.

Relutantemente, caminho entre mesas e me jogo na cadeira em frente ao Lincoln.

– Parece que todo mundo teve a mesma ideia que nós dois hoje – diz Lincoln com uma risada estranha.

– É o que parece – concordo, pegando o menu pegajoso e folheando-o desnecessariamente até a parte dos sanduíches. Já sei o que quero, e este não é o tipo de lugar com doze diferentes tipos de hambúrgueres. Só dá para pedir um hambúrguer ou um x-burguer e, por mais cinquenta centavos, pode adicionar bacon.

– Olha, Jace, quero me desculpar por hoje de manhã. Não tive a intenção de dizer nada para te deixar desconfortável.

– Está tudo bem. Fui eu que quebrei minha própria regra e trouxe à tona merdas pesadas que eu mesmo não estava pronto para discutir. Vamos esquecer isso, certo? – sugiro, a tensão percorre meu corpo enquanto espero que ele concorde.

– Sem problemas.

A garçonete para ao lado da nossa mesa.

– O que vocês vão querer rapazes? – pergunta ela distraidamente, depois olha para nós dois e arregala os olhos. – Lincoln Miller e Jace Greene? Sinto como se tivesse acabado de voltar uns vinte anos no tempo. Vocês eram inseparáveis quando eram crianças, nunca via um sem o outro. Que legal saber que ainda são amigos.

– Hmm... é – resmungo, sem coragem para corrigi-la. – Preciso que

me diga alguma coisa para me lembrar por que te odeio – falo assim que fazemos nosso pedido e a garçonete se retira.

Lincoln franze a testa e me olha com aquele seu olhar característico que sempre me fez fazer qualquer coisa que ele peça.

– E se eu não quiser que você me odeie?

– Vai à merda, e me conta sobre trepar com seus fãs ou algo assim.

Lincoln suspira, olhando para baixo.

– Não trepei com nenhum fã.

– Duvido. Você é um dos maiores roqueiros do planeta e não participou de uma orgia com fãs? Mentira.

– É sério – insiste. – Quase aconteceu algumas vezes, mas sempre pareceu muito estranho. Eles são tão... bajuladores e deslumbrados. Fazem eu me sentir nojento.

– Meu Deus, você é o pior – rio, dando um gole na água. – Só diz alguma coisa babaca, por favor?

– Jace...

– Esquece isso – interrompo, indignado com o quão rápido eu o deixo me ganhar de novo.

– Deve ser uma péssima hora para pedir, mas estava me perguntando se, talvez, você não queira passar o Natal comigo?

– Oi? – indago, certo de que não o escutei direito. *Ei, ex-namorado, sei que te abandonei totalmente e impossibilitei que você se apaixonasse de novo, mas estava me perguntando se poderíamos passar um feriado mágico juntos antes de desaparecer outra vez?*

– Eu sei que é só na semana que vem e entendo se preferir não fazer isso. Só estava pensando... parece ridículo nós dois ficarmos sozinhos estando a alguns metros de distância.

– Não sei, Linc. Vamos deixar rolar. Nem tenho certeza se vou estar aqui na semana que vem.

– Ah – seu semblante desaba –, eu entendo.

– Não faça isso – repreendo. – Não fui eu quem acabou com tudo, foi você. Você não pode me fazer sentir mal por não querer continuar de onde paramos.

– Eu sei, estou...

– Não – corto. – Não estou pronto.

Lincoln assente, entendendo, e faz o gesto de quem fecha os lábios com um zíper.

A garçonete volta com a nossa comida, o que é ótimo porque eu posso aproveitar a desculpa para não falar pelos próximos minutos.

Será que em algum momento estarei pronto para ouvir a desculpa de Lincoln? E quando ouvir, irei magicamente me sentir melhor? Não consigo decidir o que seria pior: ouvir a desculpa e nada mudar ou mudar tudo.

– Me conta uma coisa? – pede Linc com a voz baixa, suas palavras

aparentemente inofensivas me atingem no coração e me arrastam de volta vinte anos no tempo.

– O que você quer que eu te conte? – pergunto com a garganta seca, tentando esconder o tremor na mão quando vou pegar meu copo d’água.

– Qualquer coisa. Seu trabalho, sua vida, alguma coisa engraçada que aconteceu nos últimos dez anos que você queria ter me contado assim que aconteceu?

Uma risada fria escapa dos meus lábios e eu coloco uma batata-frita na boca.

– Amanda e eu estávamos conversando sobre adotar um gato algumas semanas antes de ela ir embora. Não conseguia entender por que ela era tão contra a ideia, já que ela amava gatos. Quando cheguei em casa e descobri que ela tinha me deixado, fez muito mais sentido.

– Como você a conheceu?

– Num bar. Resposta antiquada, né? Todo mundo se conhece no Grindr ou no Tinder hoje em dia – reflito e Linc assente, esperando que eu continue. – Eu tinha saído com uns amigos; na verdade, nem sei direito porque fomos para um bar hétero naquela noite. Já tinha saído com algumas mulheres antes dela, mas nada muito sério. Ela foi o único relacionamento sério que tive desde... – paro, deixando no ar entre nós dois, me dando conta de que estou me abrindo mais do que gostaria. – Enfim, um cara bêbado estava dando em cima dela, não aceitou “não” como resposta, foi um babaca total, então, eu me aproximei e fingi estar com ela para salvá-la. Ela ficou com a gente pelo resto da noite e pediu meu número no final. Eu não esperava muita coisa, mas ela me procurou incansavelmente durante as semanas seguintes. Acho que me senti lisonjeado e ela parecia a parceira perfeita na teoria. Na verdade, ela era ótima. Fui eu que estraguei tudo.

– Sinto muito que as coisas não tenham dado certo – diz Lincoln.

– Eu não, ela merece mais do que eu tinha a oferecer.

– Por quê? Você é atraente, bem-sucedido, culto, educado... o que mais uma mulher poderia querer?

Um noivo que não estivesse preso a um fantasma do passado.

– Você tem razão, eu sou para casar. Por que você não me conta sobre o seu último relacionamento sério? – questiono.

– Estou olhando para ele – rebate Linc, erguendo a sobrancelha para mim.

– Mudança de assunto, por favor – peço, me contorcendo na cadeira sob seu olhar.

– Foi você quem começou o assunto – destaca.

– E agora vou mudar. Todos os sites de fofoca estão dizendo que sua banda acabou, é verdade?

Lincoln se retrai e eu me arrependo imediatamente.

– Por enquanto, não, mas acho que só o tempo dirá.

– Sinto muito – resmungo, me sentindo um completo idiota por colocar esse olhar de cachorro que caiu do caminhão da mudança em seu rosto.

– Está tudo bem. Já terminou de comer? – pergunta, apontando para o meu prato quase vazio. Assinto, e ele pega quarenta dólares, no mínimo três vezes mais do que custam os dois hambúrgueres aqui, e deixa na mesa. – Pense sobre o Natal, tá?

– Está bem, vou pensar.

Faixa 13: Lado B

16 Vezes em que te Desejei

Lincoln

Depois que Jace viu eu me cortando ontem e nós choramos juntos, achei que as coisas pudessem ter ficado estranhas entre nós dois. Mas talvez essa fosse a melhor coisa de ter dezesseis anos, nada importava além de estarmos juntos.

– Senti saudades – disse Jace enquanto eu passava os dedos pelos seus cabelos e ele descansava a cabeça no meu peito, nós dois deitados no pír admirando as estrelas.

– Eu também senti saudades, Sardentinho.

– Me conta uma coisa – pediu Jace.

– O que você quer que eu te conte?

– Qualquer coisa.

– Comecei a escrever músicas este ano. Bem... está mais para poesia, mas acho que darão boas músicas quando eu compuser melodias para elas.

– Isso é incrível. Aliás, até que enfim.

Eu soltei uma gargalhada e enterrei o nariz em seus cabelos, inspirando seu cheiro, precisando que Jace se unisse a cada parte minha.

– Por que até que enfim?

– Você sempre foi uma alma artística ferida, então, poesia é uma escolha óbvia. Tipo, você já era um poeta sem ter uma poesia.

– Uma alma artística ferida? – repito rindo.

– É, você é todo melancólico e reflexivo, sensível e profundo.

– Acho que sou mesmo. Espero que sejam boas características. – Sondo, me sentindo inseguro.

– Tudo é bom em você, Lincoln.

- Em você também, Sardentinho.
- E aí, você vai escrever uma música sobre mim? – provocou Jace, deslizando uma mão por baixo da minha blusa, contornando meu umbigo, arrepiando meu corpo inteiro.
- Vou escrever mil músicas sobre você se te fizer feliz.
- Mil músicas sobre mim pode ser demais, mas uma seria legal.
- Cinco é minha oferta final.
- Está bem, me contento com cinco.

Ele inclinou a cabeça e olhou para mim. Estava tão lindo, com as sombras dançando em seu rosto por causa do luar, seus cabelos bagunçados por causa dos meus dedos e seus lábios um pouco inchados por causa dos nossos amassos de mais cedo.

- Eu te amo, Sardentinho.
- Eu te amo, Linc. Vamos ficar juntos para sempre, não vamos?
- Com certeza – concordei veementemente, abraçando-o.
- Conta como vai ser a nossa vida. – Esse era um pedido frequente de Jace. Nem dava para contar quantas noites caí no sono com o telefone no ouvido enquanto combinávamos histórias de um futuro perfeito juntos.

– Vamos ter uma casinha branca nos arredores de Chicago – comecei. Muitos dos detalhes mudavam a cada vez, a única coisa que permanecia a mesma era que estávamos juntos e felizes. – Você vai ter um emprego incrível na Universidade de Chicago e eu vou ensinar música em algum colégio. Vamos ter três cachorros, todos labradores pretos. E no verão, vamos trazer nossos cães para cá e ficar deitados no pír, admirando as estrelas juntos exatamente como agora.

- Parece legal – suspirou Jace.
- Vai ser. Mais dois anos e nossa vida começa de verdade.

Faixa 14: Lado A

Frenético e eu Adoro Isso

Lincoln

Acordo suando frio. Qualquer que tenha sido o sonho que me despertou já está desaparecendo em bolas de luz que não consigo captar, mas foi o suficiente para acelerar meu coração. Eu me sento e esfrego os olhos. Instintivamente, levo a mão à mesa de cabeceira procurando por uma garrafa de bebida ou as minhas lâminas de barbear, tanto faz. Gemo de frustração quando tudo o que encontro no escuro é o meu celular e lembro que não tenho nenhuma das minhas muletas habituais à mão.

Quando meus olhos se adaptam ao escuro, vejo a *case* do meu violão no canto. Não lembro quando foi a última vez que toquei apenas por tocar.

Saio da cama e me retraio quando meus pés tocam o chão gelado. Acendo a luz e pego meu violão, depois, volto para cama, puxando a coberta para cima das minhas pernas e me recosto na cabeceira, ajeitando o violão no colo.

Corro os dedos distraidamente pelas cordas, curtindo a sensação familiar nas pontas dos dedos. Deslizo a palheta entre as cordas e dedilho desatentamente, apenas deixando a música tomar conta de mim.

Há anos não escrevo uma música que não vá imediatamente para o lixo assim que a termino. Nove anos para ser exato. A última música que compus foi “Azulejos Carmesim”. Não é verdade. A última música que dei para o estúdio foi “Azulejos Carmesim”, a última que compus foi “Sardas”.

Fecho os olhos e me lembro da melodia onírica de uma música sobre como nomear cada sarda no corpo de um amante. As palavras

saltam dos meus lábios de cor. Nunca deixei ninguém ouvir esta música, mas a toquei milhares de vezes na escuridão do meu apartamento, com uma garrafa e uma navalha na minha mesa de cabeceira para afugentar a dor.

O que estou sentindo esta noite tem mais a ver com esperança do que com dor enquanto a música flui de mim. Sei que Jace acredita em destino, e eu também. Quais são as chances de nós dois estarmos aqui, *agora*, neste momento das nossas vidas? Isso tem que significar alguma coisa. Meu coração repousa num pedestal frágil e instável de esperança. Preciso acreditar que ainda existe uma chance de manter as promessas que fiz a Jace anos atrás.

Quando a música acaba, sou dominado por um impulso de ir lá fora olhar as estrelas. Algo excitante e brilhante vibra em meu peito e eu suspiro aliviado. Já superei os dias sombrios; lembro-me dessa sensação de excitação e energia.

Devolvo o violão para a *case* e me visto depressa. Calço as botas, mas não me incomodo em vestir um casaco. Só quero ir lá para fora e ver o céu estrelado, me sentir parte do universo.

O ar gelado do inverno alfineta a minha pele quando saio pela porta dos fundos, e acho estimulante. Respiro fundo e prendo o ar gélido em meus pulmões até doer, então, solto o ar, uma nuvem de névoa na noite.

Jogo a cabeça para trás e sorrio para as estrelas. Quantas noites sentei na minha varanda, ou olhei pela janela do ônibus da turnê ou de algum quarto de hotel numa cidade qualquer, e me perguntei se Jace estava olhando as estrelas ao mesmo tempo e pensando em mim. Olho para a casa dele, escura e silenciosa, a apenas alguns metros. Ele *poderia* estar olhando para estas estrelas comigo neste exato momento. Só preciso ir buscá-lo.

Caminho pela neve e bato à porta dele. Espero sem resposta pelo que parece uma eternidade, aí, bato outra vez, mais forte e por mais tempo desta vez, sem parar até ouvir passos lá dentro.

– Que merda está acontecendo? – reclama Jace numa letargia sonolenta quando abre a porta. Meu coração pula e meu pau pulsa dentro da calça jeans ao vê-lo usando apenas sua cueca boxer.

Caralho, faz tanto tempo que não sentia esse calor da luxúria lambendo a minha pele desse jeito. Os tempos sombrios afetam todas as partes do meu corpo. É sempre um sinal claro de que o pior passou – pelo menos, por enquanto – quando o meu pau dá sinal de vida. E com Jace parado na minha frente quase pelado, é seguro dizer que não consigo me lembrar da última vez que ele esteve *tão* duro.

– Lincoln, que merda é essa? Por que você está na minha varanda no meio da noite e por que você não está usando uma porcaria de um casaco? A temperatura deve estar abaixo de zero.

– Vem olhar as estrelas comigo?
– Oi? De que diabos está falando? Jesus, Linc, você está drogado?
– Não, eu não uso drogas. Eu bebo, mas não tem bebida na casa.
– Volta para casa e dorme, Linc – diz Jace, preparando-se para fechar a porta. Coloco a mão para impedi-la de fechar e me aproximo.
– Sardentinho, eu...

Ele pisca algumas vezes e olha realmente para mim, com o semblante preocupado.

– Se eu sair e olhar as estrelas com você, você vai para casa e volta para a cama depois? – pergunta com um tom de voz sério.

– Vou – concordo rapidamente, sabendo que estou muito ligado para dormir, mas disposto a pelo menos ir para casa depois que ele sair.

– Tudo bem, vá para casa e coloque um casaco e te encontro no píer em cinco minutos.

Meu coração dá um pulo. O píer. Nosso píer. Quero abraçar Jace e descobrir se ele ainda tem o mesmo gosto.

Caminho devagar pela neve até a minha casa e visto um casaco, depois vou correndo para o píer. Espero, contando as estrelas até ouvir os passos de Jace atrás de mim. Ele para do meu lado e eu pego na sua mão sem nem pensar. Ele está usando luvas grossas e meus dedos estão muito dormentes para sentir qualquer coisa.

– Acho que deveria ter te mandado colocar luvas também – resmunga ele. – Coloca a sua mão aqui junto da minha para eu poder esquentá-la e coloque a outra no seu bolso para os seus dedos não congelarem. Você não vai fazer muitos shows sem os dedos.

Obedeço, deslizando a mão para dentro da luva gigantesca. A sensação de sua pele é quente contra a minha congelada quando entrelaço nossos dedos. Meio que espero uma reprimenda, mas Jace não diz nada, e eu sinto como se pudesse soluçar de alívio por estar tocando-o de novo depois de todo esse tempo. Como vou conseguir me afastar dessa mão de novo? Como vou conseguir me afastar *dele* de novo?

– O que estamos vendo que é mais importante do que dormir ou evitar queimaduras de frio? – pergunta, jogando a cabeça para trás e olhando para as milhões de estrelas brilhando acima de nós.

– Não é maravilhoso? – pergunto admirando a dimensão do céu sobre nós.

– O quê, Linc?

– O universo, a vida, tudo.

– Tem certeza de que não está chapado? – Jace bufa.

– Não estou chapado, espertinho. Só senti falta de admirar as estrelas com você.

O silêncio se instala entre nós depois disso e eu faço o melhor para

memorizar este momento e o coloco no enorme arquivo Jace na minha mente, onde cada toque e cada palavra dita entre nós estão catalogados.

– Olha, uma estrela cadente – aponta. – Faça um pedido.

Olho para ele, me apaixonando pela milionésima vez pelo jeito com que a luz do luar beija sua face e o faz parecer lindo demais para ser real. Só tem uma coisa que eu poderia desejar: uma vida inteira acordando ao lado de Jace, lhe dizendo o quanto ele é perfeito. E é isso que eu peço.

Suas pálpebras se fecham, seu rosto ainda em direção ao céu, e me pergunto o que ele está desejando.

– Por favor, passe o Natal comigo? – volto a pedir, sabendo que estou abusando da minha sorte, mas incapaz de me deter.

– Tudo bem – concorda, parecendo cansado e derrotado. – Posso voltar para cama agora?

Relutante, tiro a mão da sua luva. Não sei bem como encontro forças para resistir a beijá-lo antes de deixá-lo ir embora, mas, de alguma maneira, encontro.

– Boa noite, Sardentinho – sussurro para sua figura que se vai.

Jace

Fico acordado, preocupado com Lincoln, muito depois de voltar para a cama. Tinha algo de estranho com ele essa noite. Não que eu tenha algum tipo de poder sobre o humor de Lincoln hoje em dia. Mas tinha alguma coisa diferente em seus olhos quando ele estava parado na minha varanda hoje. Eles não estavam tão vazios e cheios de dor quanto nos últimos dias. Porém, não me sinto aliviado. Estou mais preocupado com ele do que antes.

Fico virando de um lado para o outro até a luz pálida da manhã passar pelas minhas cortinas, e me arrasto para fora da cama para fazer café.

Olho pela janela, para as pegadas na neve entre as duas casas. E aí meus olhos vagam até o píer. Estremeço diante da lembrança da mão de Lincoln entrelaçada à minha ontem à noite enquanto admirávamos as estrelas.

Esta deveria ser uma oportunidade de esquecê-lo, então, por que sinto como se estivesse sendo arrastado de volta para a sua órbita? Ele está me atraindo de volta e eu não estou nem mesmo lutando contra isso. Pareço um camundongo me aproximando bem contente de uma cobra feito um idiota.

Meu telefone toca e eu me assusto, quase deixando cair a caneca de

café da minha mão. Espero muito que não seja Joel ou Wyatt esperando uma atualização sobre o quanto já superei Lincoln.

Meu coração perde um compasso quando vejo o nome de Amanda na tela. Quase recuso a ligação, mas decido pelo menos conseguir este encerramento, se não posso ter nenhum outro.

– Alô? – atendo.

– Jace, oi – diz ela com insegurança do outro lado da linha. – Não tinha certeza se deveria ligar. Me sinto meio babaca por só te deixar um bilhete daquele jeito. Principalmente por saber de tudo com o que você lidou no passado...

– Está tudo bem, Amanda – garanto. – Quero dizer, não está *tudo* bem, mas você estava certa. Você merece mais do que jamais te dei.

Ouçoo um suspiro de alívio do outro lado do telefone.

– Fico contente que você não esteja puto comigo. Sinto muito por tudo. Queria que desse certo. Você é um cara maravilhoso.

– Você é um amor, Mandy, mas eu sei que estraguei tudo. Sou eu quem sente, e espero de verdade que você encontre alguém que te mereça.

– Obrigada, Jace. Então... você tem planos para o Natal? – pergunta sem jeito, e me lembro que ontem à noite concordei em passar o Natal com Lincoln. Em cinco dias, estarei passando o feriado com meu ex-namorado. *Fantástico*.

– Mais ou menos, mas você não acreditaria se eu te contasse – solto uma gargalhada.

– Agora eu *tenho* que saber.

– Quando cheguei em casa e encontrei seu bilhete, decidi que precisava me afastar por algumas semanas. E vim para a velha casa da família em Wisconsin. Por alguma ironia do destino, Lincoln também estará aqui do lado pelas próximas semanas.

Amanda ofega. Ela conhece toda a minha história com Lincoln, provavelmente até demais. Apenas mais uma prova do fato de que éramos mais amigos do que namorados.

– Você não está se relacionando com ele, está?

– Mais ou menos – murmuro constrangido. – Joel e Wyatt parecem achar que seria uma boa ideia, para um desfecho ou algo assim. E agora... acho que vou passar o Natal com ele?

– É uma pergunta? – bufa.

– Não, ontem eu concordei em passarmos o Natal juntos.

– Não sei bem o que dizer, Jace. Mas pelo quanto você sempre foi apaixonado por ele, espero que ele seja digno desta vez.

– Hã? Nós não voltamos. Vou ter o meu desfecho.

– Ceeeeeeerto – ela bufa pela segunda vez. – Querido, você nunca superou esse menino, e não tenho certeza se vai conseguir agora. Talvez esta seja a segunda chance que vocês dois merecem.

Fico em silêncio com o celular encostado ao ouvido, tentando descobrir como responder a isso. Esta *não* é uma segunda chance. Lincoln teve *uma* chance, e a jogou fora. Isto sou eu finalmente superando-o para poder me apaixonar por outra pessoa. Foi o que Wyatt e Joel disseram que aconteceria.

– Espere sentada – respondo, finalmente, de maneira fraca. – É melhor eu ir, mas foi bom falar com você. Espero que possamos manter contato. E Feliz Natal.

– Feliz Natal para você também, querido.

Largo o celular na mesa e abaixo a cabeça. *Não* posso fazer isso de novo com Lincoln. Não vou sobreviver quando ele me deixar pela segunda vez. É melhor cortar logo agora. Posso ir até lá, ouvir a desculpa que ele está esperando para me dar e seguir com a minha vida.

Então, por que os meus pés não se mexem? Por que a ideia de me afastar agora me deixa enjoado? Como isso ficou tão complicado outra vez tão rápido? *Envolve a porra do Lincoln Miller, simples assim.*

Faixa 15: Lado A

Vamos Beber Até Você Voltar a me Amar

Lincoln

Eu salto da cama com um pulo que há muito tempo esqueci que era possível e um sorriso no rosto.

Me vejo parado na frente da pia, olhando pela janela para a casa de Jace. Nós progredimos ontem à noite, de mãos dadas e admirando as estrelas. Senti um pouco do gelo entre nós derreter. Só preciso encontrar um jeito de manter esse momento acontecendo. E, mais cedo ou mais tarde, ele vai deixar eu me desculpar. Só espero que ele aceite minhas desculpas.

Sirvo uma caneca de café quando termina de passar, mais por força do hábito do que por necessidade de cafeína esta manhã. Saio pulando pela cozinha, assobiando, enquanto tomo meu café e tento avaliar se é muito cedo para ir à casa de Jace.

Avisto uma movimentação pela janela de sua cozinha e meu sorriso se alarga. Pouso meu café depressa, derramando o conteúdo pelas bordas e fazendo uma poça no balcão em volta da caneca. Não eu não estou nem aí, tudo o que quero é ver Jace.

Calço as botas e visto o casaco desta vez, e atravesso o quintal até a casa de Jace.

Bato à porta e, quando ele a abre, Jace parece querer me dar um soco na cara. Seu maxilar está endurecido e suas sobrancelhas estão franzidas sobre seus olhos verde musgo. Mesmo puto, ele é o homem mais bonito que já vi. Meu coração dói pelo quanto eu amo Jace, o quanto sempre o amei.

Inconscientemente, tento tocá-lo, e ele afasta a minha mão.

– Qual é a porra do seu problema? – exclama.

Tento me livrar da nuvem de ansiedade embaçando a minha mente e dou um passo à frente.

– Fiz alguma coisa?

– Além de me acordar no meio da noite e depois aparecer de novo com o dia nascendo?

– Você já estava acordado; eu te vi na cozinha – argumento.

– Por que você está vigiando a minha casa? Lincoln, não posso fazer isso, está ficando cada vez pior.

– O quê? – pergunto, meu coração desacelera rapidamente.

Ele respira fundo várias vezes, olhando para seus pés descalços. Quando finalmente olha para mim, parece mais calmo, seu rosto transformado numa máscara perturbadora.

– Nada, está tudo bem. Só estou cansado e não tomei café suficiente ainda. Você precisa de alguma coisa, Linc?

– Não, eu só queria te ver.

Ele assente, mordendo o lábio inferior e mantendo o olhar fixo atrás de mim, como se estivesse tentando evitar contato visual.

– Olha, vou trabalhar um pouco hoje, então...

– Podemos nos encontrar mais tarde? Você pode passar lá em casa a hora que quiser.

Ele esfrega a testa e, então, finalmente olha no meu rosto.

– Tá, tudo bem. Te vejo à noite.

Resisto ao impulso de beijá-lo ou de pular de alegria. Estou fazendo progresso com ele, posso sentir. Ele quer me odiar, está tentando muito continuar me odiando, mas está com dificuldade.

Volto para a minha casa e vou direto para o violão. Sento na cama, dedilhando as cordas até o sol começar a abaixar, sem me incomodar em parar para comer ou beber alguma coisa. Não focava desse jeito na música há muito tempo, é uma sensação boa demais.

Num impulso, coloco o violão no colo e ligo para o Benji. Com o celular preso entre o ombro e a orelha, dedilho as cordas novamente enquanto espero que ele atenda.

– Alô? – atende Benji com uma voz alegre, como se estivesse rindo de alguma coisa pouco antes de atender o telefone.

– Oi, Benji. – Seu velho apelido sai sem pensar e paira no ar por um segundo.

– Lincoln, como você está? – responde ele depois de alguns segundos, provavelmente tentando processar por que acabei de chamá-lo de um apelido que não uso há dez anos.

– Estou bem. Ótimo, na verdade. Archer estava certo, estas férias eram justamente o que o médico receitou. – Dedilho o violão enquanto falo com ele. – Você tinha que ver a neve aqui, é tão cristalina, nada a ver com a neve cinzenta das calçadas de Nova

lorque. As estrelas também, são tantas... Estou tão contente por ter vindo para cá, é tão puro e perfeito.

– Vai com calma, cara. Você está a mil por hora... e está mesmo tocando seu violão? Faz quanto tempo que você não toca fora do palco?

– Anos – respondo sua pergunta. – É uma sensação gostosa. Eu me sinto bem.

Um outro longo silêncio paira no ar e eu quase consigo ouvir as engrenagens rodando no cérebro de Benji.

– O que está acontecendo, Lincoln?

– Como assim? Eu me sinto bem para variar, então alguma coisa *deve* estar acontecendo? – contesto, sentindo a irritação percorrer meu corpo diante da acusação de que algo deve estar errado comigo.

– Não foi isso que quis dizer. É que você não é assim, só isso. É uma daquelas vezes em que você não dorme por uma semana, e liga no meio da noite com ideias de solos de bateria e essas merdas, e depois desaba quando acaba?

– Vai se foder, eu não faço isso – discordo, aumentando minha irritação com ele. Por que eu sequer me incomodo em ligar para ele se ele só vai me questionar e me fazer sentir um merda por estar feliz por um dia na minha maldita vida?

– Linc – Benji suspira. – Estou preocupado com você, sozinho aí nesse fim de mundo.

– Só que eu não estou sozinho – rebato. – Jace está aqui.

Desta vez, o silêncio dura mais, e eu me pergunto se Benji desligou na minha cara.

– Jace está aí? – pergunta com cuidado. – Você não usou drogas nem nada assim, usou?

– Não – grito com ele. – Não é uma alucinação, babaca. Jace está aqui, na casa ao lado. Ele veio passar o Natal na casa da família dele. Nós conversamos e passamos um tempinho juntos. Acho... acho que talvez eu tenha uma chance de me acertar com ele.

– E se você não conseguir se acertar com ele? – pergunta com cuidado, sua voz está cheia de preocupação. – O que acontece se você o perder de novo? Acho que você não conseguiria sobreviver a isso.

– Não, eu não espero conseguir – concordo.

– Escuta...

– Preciso ir. Falo com você mais tarde. – Desligo antes de conseguir ouvir outra palavra da boca de Benji. Suas palavras plantaram uma semente de dúvida no jardim de esperança que estive cuidadosamente cultivando nos últimos dias. Não quero ouvir sobre o quanto as coisas poderiam terminar mal.

Às seis horas, eu me visto com roupas limpas e espero por Jace.

Ele nem bate, apenas entra alguns minutos depois das 18h e vai até a geladeira. A intimidade fácil esquentou meu coração.

– Você tem Kapo? Quantos anos você tem? Doze? – provoca ele, pegando uma caixinha de suco.

– Eu vi e fiquei nostálgico – explico em minha defesa.

Ele espeta o canudo no buraco e se debruça no balcão, apoiando os cotovelos. Seu rosto está a apenas alguns centímetros do meu. Observo Jace beber distraidamente da caixinha de Kapo com uma dor sofrida no meu peito. Quero puxá-lo pelo balcão e beijá-lo absurdamente enquanto a lembrança do nosso primeiro beijo me esmaga.

– Por que você está me olhando desse jeito? – questiona Jace, virando o canudinho amarelo entre os dentes.

– Que jeito? – provoco. Não é difícil adivinhar como estou olhando para ele. Um sorriso se abre em meus lábios, me pegando de surpresa. Quando foi a última vez que sorri sem fazer um esforço consciente?

– Você *sabe* de que jeito. Para com isso, está me assustando.

– Só estava me lembrando do nosso primeiro beijo – admito quase sussurrando, meu sorriso desaparece.

– O beijo que você me chantageou para dar? – Jace ergue uma sobrancelha e meu sorriso volta. É a sua cara de “pronto para uma discussão”.

– Eu te devolvi seu boné *antes* de você me beijar – lembro.

Jace bufa.

– Não é assim que eu me lembro.

– A gente devia ir para o bar beber – sugiro, precisando de uma mudança de assunto antes de segurar Jace e beijá-lo até ele se lembrar exatamente do quanto costumava me amar.

– É – concorda. – Odeio concordar, mas beber juntos parece divertido.

Reviro os olhos dramaticamente.

– *Odeio concordar, mas a ideia de estar com você não me deixa extremamente enjoado* – debocho, e ele gargalha. – Eu dirijo – proponho, e Jace caminha para o meu carro sem discutir.

Eu me permito dar uma espiada rápida na bunda dele dentro daquela calça jeans apertada enquanto ele caminha pesado pela neve. Sinto vontade de agarrar e enfiar a cara ali no meio. Mas sei que ainda não estamos nem perto disso.

Chegamos ao único bar da cidade e estaciono bem na frente, surpreso de ver uma boa quantidade de carros parados aqui numa quarta-feira à noite.

Lá dentro, Jace se oferece para pegar uma mesa enquanto eu pego as bebidas.

Sento numa cadeira de frente para Jace e empurro uma cerveja para

ele.

- Nunca vim aqui – divago enquanto dou um gole na cerveja.
- Eu vim tem uns dias, na minha primeira noite na cidade.
- Sêrio? Por quê? – Jace não me parece o tipo que frequenta bares.
- Era o único lugar na cidade que não me lembrava de você.

Mesmo antes de ele me ver novamente, estava fugindo das lembranças. Igual a mim, assombrado pelos fantasmas do nosso passado durante todos estes anos.

– Pensei que você tivesse me superado *totalmente*? – brinco, inclinando-me para frente e observando suas bochechas corarem.

– Superei.

– Claaaaro.

– Eu te odeio – resmungo antes de tomar um gole da cerveja. Estou hipnotizado com o jeito que sua língua corre para lambe as gotas que ficaram em seus lábios.

– Existe uma linha fina entre amor e ódio – pontuo, determinado a abusar da minha sorte.

– Eu sei que existe. – Jace balança a cabeça, mas não consegue esconder o sorriso se formando em seus lábios.

Depois da primeira rodada, compro outra.

– Eu menti na sua casa – admite Jace na metade da segunda cerveja.

– É? – Levanto as sobrancelhas e espero pela sua confissão.

– Você não me obrigou a te beijar. Eu já queria te beijar há anos antes daquilo.

– É, é como eu me lembro também – concordo com um sorriso irônico.

– Por que você é tão insuportável? – indaga ele com um olhar que não tem nenhum calor real.

– Porque você me acha charmoso, mas está tentando muito não achar?

– Não, não acho que seja isso – diz inexpressivo.

– Então, precisamos continuar pensando sobre o assunto – sugiro. – Toquei violão hoje – continuo, desajeitado.

– Você não toca todos os dias?

– Não mais. Agora, só quando estou no palco.

– Por quê?

– Porque tudo machuca. E quando não machuca, eu me sinto muito entorpecido para me incomodar com qualquer coisa. Não me sinto bem com frequência – admito. Não sei bem por que estou contando isso a ele, não é exatamente o melhor slogan para a campanha “me namora de novo”.

– Sinto muito, Linc. – Jace estende a mão sobre a mesa e a coloca sobre a minha. Viro a mão para nossas palmas ficarem unidas e pisco para espantar as lágrimas diante da perfeição de sua mão na minha.

Compro mais algumas rodadas e evitamos os assuntos pesados por um tempo. Em vez disso, relembramos todos os esquemas que costumávamos inventar para nos esgueirarmos escondidos dos nossos pais. Tenho certeza de que não éramos tão espertos quanto imaginávamos.

– É melhor ir com calma nas bebidas – diz Jace, sorrindo e balançando a cabeça, as bochechas rosadas por causa da bebida.

– Por quê? – pergunto com um sorriso malicioso, dando um gole na minha bebida sem soltar sua mão.

– Eu não deveria ficar bêbado perto de você. Meu bom senso já está comprometido com você aqui. Se beber demais, posso fazer algo estúpido como me apaixonar por você de novo.

– Neste caso, é melhor eu pegar outra para você – brinco, meu coração bate freneticamente com sua declaração doce e ligeiramente embriagada.

– A gente devia dançar – decide ele, tropeçando em sua cadeira, claramente mais bêbado do que qualquer um dos dois se deu conta.

Eu pulo para pegá-lo antes que ele caia, sem me preocupar em salvar sua cadeira, que cai fazendo um estrondo no chão atrás dele.

– Este bar não é para dançar.

Ele olha em volta e pisca como se tivesse acabado de perceber onde está: um bar rústico no meio do nada em Wisconsin, cheio de homens de meia idade bebendo até cair e alguns caipiras de vinte e poucos anos da cidade.

– Tudo bem – suspira.

– Vamos para casa, Sardentinho. Podemos dançar lá – sugiro.

– Mesmo?

– Claro. Se você quiser, até toco alguma coisa para você.

Jace arregala os olhos e sorri.

– Merda, já estou bêbado demais e você está sendo muito legal para um homem que eu deveria odiar para sempre.

– Eu prometo que não vou me aproveitar de seu estado comprometido – garanto.

♪

Jace tira as botas com os pés e larga o casaco bem na frente da porta quando entra na minha casa.

– Precisamos de música – declara, cambaleando um pouco quando entra na sala.

– Você não sabe escolher – acuso com uma risada, tirando o celular do bolso, e abro o Spotify. Escolho uma *playlist* de *pop-dance* e aumento o volume até o máximo.

– Essa música é legal – afirma Jace, colocando as mãos na cabeça e mexe os quadris ao ritmo da batida. Fico hipnotizado pelos seus

movimentos, cada célula do meu corpo exige que eu me aproxime dele, encoste nossos quadris e rebole junto com ele. Seria como preliminares, tocando e roçando, enquanto os dois ficamos duros. Eu seria ousado o suficiente para roubar um beijo, e Jace se derreteria para mim, lembrando-se de todas as coisas lindas que sentia por mim. Tudo seria consertado num momento mágico.

Sei que é uma fantasia e, se quero Jace de volta, preciso merecer. Nenhuma dança ou beijo vai consertar magicamente as coisas. Mas tudo bem, porque não tenho medo de lutar por ele.

Então, em vez de dançar com ele, me jogo no sofá e o assisto se divertir. Depois que se cansa de tanto dançar, Jace avista meu violão e se vira para mim com um sorriso.

– O que você vai tocar para mim?

– O que você quer que eu toque?

– Não sei. – Ele dá de ombros, entra no meu quarto e se joga na minha cama. Perco o ar diante da visão dele ali. Pego meu violão e cutuco suas pernas para poder me sentar também. E, então, começo a dedilhar uma música que pode ser que me atinja em cheio. – Você é um idiota – resmunga Jace, mas não faz nenhuma menção de ir embora ou de me bater.

– Eu não estava tentando ser um idiota, só não penso nessa música há anos.

No verão que começamos a namorar, “*The Reason*”, de Hoobastank era incrível e Jace a adorava. Então, aprendi a tocá-la para ele e ele disse que era a nossa música.

A letra é muito mais precisa agora do que jamais foi. Ou Jace era vidente, sabendo que essa seria a nossa música, ou só gostava da batida naquela época, sei lá. Mas meus olhos se fixam nos dele enquanto canto com uma voz grossa e rouca sobre estar arrependido e ter um motivo para mudar.

Jace desvia o olhar depois do primeiro verso e enxuga uma lágrima em seu rosto disfarçadamente.

– Tenho que ir – diz inesperadamente. Começo a perceber um padrão aqui.

– Desculpa.

– Não precisa se desculpar, só estou cansado. – Ele acena como quem diz “deixa pra lá”, mas seus olhos ainda brilham por causa das lágrimas. – Nós nos vemos amanhã?

Solto um suspiro de alívio e concordo.

– Boa noite, Linc.

– Boa noite, Sardentinho.

Faixa 16: Lado B

15 Beijos Roubados

Lincoln

Estávamos caminhando pela estrada a caminho do Ravis para tomar sorvete e eu não conseguia parar de olhar para Jace pelo canto do olho. Já fazia três semanas desde que me dei conta de que estava apaixonado por ele. Quando se tem quinze anos, três semanas parecem uma eternidade.

Eu vinha o observando atentamente, procurando por algum sinal de que ele se sentisse do mesmo jeito. Cheguei à conclusão de que tinha 50% de chance disso. Eu o peguei olhando para mim alguma vezes quando ele pensou que eu não estava vendo, e sua expressão era... estranha. Talvez ele estivesse dando uma conferida em mim, ou, talvez, ele tenha descoberto o meu segredo e estivesse tentando descobrir como eu poderia gostar de meninos... dele.

Também tinha o jeito que ele do nada começou a ficar nervoso sempre que eu encostava nele. Eu sempre gostei de tocar nas pessoas, e isso nunca pareceu incomodar Jace. Mais uma vez, isso poderia significar que ele estivesse a fim de mim ou que ele descobriu que eu estava a fim dele e pirou.

A esta altura, eu estava preocupado de ficar preso no limbo pelo resto do verão sem fazer ideia se tinha ou não uma chance com Jace.

Homens mais cautelosos poderiam ter esperado por mais evidências para não arriscarem a amizade. Eu nunca fui cauteloso e não iria começar a ser agora. Não quando não conseguia dormir porque estava ocupado pensando em como seria ter Jace na minha cama.

Determinando se seria agora ou nunca, estendi a mão e arranquei o boné de beisebol da cabeça de Jace.

– Ei – reclamou, virando-se e tentando pegá-lo de volta. Eu segurei

o boné lá em cima, fora do seu alcance, e sorri para ele. – Lincoln, para com isso!

– Qual é a palavrinha mágica? – provoqueei de um jeito que só um adolescente de quinze anos consegue.

– Me dá – insistiu, pulando o mais alto que conseguiu, mesmo assim não alcançou o boné.

– Tudo bem, esqueça a palavrinha mágica, eu aceito outra coisa em troca – propus de maneira ousada, meu coração acelerou como se soubesse que havia uma chance de ser estraçalhado em segundos.

– O quê? – indagou Jace cético.

– Um beijo.

Jace ficou boquiaberto, seus olhos arregalaram e um rubor coloriu suas bochechas.

– Linc... – Meu coração afundou diante da hesitação em sua voz. Eu sabia que ele se sentir do mesmo jeito que eu era uma possibilidade remota.

– Eu estava brincando. – Forcei uma gargalhada e enfiei o boné nas mãos dele. Jace abriu e fechou a boca várias vezes enquanto eu tentava fazer uma cara de paisagem. – Esquece isso, por favor. – O desespero na minha voz estava beirando o patético, e foi quando a expressão de Jace mudou de confusa para decidida.

Sem avisar, ele tascou a boca na minha, nossos dentes bateram e nossas línguas emaranharam-se desajeitadamente. Ele tinha gosto de Kapo e verão... e de alguma coisa que eu viria a conhecer como um sabor particular só de Jace.

– Lincoln – ofegou Jace, afastando-se e olhando em volta para se certificar de que ninguém podia nos ver.

Peguei sua mão e o puxei em direção à floresta, fora da estrada, para podermos nos esconder entre as árvores.

Assim que nos encontramos longe da estrada, puxei-o novamente para mim, abrindo meus lábios e enfiando a língua de volta em sua boca. Foi deselegante e um pouco desajeitado, mas nenhum de nós dois pareceu se importar.

Algum tempo depois, quando conseguimos parar de nos beijar, eu estava maravilhado com as bochechas coradas de Jace e com o quanto seus lábios estavam inchados e molhados por causa do nosso beijo. Queria deixá-lo desse jeito o tempo todo.

– Eu gosto de você – falei estupidamente, e Jace riu.

– É, eu meio que percebi isso com a sua língua na minha garganta.

– Tudo bem por você? Quero dizer, você gostou? – perguntei nervoso, com medo de ter entendido errado a situação de alguma maneira.

– Gostei – garantiu Jace. – Eu gosto *de* você. Eu não sabia... Digo, há quanto tempo você é gay?

- Hum, provavelmente desde que nasci? – Ergui as sobrancelhas para ele quando seu rosto se avermelhou ainda mais.
- Meu Deus, isso foi idiota, desculpe. Quis dizer há quanto tempo você gosta de mim? Você já saiu com outros caras?
- Eu não saí com ninguém. E acho que comecei a reparar em você no ano passado. Não tinha certeza do que isso significava. Mas quando te vi neste verão, soube na mesma hora. Estava enlouquecendo o verão inteiro me perguntando se você também gostava de mim.
- Eu gosto de você há um tempo – admitiu Jace.
- Há quanto tempo?
- Há alguns anos.
- Senti meu sorriso aumentar.
- Podemos ser tipo... namorados ou algo assim? Sei que estou parecendo ridículo, mas só...
- Jace pôs a mão na minha boca para que eu parasse de tagarelar.
- Sim, podemos ser *namorados ou algo assim* – zombou com um sorriso.
- Esse é o melhor dia de todos. Agora, só precisamos de sorvete.
- Se você quer tomar sorvete, vai ter que me soltar.
- Resmunguei e soltei Jace com relutância, sentindo uma falta imediata dele.
- Sem beicinho. Vamos tomar sorvete e depois ficamos nos pegando na minha casa a tarde toda.
- Aí, sim – concordei, sem conseguir acreditar na minha sorte.

Faixa 17: Lado A

Fotografias com Bordas Desbotadas

Jace

Olho para o meu celular, tentando decidir para quem ligar e xingar. Faria bem repreender Wyatt ou Joel por sugerirem que eu deveria conversar com Lincoln para ter um desfecho. Ou poderia ligar para Amanda e brigar com ela por suas palavras que me encorajaram a dar uma chance ao Lincoln. Meu coração parece oscilar num precipício perigoso – catástrofe de um lado, segurança do outro. Durante dez anos, mantive meu coração ferido cuidadosamente protegido em plástico bolha. Cada pessoa com quem saí não representava nenhum risco de roubar e machucar mais ainda meu coração, e todas as lembranças dolorosas estavam trancadas onde não poderiam fazer mais nenhum estrago. Aí, Linc volta para a minha vida como se pertencesse a ela e fode com todo o sistema.

Com um gemido de frustração, jogo meu celular na mesa e esfrego o rosto, levantando os óculos para tirá-los do caminho. O que eu faço agora? Me retiro por segurança? Para isso, terei que me afastar completamente de Linc, ir para casa e colocar as lembranças da última semana na caixinha dentro da minha mente que nunca poderá ser aberta. Ou posso tirar o plástico bolha e ver onde as coisas vão dar. Isso significaria dar um passo no precipício para o desconhecido, para a possibilidade de ter meu coração partido sem conserto desta vez.

Coloco os óculos no lugar e me levanto, sentindo a necessidade de me mexer ou explodir. Caminho pela casa, encontrando-me, por fim, no armário dos meus pais. Acendo a luz e, na prateleira de cima, vejo os álbuns de fotos. Com as mãos trêmulas, alcanço-os e puxo alguns. Tirando a poeira das capas, sorrio. Minha mãe adorava tirar fotos e gostava mais ainda de vê-las. Ela conseguia passar horas debruçada

sobre álbuns de fotos antigas, recordando verões, dias, anos.

Uso o antebraço para enxugar uma lágrima rebelde e levo os álbuns para a cozinha. Abro o primeiro, com a etiqueta de 2006, e começo a folheá-lo. O verão de 2006 foi o primeiro em que Linc e eu confessamos nossos sentimentos um pelo outro. Tirando nossas sessões frequentes de pegação, o verão não foi muito diferente de nenhum outro. Éramos inseparáveis como sempre, nossos pais passavam longas noites juntos bebendo e jogando baralho, e Linc e eu ficávamos sentados no píer fazendo pedidos às estrelas.

Meu coração quase para quando meus olhos encaram fotos dos meus pais, sorrindo e felizes juntos. Eles se amavam tanto. Enxugo outra lágrima e rio diante da fotografia onde Joel me prende numa chave de braço. Por que minha mãe tiraria uma foto disso em vez de parar nossas discussões constantes?

Pego meu telefone e ligo para Joel. Toca pelo menos seis vezes e estou prestes a desligar quando ele finalmente atende.

– Alô? – atende com a voz rouca.

– Ai, merda, não queria te acordar – me desculpo. – Ligo depois. Ou você me liga quando acordar.

– Não, sem problemas. Está tudo bem?

– Sim – garanto. – Onde você está?

– Escala na Tailândia. Tenho pouco tempo para recuperar o sono e ver os pontos turísticos antes do voo de volta.

– Soube que a Tailândia é legal. Tente não se meter em encrenca – brinco.

– Como se divertir sem um pouquinho de encrenca?

– Só se protege.

– Sempre. Chega de falar de mim, como estão as suas férias? – pergunta numa mudança rápida de assunto. – Conseguiu o desfecho que precisava com Lincoln?

– Não exatamente.

– Como assim? – pergunta preocupado.

– Sinto que as coisas estão saindo dos trilhos. Ele não é o babaca que achei que fosse; ele ainda é o mesmo menino por quem me apaixonei – confesso, as palavras pesam sobre mim enquanto pairam no ar.

– Está falando sério? Você vai voltar com ele ou algo parecido? – A incredulidade de Joel me faz perder as estribeiras.

– Sei lá. Não, acho que não, considerando que moramos em lados opostos do país.

– Então, do que está falando? Achei que você o tivesse superado; que isso era apenas para ter as desculpas que ele te deve e seguir em frente de uma vez por todas.

– Eu também achei. Não sei, Joel, talvez eu não devesse ter te

ligado.

– Você pode me ligar sempre – diz, suavizando o tom de voz. – Só que você me deixou preocupado agora. Você ficou destruído depois do que Lincoln fez com você. Não quero te ver daquele jeito de novo.

– Pode acreditar, eu também não quero – concordo. – É só... Eu não sei o que pensar. Ele está vindo aqui no meio da noite e me fazendo olhar para as estrelas com ele. Ele me convidou para passar o Natal com ele e, de certa forma, parece *certo* deixá-lo entrar na minha vida de novo. Eu não tenho nenhum instinto de sobrevivência, tenho? – Suspiro para mim mesmo.

– Vou ter que responder que *não*. Sinceramente, parece que isso é algo que você precisa levar até o fim neste momento.

– Você acha?

– Acho, sim. E quando ele partir seu coração de novo, estarei ao seu lado com uma garrafa de uísque, falando “eu avisei”.

Rio e balanço a cabeça.

– Nossa, obrigado – resmungo.

– É para isso que servem os irmãos – fala de maneira atrevida.

– Eu te amo, cara. Vou te deixar voltar a dormir. E divirta-se na Tailândia.

Largo o celular e viro a página do álbum. Paro de respirar quando vejo fotos minhas com Lincoln. Estávamos sentados à mesa de piquenique entre nossas casas com as mãos disfarçadamente entrelaçadas sob a mesa.

Quando me assumi para os meus pais, no fim do verão seguinte, minha mãe pegou este álbum e abriu nesta fotografia. Ela apontou para as nossas mãos dadas e sorriu para mim. Ela me contou que já sabia muito antes da foto, mas que isso lhe confirmou. Aí, ela me disse que sempre me amaria independente de qualquer coisa e que dava para ver o quanto eu amava Lincoln.

Passsei muitas horas chorando com a minha mãe depois que Lincoln me deixou. Eu me pergunto o que ela acharia agora de eu estar dando a ele a chance de me machucar de novo. Ela me diria para confiar no meu coração e acreditar que o destino tem alguma coisa guardada para mim. É daí que eu tiro todas as minhas ideias bobas sobre o destino. Minha mãe acreditava avidamente que tudo acontecia por um motivo.

Suspiro mais uma vez e fecho o álbum. Parece que todos os sinais estão dizendo para pular, então, acho que vou ver para onde a sorte me leva.

Após Jace sair correndo depois da nossa noite no bar, resolvi lhe dar um pouco de espaço. Da mesma forma que pressioná-lo nunca dá em nada, ficar atrás dele só o faz fugir. Ele precisa de alguns dias para entender como está se sentindo. Só depois eu vou até lá e o arrasto para passar o Natal comigo se precisar.

Enquanto espero que Jace caia em si, não durmo. Como posso dormir com o meu futuro em jogo? Saber que tudo depende dos próximos dias deixa uma estranha sensação de adrenalina correndo por mim que me impede de relaxar. Não consigo decidir se a sensação turva e agitada é melhor ou pior do que a nuvem escura que me cobre de vez em quando.

Enquanto espero, sem dormir, eu escrevo. Sento na minha cama, tocando meu violão até meus dedos ficarem doloridos. É óbvio que meus dedos esqueceram como é tocar por tanto tempo. Isso costumava ser normal para mim. Desde o minuto em que eu chegava da escola até ir dormir, eu tocava. Às vezes, eu tocava sozinho no meu quarto. Mas, quando meu pai estava em casa, eu ia para a casa do Lando ou do Benji e tocávamos todos juntos.

É de se imaginar que, por fazer parte de uma banda, éramos os populares do colégio. Mas, não, éramos os nerds da banda marcial e da eletiva de teoria musical. Eu me pergunto o que o pessoal do colégio pensou quando começamos a tocar no rádio. Eu me pergunto o que o pessoal pensa quando saem manchetes sobre Jude sendo pego com garotos de programa ou indo para a reabilitação. O que eles pensam quando vamos nessas porcarias de *talk-shows* e falamos sobre o quanto somos íntimos. Isso já foi verdade, éramos melhores amigos. Não sei o que somos agora ou o que vai acontecer com a gente.

Livro-me do momento de melancolia e foco na música. Tem tanta coisa que quero escrever sobre Jace, mas de jeito nenhum eu vou enveredar por esse caminho outra vez. Então, em vez disso, escrevo uma música sobre a escuridão da qual nunca pareço conseguir me livrar. Descrever a sensação de viver num pesadelo, incapaz de decidir o que é melhor, o torpor ou a agonia, é catártico.

Quando termino, toco de novo, desta vez gravando, e envio o vídeo para Archer e Lando. Eles provavelmente terão um infarto quando perceberem que voltei a escrever. Tenho certeza de que Lando ficará aliviado.

Quando começamos, concordamos que nós dois escreveríamos músicas para os álbuns. Não queríamos usar músicas escritas por outras pessoas; foi algo do qual não abrimos mão quando assinamos nosso primeiro contrato e todos os contratos posteriores. Mas, nos últimos sete anos, eu não ajudei com a minha parte da barganha, e Lando tinha cada vez mais dificuldade para escrever as músicas. Ele provavelmente estava precisando destas férias tanto quanto eu.

Se Queda Vertiginosa contornar isso – e, a esta altura, era um grande “se” – eu preciso começar a fazer a minha parte de novo. Talvez se eu conseguisse que Jace vá para casa comigo, eu possa ser a pessoa que sempre deveria ter sido.

Faixa 18: Lado A

Minha Cama Ainda Tem o Seu Cheiro

Jace

Espio pela janela e reparo na neve caindo forte em flocos gigantescos. Estremeço um pouco e me abraço. *Este frio seria mais suportável se eu tivesse os braços de outra pessoa me abraçando* – penso, olhando demoradamente para a casa de Linc. Está escuro, mas tem um brilho vindo da janela que me faz pensar que ele está com a lareira acesa.

– Linc idiota e sua lareira convidativa idiota – resmungo para mim mesmo enquanto me afasto da janela para ligar o aquecedor. Espero que esse aquecedor antigo consiga aquecer o ambiente. Este lugar não foi feito para ser habitado no inverno, e eu me pergunto pela centésima vez em que merda eu estava pensando para vir aqui em dezembro.

Pego o cobertor que fica no encosto do sofá e o levo comigo para frente do aquecedor. Esfrego as mãos e as estendo na frente do aparelho barulhento. Então, para o meu desespero, ele começa a chacoalhar forte e alguma coisa dentro dele começa a zumbir. E aí... nada.

– Ai, cacete. Não, não, não – imploro, virando os botões desesperadamente sem sucesso. Lanço um olhar demorado para a lareira, mas não pensei em pegar madeira para acender. Puta que pariu. Vou congelar até a morte numa casa no meio do nada em Wisconsin, dois dias antes do Natal.

Impossível conseguir arrumar alguém para consertar isso numa tempestade de neve. Jogo a cabeça para trás, sabendo que só tem uma opção. Já falei *puta que pariu*? Estremeço mais uma vez com o cobertor enrolado nos meus ombros e vasculho meu cérebro por *qualquer* outra solução. Não posso ir de carro até a cidade e, mesmo

que pudesse, não tem nenhum hotel nem nada do gênero. Teria que dirigir até a próxima cidade, o que não é tentador neste tempo.

Com a cabeça baixa, largo o cobertor, calço os sapatos e visto meu casaco. Depois, abro a porta para encarar a tundra de inverno. Sou atingido com uma explosão de ar gélido e uma rajada de neve na cara. Aperto o capuz o máximo que consigo e caminho com dificuldade pela neve por alguns metros até a casa de Linc.

Lincoln

Estou deitado na frente da lareira, folheando meus antigos diários e bebendo chocolate quente, quando ouço uma batida na porta. Meu coração dá um pulo e eu me levanto para atender. Não faço ideia de porque Jace viria até aqui durante uma tempestade de neve, mas aceito feliz.

Abro a porta e encontro Jace coberto de neve e parecendo profundamente irritado. Mordo a língua para conter uma risada e abro espaço para ele entrar.

– Meu aquecedor quebrou – queixa-se enquanto tira o casaco, deixando o chão coberto de neve.

– Ai, merda, que péssima hora. Você não vai conseguir ninguém para consertar hoje.

– É, meio que imaginei isso – concorda, tirando as botas com os pés, depois caminha na ponta dos pés entre as poças que ele mesmo fez, para evitar ensopar as meias. – Se importa se eu passar a noite aqui?

– Claro. Quer um pouco de chocolate quente?

Jace pisca algumas vezes como se não conseguisse conciliar a ideia de mim com o chocolate quente, depois assente.

– Você também tem daqueles marshmallows pequeninhos? – pergunta em tom de brincadeira.

– Para falar a verdade, eu tenho. Mas se você vai ficar me zoando, não vou dividir com você.

– Ah, por favor. – Jace faz um beicinho exagerado, e custa toda a minha força de vontade não morder seu lábio. Estremeço e me mexo, esperando que a minha ereção seja reajustada só com o movimento.

– É claro que vou te dar marshmallows. Vai se sentar perto do fogo para se aquecer. – Observo com um suspiro melancólico sua imagem se retirando, depois faço uma oração de agradecimento ao universo. Se eu tenho alguma chance de reconquistar Jace, será no Natal, e essa reviravolta só ajuda a minha causa.

Levo a caneca fumegante de chocolate para a sala e encontro Jace folheando meu diário. A luz da lareira dança em seu rosto, dando uma

amostra do rosado em suas bochechas, seus lábios abertos e seus olhos arregalados enquanto ele lê minhas palavras adolescentes de amor e devoção.

Quero largar a caneca, puxá-lo para os meus braços e beijá-lo sem dó. Depois, quero dizer que nada mudou. Eu ainda o amo tanto quando amava naquela época, talvez ainda mais. O barulho dos meus pés inquietos parece chamar sua atenção e Jace levanta a cabeça, um sorriso envergonhado aparece em seu rosto.

– Desculpe. Eu não deveria...

– Está tudo bem. – Dou de ombros, continuando o caminho pela sala e entrego a caneca para ele. – Nunca tentei esconder esses sentimentos de você. Meu coração sempre foi seu. Essas palavras pertencem a você.

A mão de Jace está trêmula quando ele pega o chocolate.

– Queria que você não falasse essas coisas, Linc.

– Por quê? É verdade.

– E é por isso que eu gostaria que você não as dissesse – reclama.

Eu me sento ao lado dele no chão perto da lareira e uma sensação agradável se instala no meu peito. Sentado em frente a uma lareira enquanto uma tempestade de neve se intensifica lá fora, Jace ao meu lado, faltando poucos dias para o Natal. Isso parece certo.

– Não precisamos só ficar sentados aqui. O que você estava fazendo antes de eu aparecer? – pergunta Jace.

– Dando uma olhada nos meus antigos diários.

– Sabe o que deveríamos fazer? Trocar este chocolate quente por algo um pouco mais irlandês e depois jogar cartas, sei lá.

– Cartas? Só estamos nós dois aqui, o que jogaríamos?

– Quem se importa. – Jace dá de ombros. – A bebida é que é importante.

Eu solto uma gargalhada e me levanto, indo até a cozinha para pegar uma garrafa de Jack.

– Não tenho copos adequados, espero que não se importe de beber direto da garrafa.

Jace pega a garrafa que eu ofereço quando volto a me sentar ao seu lado. Ele tira a tampa dela e dá um gole antes de passá-la para mim.

– Me conta uma história louca de estrela do rock – pede.

– Uma história louca de estrela do rock? – pergunto incrédulo, enquanto eu dou um gole na garrafa. – Que tipo de história?

– Não sei, alguma coisa de uma turnê.

Penso por um segundo, dando outro gole na garrafa e a passo para Jace.

– Certo, tem uma engraçada... vou te contar da vez em que Jude foi roubado por um michê em Londres.

Jace bufa e se vira para olhar diretamente para mim, com um

sorriso em seus doces lábios. Sinto uma dor física por estar tão perto dele e não poder tocá-lo.

– Por favor, continue; parece uma boa história.

– Tenho certeza de que você viu nas redes sociais e no noticiário sobre o quanto Jude fica fora de controle? Bem, três anos atrás, estávamos no Reino Unido e, depois do nosso show em Londres, decidimos sair e curtir um pouco. Geralmente, Lando e Benji conseguem manter Jude sob controle, mas, nesta turnê em particular, eles estavam com mais dificuldade de fazer isso do que o normal. Todos bebemos um pouco e Jude começou a trocar olhares com um novinho bonitinho. O garoto parecia mais que interessado e, quando a gente se dá conta, ele está no colo de Jude, sussurrando em seu ouvido o tempo todo. Jude o leva para o seu quarto de hotel e, na manhã seguinte, recebo uma ligação de Jude no meu quarto, me dizendo para descer até o quarto dele. Vou até lá e descubro que ele foi roubado, e não foi só a carteira e o celular, mas também todas as suas roupas, cosméticos, literalmente tudo.

– Puta merda! – Jace se sobressalta com uma expressão contente.

– Exatamente. Ele estava parado lá com um lençol de hotel enrolado na cintura e todas as suas coisas tinham ido embora. Quando perguntei o que aconteceu, ele contou que depois que eles transaram, o garoto disse que era garoto de programa e que Jude lhe devia duzentos paus. Claro que Jude podia ter simplesmente pagado, mas ele disse que era o princípio da coisa.

Jace põe a mão sobre a boca e dá uma risadinha, dando outro gole na garrafa de Jack.

– Então, o cara o roubou porque não seria pago?

– O rapaz pegou a carteira de Jude porque não seria pago. Mas depois Jude começou a discutir com ele sobre práticas *antiéticas* de negócios e o cara puxou uma faca e pegou o resto das coisas de Jude para provar alguma coisa, sei lá.

– Ai, meu Deus, que loucura. Como isso nunca foi noticiado?

– Como se eu soubesse. Archer deve ter feito alguma mágica para manter isso por baixo dos panos.

– Mas Jude foi pego com outros garotos de programa, não foi?

– Foi, é meio que o lance dele. Essa é a parte engraçada: se o garoto tivesse dito para ele que era profissional, Jude teria pagado feliz.

– Uau – Jace gargalha, balançando a cabeça.

Passamos a garrafa um para outro por mais uma hora mais ou menos enquanto eu o entretenho com mais histórias da estrada. Rimos até nossas barrigas doerem, aproximando-nos cada vez mais em frente à lareira.

Quando o sorriso de Jace se torna desajeitado e suas palavras começaram a ficar arrastadas, pego a garrafa e declaro que está na

hora de ir para a cama.

– Você tem cobertores para o sofá? – pergunta ele, olhando para as almofadas de nó.

– Você não vai dormir no sofá. Está muito frio e esse negócio é desconfortável.

Jace se levanta e oscila.

– Vamos dividir a cama? – pergunta incrédulo.

– Não se preocupe, Sardentinho, eu não mordo – rosno sugestivamente e me divirto com o jeito que suas pupilas dilatam e suas bochechas coram.

Tiramos as nossas roupas e ficamos só de boxer, e eu jogo uma calça de pijama e um camisa térmica para Jace. Depois, vamos juntos para baixo do cobertor e, pela primeira vez em uma década, minha alma relaxa. A respiração de Jace sopra em meus cabelos, e nós dois começamos a nos mexer, procurando posições confortáveis. Tento dar espaço para Jace, mas ele continua se mexendo mais para perto conforme se aquece. Aproveito a oportunidade e coloco o braço em sua cintura, seus cabelos estão a alguns centímetros do meu nariz e sua bundinha redonda está perigosamente perto da minha ereção crescente.

A paz se instala quando Jace relaxa encostado a mim. Meu coração dói querendo dar um simples beijo na sua nuca, abraçá-lo apertado, sussurrar para a escuridão o quanto eu ainda o amo. Mas sei que não é o momento. Talvez nunca mais seja o momento, e esse pensamento pesa em meu peito.

– Boa noite, Linc – murmura Jace, já começando a apagar.

– Boa noite, Sardentinho.

Faixa 19: Lado A

A Véspera de Natal é o Natal para o Impaciente

Lincoln

Acordo na manhã da véspera de Natal com um sorriso enorme e a euforia agitando meu corpo inteiro. Jace está encostado em mim, roncando. Seu rosto está tão pacífico, que facilmente arrebatava mais uma parte do meu coração e o guarda para si. Se terei a chance de reconquistar Jace, a hora é agora. Ele ama o Natal, sempre amou. Lembro o quanto sempre pareceu animado no telefone durante toda a semana antes do Natal. Eu sempre desejei poder acordar com ele na manhã de Natal.

Antes de assinarmos com a gravadora, eu já planejava mentalmente meu primeiro Natal com Jace. Eu iria levá-lo para um lugar onde pudéssemos cortar a nossa própria árvore, depois, a levaríamos para o nosso apartamento e a decoraríamos juntos em frente a uma lareira quentinha bebendo chocolate quente. Escutaríamos músicas natalinas e assariamos biscoitos. E aí, porque nenhum de nós dois sabe cozinhar, pediríamos comida chinesa e a comeríamos sentados no chão em frente à árvore. Eu insistiria para que ele abrisse apenas um presente na véspera de Natal e indicaria uma caixinha para ele. Ele a abriria entusiasmado, dizendo que era melhor eu não ter gastado muito dinheiro com ele. E quando ele se calasse, olhando para o anel de prata dentro da caixinha, eu lhe diria que já sabia, desde que tínhamos quinze anos, que nunca amaria ninguém além dele, e que não conseguiria viver nem mais um minuto sem saber que ele seria meu marido.

Seco uma lágrima perdida enquanto imagino o feriado perfeito que

planejei há tanto tempo. Um feriado que nunca aconteceu. Pelo contrário, passei aquele Natal em Chicago, assistindo ao Jude cheirar seu peso em cocaína.

Eu sei que não posso ter o Natal perfeito que planejei por inteiro, mas posso ter partes dele neste ano. Estarei com Jace e, hoje, vou levá-lo para cortarmos uma árvore juntos.

Saio da cama cuidadosamente e vou até a cozinha para fazer o café. Não demora muito para ele chegar cambaleante à cozinha vestindo minha calça de pijama de cintura baixa. Eu sinto as minhas veias dilatando pela excitação. Já fazia muito tempo desde que senti a ebulição da necessidade fazendo o meu sangue ferver e deixando meu pau duro. Não que eu não tenha trepado com ninguém nos últimos dez anos, mas não foi nada digno de elogios. Foi, no máximo, superficial. Eles só queriam poder contar aos amigos que foderam com uma estrela do rock, e eu fingia por meia hora que não estava destruído por dentro. Todos saíam ganhando.

– Café? – pergunta Jace, estendendo a mão para a caneca que ofereço.

– Espero que não esteja com muita ressaca; vamos sair numa aventura.

– Tudo bem, Bilbo Bolseiro.

– É sério, espertinho – falo. – Depois do café, vá para casa e vista uma roupa quente.

– Linc, não estou acordado o bastante para jogos, pode simplesmente me contar o que está planejando?

– Aff, você é irritante – reclamo sem raiva, porque, durante dez anos, tudo o que eu quis foram discussões fúteis com o único homem que já amei. – Não é um jogo, é uma surpresa.

– Certo, mas preciso deste café antes de sair nessa tundra congelante para qualquer aventura meia boca que você tenha preparado.

– Eu bem queria usar a boca inteira, mas nossa aventura de hoje envolve paus, não bocas.

Jace tenta não rir, mas identifico uma risada escondendo-se atrás da caneca de café.

– Você é uma estrela do rock; não deveria dormir até tipo umas duas da tarde?

– É, e aqui vai uma dica de profissional, se você tirar uma foto minha fazendo o café para você, pode vendê-la por um milhão de dólares.

– É sério? Meu Deus, isso é estranho. Por quanto você acha que eu conseguiria vender uma entrevista exclusiva? Eu poderia contar sobre o quanto você foi esquisito e desajeitado na primeira vez que me chupou.

– Tenho certeza de que você conseguiria vender essa história por

muitos milhões. Mas, por favor, não faça isso, é constrangedor pra caralho.

- Então, acho que você vai ter que ser extremamente legal comigo.
- Acho que sim – concordo sorrindo.
- Que tal me dar só uma dica do que vamos fazer hoje?
- Não.

Jace

Eu me odeio pela animação que agita meu estômago enquanto Lincoln dirige até a tal surpresa que ele planejou. Por que ele tem que ser tão doce e atencioso? Lá se vai conseguir um desfecho, muito obrigado Wyatt e Joel. Só consigo imaginar o quanto vai ser horrível perder Lincoln pela segunda vez. E eu *vou* perdê-lo de novo. Ele tem que voltar para a própria vida, e eu tenho que voltar para a minha. Pelo menos, não estou apaixonado por ele desta vez.

Passamos por uma placa que diz “Corte Sua Própria Árvore de Natal - 1,6 Km”, e eu me viro para Linc com um sorriso largo.

– Ai, meu Deus, vamos comemorar o Natal no estilo Férias Frustradas?

Um sorriso se forma no rosto de Lincoln, entregando instantaneamente sua surpresa. Tento ao máximo conter minha animação, não querendo que Lincoln saiba o quão perfeita era esta ideia. Mas ele me conhece bem demais.

– Você sempre quis cortar uma árvore de Natal. Já teve a chance de fazer isso?

– Não. Todos os anos tenho a intenção, mas parece que o tempo sempre passa sem eu ver. E a Amanda era alérgica à seiva ou coisa assim, então, tivemos árvores artificiais nos últimos anos.

– Gostou da surpresa? – pergunta com uma pitada de vulnerabilidade.

– Sim, Linc, eu gostei da surpresa. – Coloco minha mão sobre a dele, incapaz de sentir a conexão através das nossas luvas, mas apreciando mesmo assim. *Estou tão fodido.*

Chegamos ao estacionamento e paramos. Por sorte, eles têm serras para alugar, porque Lincoln não pensou em trazer uma. E então partimos, caminhando pela neve em busca de nossa árvore.

O engraçado é que quando eu imaginava nosso primeiro Natal juntos, sempre nos vi cortando nossa própria árvore. Eu estava certo, apenas aconteceu alguns anos depois do que havia planejado.

Passamos por um monte de árvores verdes e robustas, mas nenhuma delas me diz nada. Além do mais, tenho certeza de que elas são muito

grandes para a sala de Linc, e aí seria mesmo o Natal no estilo Férias Frustradas.

Paro para olhar uma árvore menor que pode ficar legal, quando sou atingido por uma bola de neve na nuca.

– Ei! – reclamo, abaixando para pegar uma mão de neve e fazer uma bola para jogar de volta. Eu me viro e vejo Linc se contorcendo de rir, e lanço minha bola de neve direto na cara dele.

– Ah, é guerra – declara.

As bolas de neve voam entre nós dois enquanto gargalhamos e tropeçamos na neve que chega à altura das canelas. Nem percebo quando Linc me derruba.

Gargalho com tanta intensidade que minha barriga dói, mas quando olho para Linc em cima de mim, o ar parece que sai dos meus pulmões, e fico quieto.

Seus olhos castanho-escuros cravam em mim com uma intensidade que apenas Lincoln consegue ter. Acho que essa foi uma das primeiras coisas que me fizeram me apaixonar por ele. Ninguém te *olha* como ele, como se pudesse ver de verdade sua alma por completo.

Ele abaixa mais um pouco, apenas uma fração, e meu olhar mira em seus lábios, me chamando, esperando para me ludibriar.

– Linc – falo em pânico, empurrando seu peito para que ele saia de cima de mim antes que eu possa fazer algo epicamente estúpido.

Ele pisca surpreso e se senta, desculpando-se com um sorriso.

– Vamos pegar aquela árvore – aponto para a que estive olhando antes da guerra de bola de neve inesperada.

– Parece boa – concorda com um sorriso forçado.



Cortar a árvore inclui um monte de palavrões, mas, no fim, conseguimos terminar. Carregá-la até a entrada acontece praticamente do mesmo jeito que foi cortá-la, mas, quando a vejo amarrada no teto do carro, tenho uma sensação de dever cumprido.

– Eu meio que estou surpreso por termos conseguido – admito, tirando folhas de pinheiro do meu casaco.

– *Surpreso?*

– É, pode me chamar de louco, mas nenhum de nós dois tem exatamente o porte de um lenhador. Eu não acreditava que um nerd que passa seus dias num laboratório e um artista cujos únicos calos são de tocar violão conseguiriam cortar uma árvore e carregá-la por quase um quilômetro.

– É, justo, mas nós *realmente* conseguimos. É porque nós formamos um bom time, Sardentinho.

Meu coração se agita com sua declaração, e, por um segundo, quase me aproximo e dou um beijo em seu queixo, como sempre fazia

quando éramos adolescentes. Parece certo. Tudo dentro de mim está cansado de resistir a Linc, mesmo que meu cérebro continue gritando motivos bem válidos para manter distância.

– São 35 dólares – nos diz o atendente, me tirando do meu momento de insanidade.

Lincoln pega a carteira e paga, então, voltamos para a casa.

Levar a árvore para dentro é outra aventura, nossas mãos se cobrem de seiva enquanto tentamos colocá-la de pé no suporte.

– Você tem algum enfeite? – pergunto quando a árvore está de pé.

– Para falar a verdade, tenho. Tenho enfeites, também tenho chocolate quente e ingrediente para biscoitos de açúcar.

– Linc – falo seu nome suavemente. Ele planejou o Natal perfeito para nós. É o primeiro Natal *de verdade* que tenho desde que meus pais morreram.

– Venha, vamos acender a lareira e depois preparamos o chocolate quente e decoramos a árvore.

– Certo, mas só se colocarmos músicas de Natal.

– Combinado.

Lincoln

O fogo estala festivamente na lareira, e a versão de “*Christmas Canon*” da Orquestra Transiberiana toca no meu celular.

– Você está concentrando o ouropel demais num lugar só – repreende Jace, pegando o tufo que acabei de colocar num galho e espalhando-o em pedacinhos menores. – É só um pouquinho aqui e ali, para captar a luz e fazer a árvore brilhar.

– Desculpe, acho que não fui devidamente treinado em boas maneiras de decoração de árvore de Natal.

– Não se preocupe, vou te pôr a par. – Jace dá uma piscadinha e meu coração parece muito grande para o meu peito.

– Obrigado por passar o Natal comigo – falo serenamente, hipnotizado com o jeito que as luzes cintilantes na árvore dançam refletidas em sua pele.

– Como se você tivesse me dado escolha. Tenho quase certeza de que se recusasse, você teria aparecido na minha casa com a árvore e aqueles malditos olhos de cachorro que caiu do caminhão da mudança para os quais eu não consigo dizer não.

– Verdade – concordo sorrindo. – Eu nunca passei um Natal legal assim. Você sabe como eu cresci, e nos últimos dez anos ou estávamos na estrada ou eu estava sozinho na minha cobertura grande e vazia.

– Sinto muito, Linc – lamenta Jace, pegando na minha mão com um

aperto empático.

– Não sinta; você está me proporcionando o melhor Natal de todos.

– Neste caso, espero um presente fabuloso – provoca ele.

Um presente. Claro que Jace merece um presente incrível de Natal. Desde que ele concordou em passar o Natal comigo, venho tentando pensar na coisa perfeita para lhe dar, mas nada parece o suficiente. Eu poderia comprar praticamente qualquer coisa no mundo para ele, mas Jace não se interessa por *coisas*. Preciso lhe dar algo que signifique algo. E só tenho mais um dia para pensar em alguma coisa. Esta é a minha chance de fazer um gesto, de lhe mostrar o quanto falo sério sobre querer uma segunda chance.

Com o último enfeite colocado, damos um passo atrás e Jace diz que está perfeito.

– Hora do biscoito – declaro, pegando a mão de Jace e puxando-o para a cozinha. – Espero que você saiba assar biscoitos – sondo, pegando os ingredientes que comprei baseado numa receita que encontrei online.

– Sim, eu sei assar biscoitos – garante ele, então, pega uma tigela e pré-aquece o forno. – Minha mãe me ensinou. Sempre assávamos biscoitos de Natal juntos. – Sua voz é triste e eu me recuso a resistir e acabo puxando-o para os meus braços para confortá-lo.

A princípio, Jace enrijece quando o seguro contra o meu peito, mas depois de alguns segundos, ele relaxa, enterrando o nariz no vão do meu pescoço.

– Sinto muito pelos seus pais. Eles eram mesmo ótimas pessoas.

Ele assente e eu faço círculos com as mãos em suas costas para acalmá-lo.

– Certo, biscoitos – diz ele, me afastando depois de mais ou menos um minuto. Ele me narra o passo a passo até termos dois tabuleiros cheios de biscoitos em formato de flocos de neve e árvores de Natal, cortesia dos cortadores de biscoitos que trouxe da loja ontem, prontos para serem assados.

Nós queimamos a primeira fornada, mas a segunda fica perfeita e simplesmente lambuzamos os biscoitos queimados de cobertura extra para que fiquem comíveis. Aí, nos aconchegamos no sofá em frente à lareira e devoramos os biscoitos, e Jace conta histórias de Natais passados.

Quando o fogo começa a diminuir, olho para o relógio e percebo que acabou de passar da meia-noite.

– Feliz Natal, Sardentinho – falo, testando a minha sorte, dou um beijo em seu rosto.

– Feliz Natal, Linc – responde, me abraçando apertado pelo pescoço.

– É melhor eu ir para casa. Te vejo de manhã?

Quero pedir para ele ficar. Ele já concordou em passar o Natal junto

comigo amanhã, e dividimos a cama ontem à noite. Que diferença faria mais uma noite? Mas há certa cautela em seus olhos e eu decido não pressionar. Apressar Jace nunca vai me levar a lugar nenhum.

– Durma bem.

– Você também. – Antes de Jace se virar e calçar suas botas e vestir o casaco, vejo um olhar fixo que tenho certeza de que significa alguma coisa. Não sei se fico agradecido por ele ter conseguido alguém para consertar seu aquecedor na véspera de Natal ou não. Olho pela janela dos fundos enquanto ele caminha com dificuldade pela neve de volta à sua casa, e continuo ali muito tempo depois que sua porta se fecha e as luzes se apagam.

Faixa 20: Lado A

Feliz Natal, *Porra*

Lincoln

Acordo assim que a luz pálida da manhã aparece pela janela, finalmente sabendo o presente de Natal perfeito para Jace.

Saio da cama e pego o caderninho esfarrapado da minha mala. Folheio até encontrar as páginas certas e as arranco, com cuidado para não rasgar. Eu as levo para a sala, embrulho e coloco o presente debaixo da árvore. É o gesto que Jace merece. Só espero que, depois disso, ele me deixe lhe contar o quanto sinto por tudo.

Com um presente finalmente pronto para Jace, vou preparar o café da manhã, confiando que Jace chegará em breve. Estou colocando a massa da panqueca na frigideira quando a porta dos fundos se abre.

– Você viu que está nevando? – pergunta Jace, com a voz cheia de animação.

– É dezembro em Wisconsin; está sempre nevando.

– Sim, mas é Natal, então, é mágico – argumenta Jace.

– Neve mágica de Natal, entendi – concordo sorrindo, virando as panquecas.

Jace se serve de café e se senta ao balcão.

– Quais são seus planos divertidos de Natal para hoje? – pergunta.

– Café da manhã, presentes e filmes de Natal. Comprei “Uma história de Natal”, “Os Fantasmas de Scrooge” e “A Felicidade Não Se Compra”.

– Você vai me dar presentes? – pergunta Jace tranquilamente.

– Bem, um presente – admito.

– Não precisava fazer isso.

– Por que você não espera abrir antes de falar isso? – sugiro, com o estômago cheio de nós, me perguntando se fiz a escolha certa. E se ele

achar de mau gosto? E se isso o fizer lembrar que ele me odeia? Esta é a minha única chance de acertar; não posso estragar tudo.

– Tenho certeza de que vou amar, Linc. E obrigado pelo café da manhã.

– Sempre.

Coloco as panquecas no prato e passo para Jace pelo balcão, junto com o frasco de calda que comprei.

Comemos num silêncio sociável e, quando terminamos, imagino que seja melhor dar o presente a ele agora, antes de desistir.

Pego nossos pratos e os coloco na pia para lavar depois, e levo Jace para a sala.

Entrego o presente a ele e me sento no sofá para esperar o veredito. Ele rasga o embrulho com um sorriso curioso no rosto e, quando tira os papéis, franze a testa.

– O que é isto? – pergunta com uma voz surpresa ao olhar pelas folhas de música em suas mãos.

– As outras músicas que escrevi sobre você, sobre nós. Elas pertencem a você.

– Linc – diz baixinho, balançando a cabeça como se não conseguisse acreditar. – Eu não sei o que dizer.

– Você gostou? Tudo bem se não gostar, só pensei...

– Eu amei. Mas não tenho nada para te dar de Natal.

– Eu aceito uma coisa, mas só se você quiser – proponho com esperança. Jace me olha desconfiado; ele já sabe o que vou pedir. – Só um beijo, Sardentinho? Por favor?

Ele olha para os papéis em suas mãos, morde o lábio inferior enquanto pensa no meu pedido. Meu coração ameaça esvaecer minhas costelas ao bater violentamente. Então, ele levanta o olhar para mim e me dá um único aceno. Um soluço quase escapa da minha garganta, e eu me aproximo dele com as mãos trêmulas, puxando-o para o meu colo. Em meus braços, Jace respira pesado, seu corpo treme contra o meu.

– Sempre foi só você, Jace – confesso, roçando os lábios nos dele suavemente. Cada célula do meu corpo dói para ter Jace, desejando-o.

– Porra, Linc.

Sua mão encontra a minha nuca e ele me puxa para seus lábios com uma fome desesperada. O prazer ressoa fundo no meu peito quando minha língua encontra a dele, quente e molhada. Cada nervo do meu corpo queima, sobrecarregando meu cérebro com a sensação. O gosto dele é exatamente como eu me lembrava, seus lábios ainda mais macios.

Eu inclino meus quadris, esfregando minha ereção contra a dele por cima das nossas calças jeans. O brim áspero contra a minha pele sensível me faz estremecer.

Seus lábios trilham minha mandíbula, descendo pelo meu pescoço. Rosno e pressiono ainda mais meu corpo contra o dele, enquanto ele mordisca e lambe meu pescoço.

– Sabe, a gente podia ceder à nostalgia e levar isto para o meu antigo quarto – sugiro. – Temos muitas lembranças lá.

– Engraçado, só consigo me lembrar da manhã em que acordei sozinho naquela cama, todas as suas coisas tinham ido embora. Você nem fez a gentileza de me deixar um bilhete.

Minhas entranhas retorcem doloridamente.

– Odeio que você só se lembre disso. Eu entendo, mas, porra, Jace, todas as boas lembranças que tenho na minha vida são naquele quarto ou no lago saindo pela porta dos fundos.

– O triste é que essas são todas as minhas lembranças felizes também. Mas você as estragou, Linc. Você pegou todas as coisas boas dentro de mim e pisoteou, depois as jogou fora como se nunca tivessem significado nada para você.

– Elas significaram *tudo* para mim – resmungo.

– Não sei se consigo confiar em você daquele jeito de novo.

– É isso? Sem segunda chance, sem felizes para sempre? – As palavras são quase dolorosas demais na minha língua enquanto as pronuncio. Quero pegar uma navalha nova para criar a dor conhecida e controlável outra vez.

– Ainda não sei. Mas isso não significa que não podemos nos divertir um pouco... pelos velhos tempos – declara Jace. Ele se levanta do meu colo. Em vez de ir embora, como eu meio que esperava que fizesse, ele segue o corredor até o meu quarto.

Levanto rápido do sofá e vou cambaleando atrás dele, minha mente tentando acompanhar o que está acontecendo. Alguns segundos atrás, ele me disse que nunca mais conseguiria confiar em mim. Agora, ele está deixando uma trilha de roupas a caminho do meu quarto. Isso não se encaixa. Até alcançá-lo e ele se virar; só consigo enxergar luxúria pura em seus olhos. Não há carinho como costumava ver quando ele olhava para mim. Mesmo quando ele me olhava com ódio, era óbvio que se importava. Agora, não tem nada. Ele está me dando seu corpo, mas não seu coração. Será que vou ficar bem com isso? E se isso for tudo o que ele vai me oferecer?

Jace sobe de quatro na cama com as pernas abertas e sua linda bunda implorando pela minha atenção. Não tem como fugir dele agora. Isso pode acabar destruindo o que ainda resta no meu coração, mas é tarde demais. Meu coração pertence a ele de qualquer maneira; ele pode fazer o que bem quiser.

Observo as costas de Jace subir e descer a cada respiração rápida, sua pele se arrepiando graças ao frio no quarto. Meu olhar passeia pelo seu corpo, conhecido e, ainda assim, novo. Jace sempre foi

magrelo quando éramos adolescentes, agora ele tem uma barriguinha, e sua bunda definitivamente está mais redonda. Eu distingo cada uma de suas sardas e pintas familiares em suas costas nuas. A minha preferida é uma sardinha em formato de coração na sua nádega esquerda.

Meus pés me carregam para frente sem a minha decisão consciente de me mexer. E, antes que eu perceba, estou ajoelhado atrás de Jace, ainda completamente vestido, tracejando sua coluna com meus dedos. Eu me inclino e deposito um beijo em suas sardas e pintas, meus lábios lembrando-se de cada uma.

Jace estremece sob meu toque, sua respiração fica irregular, mas ele não fala nada para tentar me apressar.

Depois que beijei cada marca, seguro Jace pelos quadris e o viro de costas.

– O que você...

– Tenho sonhado com você há dez anos, nem pensar que vou ficar olhando para a sua nuca quando finalmente estiver dentro de você de novo.

Algo se agita atrás dos olhos de Jace, o que me dá esperança de que, por mais que ele diga que seu coração está fora dos limites, eu ainda possa ser capaz de alcançá-lo.

Continuo beijando cada uma de suas sardas na parte da frente de seu corpo. Meus lábios habilmente encontram cada uma delas, da escondida no lado esquerdo de sua mandíbula até meu pontinho preferido no canto direito do quadril. E não poderia esquecer da que fica no arco de seu pé direito.

Meu corpo dói para acelerar as coisas e ir para o evento principal, mas meu coração está satisfeito em permanecer dando atenção à cada centímetro de Jace pelo resto da tarde.

– Você pode, por favor, ficar pelado, Linc? – implora Jace num sussurro desesperado enquanto deposito um beijo de boca aberta na marca de nascença em sua panturrilha esquerda.

– Humm – murmuro concordando, trilhando meus lábios pela sua perna até o vão de seu joelho.

– Linc – ofega ele quando lambo a próxima sarda na parte interna da sua coxa.

Eu o solto com relutância e tiro a blusa, jogando-a no chão sem me importar. As mãos de Jace se juntam às minhas para abrir minha calça, meu pau se esforça para se libertar. Minha boca saliva quando meu olhar pousa no pau de Jace duro em sua barriga, com algumas manchas reluzentes de pré-goço em sua pele.

Agito as pernas para terminar de tirar a calça e me inclino para a lateral da cama para pegar o tubo de lubrificante e o preservativo da sacola de compras que deixei ali. Agradeço ao meu otimismo quando

fui até a loja. Largo os itens necessários na cama e cubro o corpo de Jace com o meu.

Meus lábios deslizam pelos de Jace e minha respiração falha. Tentei não me deixar lembrar como era beijá-lo. O jeito com que nossas respirações se misturavam e nossas línguas brincavam, quando beijar era por si só um simples prazer. Levanto a mão para acariciar seu rosto, sentindo os músculos de sua mandíbula sob as pontas dos meus dedos, enquanto seus lábios se abrem contra os meus. Meu coração se agita loucamente conforme o gosto de seus lábios e de sua língua me leva para um lugar onde não existe nada além de prazer. Quero morrer neste exato momento, para nunca ter que viver outro segundo sem os lábios de Jace nos meus.

– Linc – Jace sussurra na minha boca e, dentro de mim, tudo vira um calor líquido, nada além de um desejo ardente pelo homem em meus braços.

Nossas testas estão encostadas, os narizes se tocando e roçando um no outro, e nossa respiração ofegante se mistura. O peso das pernas de Jace em volta da minha cintura me prende ao momento e faz meu pau doer.

– Tem certeza?

– Ah, sim – geme frustrado. – Por mais que eu odeie admitir isso, não teve ninguém depois de você. Não desse jeito. – Ele se movimenta até seu buraco quente e apertado estar pressionado contra a cabeça do meu pau, me chamando.

– Você está me matando, Sardentinho. Eu a...

– Shhh – repreende Jace. – Só me fode. Por favor.

– Tenho permissão para, pelo menos, te preparar primeiro, vossa alteza? – pergunto sarcasticamente.

– Tudo bem, mas rápido.

Eu me sento nos calcanhares e pego o tubo de lubrificante de onde o coloquei na cama. Espremo um pouco em meus dedos e esfrego em volta para aquecer um pouco.

Jace projeta seus quadris impaciente enquanto deslizo os dedos em suas pregas, espalhando o lubrificante em volta antes de enfiar o dedo do meio em sua entrada enrugada.

Ele está quente e apertado, fazendo minhas bolas doerem e meu pau contrair, morrendo para entrar nele. Ele deixa escapar um suspiro enquanto movimento o dedo lentamente dentro dele, centímetro por centímetro. Assim que um dedo desliza facilmente para dentro e para fora, coloco mais um e Jace geme. Não consigo tirar os olhos de seu rosto enquanto o abro com meus dedos. Sua pele está corada, seus lábios abertos ofegantes, e seu olhar vago e sem foco. Ele está exatamente como eu me lembro.

Quando acrescento um terceiro dedo, Jace começa a espernear e

implorar por mais.

– Está pronto para mim? – pergunto.

– Caralho, há muito tempo. Por favor, me fode.

Eu solto uma risada por causa da sua impaciência. Também me lembro disso. Ele nunca queria esperar, sempre exigindo que eu apressasse as coisas. Mas quando ele estava do outro lado, nunca se apressava em me preparar.

Tiro os dedos de dentro dele e ele sibila em protesto. Rasgo o pacote de preservativo e visto meu pau duro e dolorido.

Encostando em seu buraco, ele geme e pega minha mão. Jace se movimenta contra a ponta do meu pau repousando em sua entrada. Por um momento, o meu mundo inteiro foca em nossos dedos entrelaçados. Não importa o que Jace possa dizer, isso não é foder. Nunca fiquei de mãos dadas com alguém enquanto fodia. Mas não vou falar isso para Jace, pelo menos não por enquanto.

– Por favor, Linc.

Meto dentro dele devagar, precisando saborear o momento. Só pensei nisso durante dez anos. Bem, não só nisso. Também recordava as noites em que ficávamos deitados na cama conversando por horas, ou em como Jace ficava quando ria, ou em quando ficávamos deitados lado a lado sob as estrelas conversando sobre ficarmos juntos para sempre.

Jace ofega quando rompo o anel apertado de seus músculos, e eu fico imóvel.

– Está tudo bem, não pare – me assegura ele, segurando na minha bunda com a mão livre e me puxando para si.

Cada centímetro do calor aveludado que envolve meu pau parece o paraíso, ficando ainda melhor com a expressão feliz no rosto de Jace. Quando a frente das minhas coxas está nivelada com a bunda de Jace, eu ainda meto apenas para me deleitar com a perfeição disso. Inclino a cabeça para trás e tiro a mão da de Jace para deixá-la vagar pelas pernas dele, envoltas em mim, amando a sensação dos pelos grossos sob meus dedos. Depois, vou para sua barriga e para o seu peito. Posso sentir o subir e descer de sua respiração rápida enquanto ele espera que eu volte a me movimentar, mas não consigo apressar este momento. Finalmente, chego ao seu rosto e seguro seu queixo.

Eu me inclino para frente e ele inspira bruscamente com a mudança de ângulo. Delineio seus lábios com meu polegar até eles se abrirem para mim, e chupo seu lábio inferior entre meus dentes, mordiscando delicadamente até ele gemer.

Minha língua procura a sua, enrolando-se devagar e acariciando-a quando a encontra. Sinto o pau de Jace se contrair na minha barriga e sorrio durante o beijo.

– Por favor, Linc. Por favor, por favor.

Meu pau lateja dentro dele diante de sua linda súplica, e resolvo ter compaixão dele. Debruçando-me sobre ele com suas pernas apertadas em volta de mim, me movimento dentro dele, mal tirando a cada estocada. Ele estremece em meus braços enquanto empurro o meu pau em sua próstata, ficando profundamente encaixado. Sua ereção está presa entre nós dois, o pré-goço deixando minha barriga pegajosa.

Os músculos suaves em seu canal vibram e comprimem em volta do meu pau. Ele geme na minha boca conforme nossas línguas continuam brincando. E meu coração acelera conforme nossos suores se misturam.

Arrasto meus dedos ao longo da lateral de seu corpo, amando os arrepios que surgem sob meu toque, e então passo meu polegar sobre seu mamilo, e ele geme contra meus lábios. Repito o movimento, desta vez beliscando um pouquinho, e ele estremece, esfregando-se contra mim, encontrando cada uma das minhas estocadas.

– Lincoln, caramba, Linc!

Abro os olhos para ver seu rosto flamejando num vermelho brilhante, e seus olhos reviram de prazer. Seu gozo quente cobre a minha pele, e ele se contrai em volta do meu pau, me deixando no limite. Gemo profundamente enquanto minhas bolas ficam apertadas, um calor elétrico explode do meu corpo. E libero meu gozo no preservativo.

Jace

Minhas mãos tremem conforme percorro os músculos do corpo de Lincoln, que um dia já foi tão familiar. Uma lágrima escorre pelo meu rosto para cada cicatriz que encontro. Nossos lábios se movem preguiçosamente, nossas línguas deslizam de vez em quando para se juntarem à mistura, vindo lentamente do auge de nossos orgasmos.

– Estou pronto – sussurro depois de uma eternidade.

– Pronto para quê, Sardentinho? – Lincoln afasta os cabelos da minha testa.

– Pronto para conversar sobre isso.

Lincoln parece tanto aliviado quanto nervoso, porém, ele assente com relutância.

– Sinto muito pelo jeito que te machuquei. Se eu vivesse um milhão de anos, não poderia me arrepender de nada mais do que por ter tomado aquela decisão.

– Por que você foi embora aquela noite? Por que você mentiu e prometeu que ficaríamos juntos para sempre e, depois, me deixou sozinho sem nenhuma explicação?

– Se eu pudesse voltar no tempo, faria diferente. Você não sabe o quanto eu me odeio por aquilo. Fui um covarde e lidei mal com a situação. Na época, não enxerguei nenhuma outra solução.

– Se você tivesse uma nova oportunidade, ainda iria embora? – pergunto, me dando conta de que Linc disse que se arrependia de como ele foi embora, e não por ter ido.

– Não sei, gosto de pensar que sim.

– Por quê? – exijo. – Foi você que sempre prometeu o “para sempre” e imaginou um futuro perfeito juntos. Você me fez acreditar no “para sempre” e aí foi embora.

– Você iria desistir da sua vida para vir comigo na turnê. Você desistiria daquela bolsa de estudos e viria atrás de mim em Nova Iorque. Eu não poderia te deixar desistir do seu sonho desse jeito. E não conseguia ver uma saída para nós dois conseguirmos realizar nossos sonhos e ainda ficarmos juntos.

– Você é muito, muito idiota – suspiro, balançando a cabeça e subindo pelo corpo de Lincoln, montando em seus quadris e segurando seu rosto com ambas as mãos. – Nós poderíamos ter resolvido isso juntos. Não precisávamos ter passado por toda esta dor. Poderíamos ter encontrado um jeito.

– É tarde demais? – pergunta Linc.

Uma esperança desesperada arde em meu peito, ameaçando me consumir. Analiso seu rosto por vários segundos, acariciando seu maxilar com o polegar, e franzo a testa.

– Ainda não sei. Mas não quero que seja tarde demais, se é que isso conta...

– Conta muito.

Depois do que parece uma eternidade, Linc sai da cama e vai para o banheiro. Ele volta depois de um minuto com uma toalhinha úmida para limpar o esperma e o lubrificante em mim, depois, joga o pano perto das nossas roupas no chão.

– Toca uma música pra mim? – peço.

Ele para um segundo, e depois volta e pega o violão. Eu lhe dou espaço na cama e ele se acomoda na cabeceira com a coberta na altura dos quadris e o violão no colo. Eu me apoio nos travesseiros para assistir.

Sempre fiquei hipnotizado pelo jeito com que seus dedos se movem pelas cordas. Eu mal consigo me lembrar de quando Lincoln não estava tocando. Ele comprou seu primeiro violão de segunda mão por vinte pratas, no verão em que tínhamos nove anos. Nem mesmo consigo me lembrar onde ele conseguiu o dinheiro, com certeza não foi com os pais. Ele passou o resto do verão praticando. Ele era horrível, mas eu amava me sentar no pír ou em seu quarto e assisti-lo tentar. Suas sobranceiras franziam e sua língua aparecia entre os

dentes quando ele se concentrava. No verão seguinte, ele conseguia tocar habilmente várias músicas, e, daí em diante, só melhorou.

– O que você quer que eu toque? – pergunta, fixando o olhar no meu enquanto dedilha preguiçosamente. Meu coração dói com sua beleza. Eu não estava mentindo quando disse que não sabia se poderia confiar nele novamente, mas isso não parece impedir meu coração de apostar tudo em uma condenação certa.

– Toca uma das minhas músicas?

Suas mãos ficam imóveis, e ele analisa meu rosto por vários segundos antes de começar a tocar uma nova melodia. Fecho os olhos e deixo a batida suave me invadir. Ela lembra um coração, devagar e tranquilo. Quando a letra começa, ele canta sobre sardas. Um sorriso se forma no canto dos meus lábios conforme a intensidade aumenta, a letra conta a história de um homem que memoriza cada sarda do corpo do seu amor, e, enquanto seu amor dorme, ele brinca de ligar os pontos, desenhando imagens do futuro deles nas marcas. Meu coração bate com força, partido pelo homem da canção... por Linc.

Linc nunca conteve seus sentimentos por mim, sempre foi rápido em me dizer o quanto me amava ou como imaginava nosso futuro. Eu nunca duvidei dele nem por um segundo, e foi por isso que doeu tanto quando ele me deixou.

Ao longo dos últimos dez anos, tentei me convencer de que Lincoln não poderia ter me amado tanto quanto eu o amei. Mas nunca acreditei de verdade nisso. A conta não fechava: como ele podia me amar tão intensamente e, mesmo assim, me deixar como fez.

A música vai diminuindo até acabar e meus olhos se abrem.

– Foi lindo, Linc. Obrigado.

– Não é o bastante para compensar pelo quanto te machuquei, mas estou tentando. Farei qualquer coisa para consertar as coisas.

– Eu sei. – Sinalizo o travesseiro ao meu lado. – Deite-se, vamos dormir.

– Você vai ficar? – pergunta com uma esperança descontrolada na voz.

– Eu vou ficar, querido. Durma.

Ele pousa o violão do lado da cama e se deita ao meu lado, me abraçando imediatamente, e me prende ao seu peito como se tivesse medo de que eu pudesse desaparecer. Se alguém deveria ter esse tipo de medo, era eu. Mas aqui estou.

Faixa 21: Lado B

18 Arrependimentos

Lincoln

Bati à porta da entrada de Jace, agitado, prestes a explodir de euforia. Quando ele finalmente abriu a porta, puxei-o para os meus braços e o girei até ele rir com a mesma alegria que eu sentia. Eu estava com dezoito anos e esta foi a última vez que me lembro de estar verdadeiramente feliz.

- O que foi, amor? – perguntou ele quando eu o soltei.
- Aconteceu uma coisa maravilhosa; você não vai acreditar.
- Fala logo, o suspense está me matando.
- Lembra quando te falei que tinha um produtor musical no bar onde tocamos há alguns meses?
- Lembro – anuiu Jace, seus olhos se iluminaram pela expectativa da minha novidade.
- Ele escutou a demo que mandamos para ele e acabou de ligar. Querem oferecer um contrato para a gente. Isso é sério... vamos começar gravando um álbum no início do mês que vem e sair em turnê abrindo os shows da *Last Weekend* daqui a alguns meses.
- Ai, meu Deus! – gritou Jace, pulando sem parar comigo. – Meu namorado vai ser uma estrela do rock.
- Que loucura! Mal posso acreditar que isso está acontecendo – refleti, puxando a mão de Jace e levando-o para o lago para podermos nos sentar e conversar sobre tudo.
- Não consigo acreditar. Vocês são incríveis – orgulhou-se. – Espera, onde é a gravadora que vocês vão ter que ir? E por quanto tempo ficarão em turnê? Você ainda vai para a faculdade em Michigan comigo?

Fiquei surpreso com sua pergunta. Eu nem tinha pensado nessas

coisas; fiquei tão envolvido com a ideia de assinar um contrato com uma gravadora de verdade.

– O estúdio de gravação é em Nova Iorque, então, teremos que ir para lá, e, depois, a turnê vai durar oito meses. Acho que a faculdade vai ter que esperar... Até parece que vou precisar de faculdade se vou ser uma estrela do rock, não é?

A expressão de Jace desabou por um momento antes de ele recuperar seu sorriso.

– Claro, com certeza. E não é como se nós não tivéssemos praticado passar longos períodos separados.

– Certo – resmunguei, meu bom humor foi azedando depressa. – Mas estávamos ansiosos para ficarmos juntos de verdade depois deste verão. Eu te fiz tantas promessas...

– Ei, eu sei; posso ir com você. Seria muito legal sair em turnê com meu namorado estrela do rock. Tenho certeza de que não vai demorar muito até tudo se ajustar para que eu vá para a faculdade.

– Mas você quer ser médico – argumentei, me sentindo mal diante da ideia de ele desistir do seu sonho. Jace irá curar doenças e mudar o mundo. Ele não podia desistir disso para me ouvir cantar algumas músicas idiotas.

– Só que eu não quero ficar longe de você de novo tão cedo. Estive ansioso para ficarmos juntos. Está tudo bem, a faculdade estará lá.

– Jace... – Balancei a cabeça, mas ele pôs a mão sobre a minha boca para deter o que eu ia dizer.

– Sem discussão, eu já tomei minha decisão.



O ranger da minha janela abrindo me fez sorrir e deixou meu pau duro. Entretanto, a realidade me atingiu. Esta seria a última noite que teria Jace em meus braços, a última vez que o beijaria. Minha decisão já estava tomada, e, mesmo com o coração em pedaços, eu sabia que não havia outra opção.

Minha decisão foi solidificada mais tarde naquela noite, quando Jace me disse que iria adiar a faculdade para ir à Nova Iorque comigo. Ele disse que poderia ser divertido sair em turnê com a banda. Que iria para a faculdade dentro de alguns anos, quando as coisas se ajustassem. *A faculdade vai estar lá; esta é sua grande chance.*

Eu me virei e levantei o lençol para Jace chegar para junto de mim. A luz do luar entrando pela janela do meu quarto dançava em sua pele, e o sorriso em seus lábios parecia me esfaquear. Ele veio para o meu lado e eu estremeci de prazer diante da sensação de sua pele quente deslizando pela minha embaixo do lençol frio.

Meus lábios procuraram a curva do seu pescoço, o local que sempre o fazia se arrepiar e gemer. Reuni cada suspiro e gemido que saíram

de seus lábios naquela noite, juntando-os avidamente, sabendo que precisaria deles para sobreviver pelo resto dos meus dias.

Eu sei que a maioria das pessoas tem muitos amores ao longo da vida. Poucas pessoas terminam com a pessoa por quem se apaixonam aos quinze anos. Mas, como Jace sempre disse, eu tenho uma alma de artista, sensível. Eu soube, assim que dei meu coração a Jace, que nunca o teria de volta. Não inteiro, nem de outra forma.

– Prometa que vamos ficar juntos para sempre – ofegou Jace quando segurei sua ereção e bombee devagar.

Os pedaços partidos do meu coração choravam diante de seu pedido. Nunca menti para Jace e não iria começar agora.

– Eu amo você – sussurrei, porque era a verdade, e só o que eu podia lhe oferecer neste momento. – Eu *sempre* vou te amar.

Jace

Acordei com um sorriso, alongando meus músculos agradavelmente doloridos e pensando nas mãos e na boca de Lincoln em todo o meu corpo na noite passada. Nunca houve um momento quando estávamos juntos que não fosse preenchido por paixão, mas a noite passada foi num nível completamente novo. Lincoln me fez gozar várias vezes, sussurrando uma infinidade de declarações de amor.

Estremeci de prazer diante da lembrança, me perguntando onde Lincoln estava agora de manhã. Quando acordei, presumi que ele tivesse ido ao banheiro, mas, depois de alguns minutos, comecei a me perguntar se ele iria voltar em algum momento.

Eu me levantei e me vesti, colocando o ouvido na porta para ver se conseguia ouvir Lincoln ou seus pais. Quando não escutei nada, resolvi sair pela janela e bater à porta.

Parado em sua varanda, estava arrepiado por causa do ar frio da manhã, esperando alguém atender. Ninguém veio e eu fui para a casa, confuso e começando a me preocupar. Será que os pais de Lincoln o levaram para algum lugar por algum motivo? Quando ele voltaria?

– Onde você estava agora de manhã? – perguntou minha mãe quando entrei, bastante atordoado para me lembrar de pular a minha janela para ela não saber que eu não estava em casa.

– No Lincoln.

– No Lincoln? Mas eles saíram há horas.

– O quê? – engasguei, claramente confuso.

– Vi os três colocarem as malas no carro e irem embora há cerca de duas horas.

Balancei a cabeça, me recusando a acreditar que Lincoln iria

embora sem me acordar. Ele disse que não iria me deixar de jeito nenhum. Ontem, falamos sobre ir para Nova Iorque juntos daqui a duas semanas, quando ele deveria começar a gravar. Iríamos procurar apartamentos juntos.

Peguei meu celular e digitei o número de Lincoln. Foi direto para a caixa postal. Com as mãos trêmulas, digitei uma mensagem de texto.

Jace

Para onde você foi? Estou ficando preocupando, por favor, me ligue assim que possível.

Nunca recebi resposta e, uma semana depois, o número foi desativado. Depois, só vi Linc pela TV, tocando “Alameda Cherry”, e eu odiei.

Faixa 22: Lado A

Boquetes no Banheiro são os Apertos de Mão da Nossa Geração

Lincoln

Demoro alguns segundos para entender o que me acordou do meu sono pacífico. Eu estava sonhando com Jace – nada de novo aí –, mas acordar e vê-lo esparramado ao meu lado faz meu coração inflar quase dolorosamente. Como é possível amar alguém tanto assim?

Estendo a mão e tiro uma mecha de cabelos escuros da testa de Jace, e ele suspira feliz enquanto dorme. É quando ouço o som de uma porta de carro batendo ali fora.

– Puta que pariu – resmungo, saindo da cama e vestindo a calça jeans que deixei jogada ali ao lado ontem à noite.

– O que houve? – pergunta Jace numa voz sonolenta.

– Acho que me encontraram.

– Quem te encontrou? – Ele se senta e inclina a cabeça para o lado, seu cabelo espetado em um milhão de ângulos estranhos, seus olhos ainda semicerrados por causa do sol invadindo a janela do quarto.

– Paparazzi, tabloides, qualquer um que queira vender uma foto e uma história sobre o fracassado de merda que sou por um milhão de dólares. Coloca uma roupa, eu não me surpreenderia se eles comessem a espiar pelas janelas.

Ainda parecendo confuso e sonolento, Jace tropeça, tentando se vestir.

– Vou ter que criar uma distração, para você poder sair pelos fundos sem que eles te vejam. – Puxo a cortina, olho lá fora e vejo quatro vans e uma dúzia de pessoas com câmeras circulando por ali.

– E quanto a você? Vai simplesmente ficar preso aqui com as

câmeras em cima de você sabe-se lá por quanto tempo? Você deveria estar aqui tirando um tempo para se recuperar mentalmente; isso não vai ajudar. – Ele aponta para a janela e eu poderia beijá-lo pela preocupação marcada em seu rosto.

– Não se preocupe comigo.

– Eu *estou* preocupado com você. Por mais que eu quisesse não me preocupar com você, não acho que essa é uma opção. Que tal isso: não tenho nada que precise em casa. E você?

– Eu só preciso do meu violão e você precisa das músicas que escrevi para você. Por quê?

– Que tal se *eu* criar uma distração e você tirar o meu carro da garagem escondido? Eu posso andar até a cidade, e te encontro em alguns minutos, depois podemos ir para o meu apartamento em Seattle para nos escondermos.

– Você quer que eu fique no seu apartamento em Seattle? – pergunto surpreso.

– Se você quiser – diz ele, menos seguro de sua proposta depois que eu questionei.

– Claro que eu quero – concordo.

– Toma as minhas chaves. Me encontra em frente à cafeteria.

– Toma cuidado, esses babacas lá fora são violentos – aviso antes de agarrar Jace pela cintura e puxá-lo para mim para exigir seus lábios. Mesmo que eu vivesse mil anos, sem chance de algum dia eu ter beijado Jace o bastante. – Te vejo em breve.

Por um segundo, um olhar de incerteza passa pelos seus olhos antes de ele me entregar as chaves. Meu coração se despedaça um pouco por saber que eu coloquei esse receio ali e não ter certeza se existe algum jeito de algum dia consertar o que quebrei entre nós.

Jace

Linc pega seu violão, junta a música que compôs para mim, e enfia o celular no bolso. Depois, me dá mais um beijo antes de sair cuidadosamente pela porta dos fundos. Vou para a porta da frente, pronto para distrair os abutres, para que não notem Linc. Abro a porta, e uma dúzia de câmeras pulula em cima de mim imediatamente.

– *Lincoln Miller está aqui?*

– *É verdade que ele tentou se matar de novo?*

– *A turnê foi cancelada porque a banda está se separando?*

– *É verdade que Lincoln vai dar entrada em uma clínica psiquiátrica?*

Perguntas são atiradas em mim por todos os lados enquanto os

flashes quase me cegam.

– Lincoln não está aqui – grito para o alvoroço.

– *Onde ele está?*

– *Ele está na reabilitação?*

– *Está no hospital?*

– Lincoln está bem; só está tirando umas férias muito merecidas. E, já que ontem foi Natal, vocês todos também deveriam estar de folga – repreendo. – Agora, se me dão licença.

Saio e tranco a porta da casa atrás de mim, e depois passo pela horda de repórteres e cinegrafistas sem falar mais nada. Só paro para deixar as chaves do carro alugado de Linc dentro do carro.

Como prometido, Lincoln está esperando no centro da cidade no meu carro alugado.

– Você os despistou? – checa quando entro no carro.

– Acho que sim. – Olho para trás para me certificar de que ninguém está nos seguindo. – Mas tenho certeza de que vão te encontrar se ficarmos por aqui por muito tempo.

– Tem razão, vamos.

– E quanto ao seu carro? Como você vai devolvê-lo? – pergunto.

– Você deixou as chaves dentro dele, não foi?

– Deixei.

Ele pega seu telefone e o põe no ouvido.

– Archer, preciso que cuide de uma coisa para mim... Sim, estou bem, mas os sanguessugas me encontraram... Sim, eu saí de lá, e estou saindo da cidade agora. Preciso que você consiga alguém para pegar o carro que aluguei e o devolva... porque estou com alguém que tem um carro, e estamos indo para o aeroporto... em Washington... Você não o conhece... não é da sua conta, é por isso... certo, obrigado, cara. O carro está em frente à minha casa e as chaves estão dentro... Ah, só mais uma coisa: você consegue duas passagens de avião para Seattle?... Vou te mandar as informações por mensagem de texto... obrigado mais uma vez. Tchau. – Ele coloca o telefone no suporte para copos e olha para mim. – Está tudo acertado.

– Como é só precisar ligar para alguém para resolver os seus problemas?

– Esquisito pra caralho.

– Imagino. Por acaso, você não tem ninguém que possa nos trazer café de paraquedas, tem?

Lincoln solta uma gargalhada e balança a cabeça.

– Infelizmente, não. Mas podemos parar na próxima cidade para tomar café, até vou acrescentar umas guloseimas para o café da manhã.

– Hmm... e eu aqui pensando que você desistiria depois que eu te dei ontem à noite – provoco.

– Eu sei que você está brincando, mas só para deixar claro, eu não estou procurando um casinho de férias com você. Quero tudo com você, e, desta vez, eu não vou a lugar nenhum.

Fico sem ar diante de sua declaração. Ele não pode estar falando sério, pode? O que mudou desde quando ele foi embora? Ainda teríamos que passar meses separados. Ele é uma estrela do rock, e eu sou um nerd de laboratório. Nossas vidas não combinam.

– Não vamos fazer promessas que não conseguiremos manter, Linc. Vamos esquecer isso e deixar que a vida siga seu curso, certo?

Ele grunhe e balança a cabeça, mas não discute.

Levamos quase meia hora para chegar à cidade seguinte, e ainda estamos a duas horas do aeroporto.

– Caramba, não tem *drive-thru* – reclama Lincoln quando avista uma cafeteria.

– Você é tão mimado agora que não pode sair do carro para tomar café hoje em dia? – avalio.

– Não, espertinho, mas se você acha que aqueles cuzões na casa são irritantes, deveria ver as fãs... ou os fãs.

– Ainda estamos no meio do nada, duvido que alguém aqui tenha ouvido falar de você – garanto-lhe, saindo do carro.

Ele me segue com uma relutância evidente.

Tem um sininho acima da porta que soa quando entramos, e eu vou direto para o balcão, desesperado pelo maior café que tiverem.

– Em que posso ajudar? – pergunta um adolescente atrás do balcão quando me aproximo.

– Pode me dar... – Ele arregala os olhos e fica boquiaberto, seu olhar se fixa sobre o meu ombro. Olho para trás e vejo Lincoln parado ali com um sorriso tímido.

– Puta merda, você é Lincoln Miller – afirma o garoto.

– Ah... – Ele olha de mim para o garoto como se estivesse tentando decidir se conseguiria se safar dessa com uma mentira. – Sou.

– Que maneiro. Queda Vertiginosa é tipo a melhor banda de todas. Pode me dar um autógrafo?

– Claro – concorda Lincoln, me lançando um olhar que diz “eu te avisei”.

O barista lhe entrega um guardanapo e uma caneta, praticamente vibrando de animação enquanto Lincoln escreve um pequeno bilhete e assina seu nome.

– É verdade que você cresceu numa casa de verão aqui perto e que Alameda Cherry foi escrita sobre alguém daqui com quem namorou?

Sinto Linc enrijecer ao meu lado e ele me lança um olhar nervoso.

– Hmm... Eu não falo sobre essa música..., mas, sim, eu cresci vindo para cá todos os verões.

– Que maneiro – repete.

– Obrigado. Agora, meu amigo aqui pode acabar desmaiando se não conseguir cafeína o quanto antes; pode ajudá-lo com isso?

– Ah, sim – concorda ruborizado, e eu finalmente consigo pedir o meu café.

Não é que eu não *soubesse* que Linc era famoso, mas é estranho ver pessoalmente. Eu me pergunto como deve ser ter completos estranhos se sentindo no direito de saber coisas sobre sua vida particular. Acho que com aquela maldita música, Lincoln também me pôs nos holofotes. Pelo menos, ele nunca falou meu nome para ninguém. Mas, se as coisas, de alguma forma, dessem certo entre nós dois, eu estaria na mídia. As pessoas iriam me conhecer e me fazer perguntas, e se intrometer na minha vida. Será que eu conseguiria lidar com isso?

Lincoln

O silêncio de Jace depois do café me preocupa. Dá para notar que ele está com a cabeça longe, pensando em todos os motivos pelos quais nunca daremos certo como um casal, por causa da minha fama. Não vou deixar que isso seja o que me impede de ficar com ele. Eu desisto da fama se isso significa ficar com Jace.

No aeroporto, fizemos o check-in, recebendo olhares estranhos por não ter nenhuma bagagem além do meu violão.

– Eu vou ter dois assentos na primeira classe para vocês, saindo em duas horas para Seattle, Washington – informa com um sorriso a mulher atrás do guichê, depois que lhe disse meu nome.

– Primeira classe? – Jace ri com deboche.

– Relaxa, Sardentinho.

Ele emite um som irritado, mas não continua a argumentar, então fomos nos sentar perto de onde nosso avião sairia e nos acomodamos.

Eu me senti ótimo durante a semana que se passou, melhor que o normal. Mas com tudo o que aconteceu nesta manhã – a imprensa, a incerteza pairando entre mim e Jace – me vi nervoso, inquieto. Sinto como se tivesse uma corrente elétrica de baixo nível correndo pela minha pele, e todos os sons que chegam aos meus ouvidos parecem uma bomba explodindo.

Jace coloca a mão na minha perna agitada para me parar, e eu o afasto, ganhando um olhar surpreso. À nossa volta, crianças correm, pessoas falam em seus celulares, voos são anunciados no alto-falante e eu sinto um grito se formando em meu peito.

– Ai, meu Deus, é o Lincoln Miller? – ouço, e é como se alguém tivesse puxado o pino.

– Jesus Cristo, não posso ter cinco minutos de paz, caralho? –

explodo, assustando e calando as pessoas perto de mim. Ouso lançar um olhar a Jace e o vejo boquiaberto em surpresa.

– Vem comigo um minuto – insiste ele, pegando a minha mão e me levando para longe da área de espera barulhenta. Ele me leva pelo corredor até encontrarmos um banheiro e me empurra para dentro, depois tranca a porta. – O que está acontecendo com você?

– Nada – exclamo. – Está sendo uma manhã estressante e eu não quero lidar com pessoas sussurrando sobre mim.

– Certo – diz Jace sem convencer. – Você precisa relaxar, senão, vai ser um voo longo pra caramba, então, me diz como posso ajudar. – Ergo uma sobrancelha para ele, que revira os olhos. – Estamos em público, e você é uma maldita celebridade. Pensa, por um segundo, se você fosse pego recebendo um buquete num banheiro de aeroporto, isso não estaria em todas as revistas do mundo?

– Hmm, bem pensando – concordo, estendendo as mãos para abraçar Jace pela cintura e nos giro para encostá-lo na parede. – É melhor eu te chupar em vez disso.

– Linc... – O que quer que ele estivesse prestes a dizer morre em seus lábios quando fico de joelhos e abro o zíper da sua calça.

Ele está só meia bomba, mas tudo bem; vai ser mais divertido convencê-lo disso.

Roço no volume na frente de sua cueca, recebendo um suspiro. Amo o cheiro dele, principalmente o cheiro masculino concentrado entre suas pernas. Já estou dolorosamente duro, lembrando como foi me enfiar fundo dentro dele ontem à noite, e como ele ficou depois de gozar. É isso que quero outra vez, ver seus olhos revirando e palavrões saindo de seus lábios.

Envolvo com as mãos sua ereção que cresce por baixo da cueca e brinco com a língua na cabeça, deixando o tecido úmido até grudar no contorno do seu mastro, onde a cabeça encontra o pau. Ele enrosca os dedos nos meus cabelos, puxando até começar a doer. Gemo com a sensação e abaixo sua cueca, sua ereção, agora total, se liberta.

– Linc – diz mais uma vez, agora é mais uma prece do que uma discussão.

– Eu senti saudades disso, Sardentinho. Senti saudades de cada detalhe em relação a você, mas isso, definitivamente, está no topo da lista.

Deposito um beijo de boca aberta em sua base, seus pelos pubianos fazem cócegas no meu rosto. Depois, arrasto a língua da base à ponta e me deleito com o jeito com que ele se arrepia e puxa o meu cabelo com mais força. Seus quadris se contorcem quando minha língua passa pela glândula, saboreando o gosto salgado de sua pele e do pré-goço.

– Por favor, por favor – implora baixinho.

– Ah, Sardentinho, você não aprendeu ainda que não consigo te

negar nada?

Antes que ele possa responder, meto a boca nele e o engulo até meu nariz estar enterrado em seus pelos pubianos. Seu saco pesado bate no meu queixo e eu murmuro em volta dele, fundo na minha garganta. Jace geme e eu juro que poderia gozar só de levá-lo ao prazer; nem precisaria me tocar.

Ele relaxa os dedos em meus cabelos e eu recuo, até seu pau quase sair da minha boca, então, num movimento rápido, o engulo novamente. No movimento seguinte, corro minha língua ao longo de cada veia e sulco, memorizando novamente a textura do seu pênis. Meus olhos querem se fechar, mas os forço a continuarem abertos, para assistir enquanto o prazer brinca no rosto de Jace a cada investida da minha garganta em volta do seu pau.

Quando ele começa a ofegar e seu pau incha na minha língua, gemo em volta dele, morrendo para ter seu gozo na minha boca.

– Ai, caramba, Linc, eu vou... eu vou... Ahh...

A primeira explosão de esperma salgado na minha língua é puro paraíso, e eu chupo com mais vontade, extraindo cada gota dele até que ele gema e afaste minha cabeça.

– Você estava certo: isso *realmente* ajuda – brinco, olhando para Jace, ainda ofegante e corado por causa do orgasmo.

– É um prazer servi-lo. – Ele sorri para mim enquanto guarda seu pênis usado de volta na cueca e sobe a calça. – Não acredito que te deixei me chupar num banheiro público. Nem posso começar a te dizer quantos germes tem aqui.

– Tenho certeza de que você vai sobreviver – falo simplesmente.

– Veremos.

Chupar Jace ajudou *mesmo*, mas acho que o jeito que ele vai brincar comigo depois vai ajudar ainda mais. As coisas poderiam voltar a como costumavam ser... não, podiam ser *melhores* do que costumavam ser.

– É melhor voltar lá para fora, não queremos perder nossa chamada – sugiro.

Jace concorda e pega a minha mão. Meu coração dá um pulo quando ele entrelaça nossos dedos antes de sairmos do banheiro.

Faixa 23: Lado A

Amigos e Pênis: Ambos São Duros de Lidar

Jace

Ainda estou um pouco atordoado quando chegamos ao meu apartamento. As últimas 24 horas foram um turbilhão, e eu preciso desesperadamente de um pouco de espaço para respirar e colocar minha cabeça no lugar.

Abro a porta e gesticulo para Lincoln entrar. Ele pousa seu violão e tira os sapatos com os pés, seu olhar passeia pelo meu apartamento, me deixando inseguro. O que será que ele vê aqui?

– Seu apartamento é muito bom.

Dou de ombros.

– Dá pro gasto. Eu não ganho uma fortuna e o aluguel é caro, então, foi o melhor que consegui. Tenho certeza de que é muito menor do que você está acostumado.

– É bom – repete. – É... acolhedor. Meu apartamento parece um museu ou um necrotério. Parece que você mesmo escolheu tudo aqui. – Ele caminha pelo lugar, pega uma almofada do meu sofá e a segura por um segundo antes de se sentar.

– Bem, sim. Não tive um decorador nem nada disso – solto uma risada.

– Eu tive – admite triste. – Eu não estava nem aí para o que tinha no meu apartamento.

– Sinto muito. Talvez você fosse mais feliz se se sentisse inserido em seu apartamento – sugiro.

– Não – responde Lincoln prontamente.

– Certo, bem... está com fome?

– É, eu comeria alguma coisa.

– Vou pedir comida e podemos só... é... passar o tempo? – Eu me toquei de como isso soou estranho. Que merda eu estava pensando ao convidá-lo para vir para cá? Por quanto tempo ele vai ficar? Ai, cacete, ele vai dormir na minha cama todas as noites, não vai? Porra, isso vai confundir minha cabeça.

Ele fica sentado no sofá enquanto eu abro o aplicativo de entrega de comida no meu celular e peço uma comida indiana. Linc sempre me disse que gostava de comida indiana, então, imagino que seja a escolha certa.

– Devia ter trazido o Nintendo que está na casa do lago – reflete ele enquanto estamos sentados constrangedoramente no sofá, os dois tentando descobrir como vamos agir perto um do outro. No lago era uma coisa, lá estavam todas as lembranças e sentimentos. Isso parece um desenho animado que, de repente, passa a existir no mundo real.

– Ah, sim, deve ter custado uma fortuna comprar um que funcionasse. Quer voltar pra pegar?

– Vou falar com Archer para mandar alguém lá. Mas vou esperar mais ou menos uma semana para ter certeza de que a imprensa perdeu o interesse no lugar.

Concordo e pego o controle remoto.

– Que tal vermos um filme? – sugiro.

– Legal – concorda.

Quando a comida chega, começamos a relaxar um pouco. Pego garfos na cozinha, e nos acomodamos no sofá com as embalagens nas mãos.

– O que você tem aí? – pergunta, olhando para a minha comida.

– Arroz *biryani* com frango.

– Hmm... deixa eu provar. – Ele chega mais perto, até nossos ombros se tocarem, e pega um pouco da minha comida. Ele não volta a se afastar depois, e eu suspeito que ele nunca pretendeu se afastar.

– Estou um pouco decepcionado; suas investidas não melhoraram desde que éramos adolescentes – provoco.

– É porque minhas investidas eram fodas naquela época, então não há necessidade de atualizar – responde, e eu reviro os olhos. – Que foi? Elas funcionaram com você... e parecem que continuam funcionando muito bem agora.

– Não conte com o ovo no cu da galinha – aviso com um sorriso irônico, e é a vez de Linc revirar os olhos.

– Vou me esforçar para melhorar minhas investidas – reconhece ele antes de pegar mais um pouquinho do meu pote.

– Ei, come a sua – reclamo, usando meu garfo como uma espada contra o dele, até o frango cair em seu colo, e nós dois rimos.

O ar entre nós parece carregado, e Linc se inclina, com o olhar fixo

nos meus lábios. Seu telefone toca, nos fazendo dar um pulo antes que ele pudesse dar o beijo que nós dois queríamos.

– Desculpe, é Lando, melhor eu atender depressa.

Gesticulo para que ele atenda, respirando fundo para acalmar meu coração acelerado.

Lincoln

– E aí, Lando, como vai? – pergunto, indo para a cozinha de Jace para não ser grosseiro atendendo a ligação ao seu lado.

– É... bem. E você? – pergunta com cuidado, me dando a entender que ele conversou com Benji desde que nós dois nos falamos.

– Estou fodástico – falo um pouco energeticamente demais. – Por que simplesmente não me pergunta o que quer que Benji queira que você pergunte e me deixa seguir com a minha noite?

– Não é o Benji, embora ele também esteja preocupado com você. Archer me contou que você está com um amigo em Seattle...

– A-hã – confirmo.

– Que amigo, Lincoln? Sem querer parecer um escroto, mas todos os seus amigos são da banda, e nenhum de nós está em Seattle.

– Bom trabalho em não parecer um escroto – respondo, deixando o sarcasmo transparecer no meu tom de voz.

– É sério cara, estou preocupado com você. Com quem você está?

– Estou com Jace.

Me deparo com um longo silêncio, bem parecido com a minha conversa com Benji, e me pergunto por que meus supostos melhores amigos pensam que eu deveria estar num hospício.

– Você acha que isso é mesmo uma boa ideia? – indaga Lando com cuidado depois de vários segundos.

– É uma boa ideia estar com o único homem que já amei? É uma boa ideia voltar à melhor coisa que me fez feliz na minha porcaria de vida? É uma boa ideia seguir a porra do meu coração para variar?

– Relaxa, só estou preocupado. Só faz quatro semanas que quase tivemos que te enterrar e, agora, você me diz que, de alguma forma, se reconectou com seu antigo namorado? Desculpe-me por achar que um coração partido não é o melhor para a sua saúde mental.

– Não vai ter nenhum coração partido desta vez.

– Espero que seja verdade, espero mesmo.

– Foi por isso que você ligou? – pergunto agitado.

– Não, estou com saudades. Queria saber como estão indo suas férias.

Solto um longo suspiro e meus músculos finalmente relaxam.

– Estão ótimas. Sinceramente, nós trabalhamos muito duro nos últimos dez anos. Acho que, quando voltarmos, precisamos estabelecer algumas regras novas com a gravadora: turnês mais curtas, férias mais longas entre elas.

– Sim, estou cem por cento dentro. Quero dizer, se decidirmos continuar sendo uma banda.

– Você não quer?

– Não estou dizendo isso. Só não sei como todos vão se sentir depois da pausa. – Ouço certa tristeza na voz de Lando que me faz desejar estar ao seu lado para lhe dar um abraço reconfortante.

– Como vão as suas férias? Como está a Flórida?

– Hmm... indefinidas até o momento – responde vagamente.

– Que resposta estranha do caralho, mas acho que vou aceitar por agora. Tem notícias do Jude? Ele não está na cadeia, nem nada assim, né?

Lando ri no outro lado da linha.

– Hmm... acho que você não vai acreditar no que está acontecendo com Jude.

– Agora você me deixou curioso. Ele se casou com um estranho em Vegas ou algo assim? Estou desconectado desde o início das férias. Não vi nenhum tabloide de fofoca nem nada do gênero.

– Não, nada disso. Mas acho melhor que ele mesmo te conte quando nos encontrarmos de novo.

– Tudo bem, implicante – reclamo.

– Fico feliz de saber que você está bem e espero de verdade que tudo dê certo com Jace desta vez.

– Eu também – concordo com um suspiro. – Tenha um bom fim de férias, mano.

– Você também.

Depois de desligar com Lando, enfio o celular de volta no bolso e vou para a sala, esperando voltar de onde parei com Jace. Mas, quando chego lá, as embalagens de comida estão guardadas e ele está sentado na ponta do sofá.

– Está tudo bem? – pergunta ele.

– Está, Lando estava apenas checando.

Jace assente, mantendo o olhar fixo na televisão.

– Algum problema? – confiro.

– Está tudo bem.

– Então por que você está agindo estranho? – insisto, pegando sua mão. – Fiz alguma coisa?

– Não, é só... – Ele bufa e finalmente olha para mim. – Passei os últimos minutos tentando pensar num jeito de te pedir para dormir no sofá em vez de comigo na cama.

Meu coração afunda, e eu retiro a mão, como se estivesse

queimando. Não sei por que achei que se conseguisse ir para a cama com Jace de novo seria o suficiente para tê-lo de volta. Tenho certeza de que depois de todas as minhas crises e merdas que ele viu recentemente, está pronto para me tirar da sua vida de uma vez por todas.

– Tudo bem – concordo com a voz sufocada. – Sem problemas. – A mentira tem o gosto amargo.

– Só preciso de um pouco de espaço para resolver as coisas na minha cabeça. Não quero... – Ele para e balança a cabeça. – Só preciso de um pouco de espaço – repete.

– Está tudo bem; você não me deve nenhuma explicação.

Assistimos ao resto do filme em silêncio e, depois, Jace vai até um armário no fim do corredor e pega algumas cobertas e travesseiros para arrumar o sofá para mim.

– Precisa de alguma coisa antes de eu ir para a cama? – pergunta ele, pairando perto do sofá enquanto eu fico só de cueca.

– Estou bem.

– Certo. Pode pegar o que quiser na cozinha, e o banheiro é no final do corredor perto do meu quarto. Durma bem.

– Boa noite.

Eu observo Jace de costas quando ele segue pelo corredor e meu estômago contrai, parecendo que levei um chute. É como se Lando fosse uma porra de um vidente. Cinco minutos depois que ele me fala que está preocupado que eu perca Jace outra vez, aí está Jace, me afastando. Deve ser porque ele vê o que o mundo inteiro vê: eu sou um fracassado de merda, nada merecedor de ninguém ou de coisa alguma. Eu não mereço Jace; nunca mereci.

Jace

Deito-me na cama, estremecendo quando os lençóis frios me envolvem. Estico o braço e aliso o lugar vazio ao meu lado onde Amanda costumava dormir. Um buraco se abre no meu peito ao lembrar de Amanda ao meu lado. Ela estava pronta para me deixar. Nós éramos pouco mais que amigos e, verdade seja dita, eu não sinto falta de tê-la comigo na cama. É patético pensar que sinto mais falta de Linc, mesmo depois de apenas duas noites dormindo ao lado dele.

Dormir ao lado de Linc a noite inteira era raro quando éramos adolescentes, ficávamos preocupados demais em sermos pegos para relaxar de verdade. Mas aconteceu uma ou duas vezes de eu adormecer ao seu lado e só acordar de manhã. E, depois, claro, houve a manhã. Quero ser capaz de perdoá-lo por isso e seguir em frente. Ele

parece pensar que existe um jeito de fazermos dar certo entre nós sendo mais do que um casinho de férias, e eu *quero* que ele esteja certo. Mas e se ele estiver errado? Será que eu consigo sobreviver a um coração partido pela segunda vez? Será que eu consigo sobreviver aos “e ses” por não dar uma chance?

Eu me viro agitado, chutando a coberta e me xingando por desejar ter deixado Linc vir para cama comigo. Sinceramente, me assustou um pouco ouvi-lo ao telefone com Lando, tão intenso em sua defesa de estar aqui comigo. Ele disse que sou o único homem que ele já amou. Eu já sabia disso, mas ouvir em voz alta agitou alguma coisa bem lá no fundo. Linc não iria brincar com os meus sentimentos; ele não está a fim de ficar de brincadeira até as coisas seguirem seu curso. Lincoln me quer para sempre, como sempre prometeu.

Lincoln

Uma dor aguda começa no centro do meu corpo e irradia, me fazendo ofegar em busca de ar.

Eu me curvo em posição fetal e tento conter a dor quando a escuridão escorre pelos cantos da minha alma e me envolve. Não tenho pensado em me cortar desde que Jace tirou as minhas lâminas, mas, neste exato momento, eu preciso disso pra caralho. Preciso da libertação e do controle que só consigo me cortando.

Cambaleio para fora do sofá e vou até o banheiro. Duvido que ele tenha barbeadores, mas deve ter *alguma coisa* que possa tirar a minha dor. O Plano B será invadir sua cozinha em busca de bebidas. Mas eu não quero ficar bêbado; quero sangrar como a minha alma está sangrando.

Entro no banheiro e fecho a porta em silêncio. Então, abro a torneira para abafar quaisquer barulhos que possa fazer, e abro seu armário de remédios. Encontro pasta de dente, Band-Aids, enxaguante bucal, um aparador de barba... nenhuma dessas coisas é minimamente útil. *Bingo: tesoura.*

Seguro a pequena tesoura prateada que fica ao lado de um frasco de Advil. Tremo quando encontro meu próprio olhar no espelho. Mal reconheço o homem ali. É o mesmo homem que sorri em capas de revistas e discursa sobre autoagressão. Isso foi sugestão de uma empresa de RP depois que a história por trás de “Azulejos Carmesim” foi vazada por um dos paramédicos babacas que salvaram a minha vida patética. Eles me disseram para me render e ser franco sobre como obter ajuda quando precisar. Então, é o que eu tenho feito. Compareço a entrevistas com cortes recentes sob a roupa e falo sobre

se valorizar mais do que a autoagressão.

– Você é um pedaço de merda desprezível e mentiroso – resmungo para o meu reflexo.

Afundo no chão e me encosto na banheira. Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, arrastando lentamente a ponta afiada da tesoura pelo meu antebraço esquerdo. Não forte o bastante para rasgar a minha pele da primeira vez. Está é a preliminar, um aquecimento, eu mal arranho minha pele superficialmente. Abro os olhos para a próxima fase, pressionando com mais força, mas ainda não o suficiente para tirar sangue, só o bastante para me deixar com uma marca vermelha de raiva na minha pele. Eu poderia arrastar um pouco mais a tesoura; não seria difícil colocar um fim nessa merda de uma vez por todas. A vida de todo mundo não seria muito mais fácil sem mim?

Aperto o metal frio com mais força e o arrasto em outro sentido, finalmente pressionando forte o bastante para uma gota de sangue aparecer. O nó no meu peito afrouxa um pouco enquanto observo gotículas vermelhas escorrendo da ferida. Não satisfeito ainda, vou novamente, pressionando com mais firmeza até eu ter que morder o interior da minha bochecha para não gritar. A dor é bem-vinda, mesmo quando as lágrimas escorrem dos meus olhos. Meu peito pesa conforme o fluxo de sangue fica mais regular, pingando na minha coxa nua embaixo do meu braço.

– Lincoln – a voz tensa de Jace me faz piscar, tirando a minha atenção da pequena poça que se forma. – Puta merda. – Da mesma maneira que antes, ele pega uma toalha e corre para se ajoelhar ao meu lado.

Sua presença é relaxante, ainda mais relaxante do que a dor. Quero beijá-lo, abraçá-lo, fazê-lo prometer que vai me deixar ficar com ele para sempre.

– O que você fez, Linc? – questiona triste. Estendo o braço como uma explicação e ele enrola uma toalha nele. – Acho que você vai precisar de pontos; é muito sangue.

Dou de ombros e evito seu olhar. Não quero ver a decepção ali.

– Não posso ir para a emergência; vão vender a história para as revistas de fofoca.

– Eu poderia fazer isso, mas não tenho os instrumentos necessários aqui.

– Posso ligar para o Archer; ele vai encontrar alguém que venha em casa.

– O Archer tem um cara para tudo?

– Quase tudo.

– Tudo bem, ligue para ele, porque esse corte definitivamente precisa de pontos – declara Jace depois de dar uma olhada embaixo da toalha.

- Preciso do meu telefone.
- Se eu te deixar sozinho por trinta segundos, você vai tentar se matar de novo? – pergunta, me olhando desconfiado.
- Eu não tentei *me matar* – contesto.
- Não vou discutir com você sobre isso – bufa Jace, levantando-se e saindo do banheiro. Posso ouvir seus passos conforme ele, literalmente, corre para pegar meu celular e volta como se estivesse bem convencido de que vou me matar se ele se ausentar por mais de quinze segundos. Ele me entrega meu celular, e eu pressiono o primeiro número da discagem rápida para ligar para Archer.
- Alô? – A voz de Archer parece grossa, mas não de sono. *Merda, eu com certeza interrompi alguma coisa.*
- Ei, desculpe, eu... é...
- Lincoln, o que foi? – exige, o tom sexy se desfaz quando ele percebe o que está acontecendo.
- Eu tive um... é... *incidente* – admito, sentindo a vergonha me invadir.
- Porra! Você está bem? Está na emergência? Está sozinho?
- Eu estou bem – garanto-lhe, e Jace faz um barulho no fundo da garganta discordando. – O amigo com quem estou é médico e ele diz que eu preciso de pontos. Mas ele não tem os instrumentos para fazer isso em casa. Eu sei que não posso ir para a emergência. Pensei que você talvez conhecesse alguém para quem pudesse ligar para vir aqui me costurar – peço com um tom de voz leve forçado.
- Vou cuidar disso. Envia uma mensagem com o endereço, e eu vou mandar alguém aí. O sangramento está sob controle?
- Sim, está tudo bem.
- Depois de mandar o endereço de Jace para Archer, arrisco olhar na direção de Jace e vejo toda a dor e decepção que já esperava.
- Me desculpe – murmuro.
- Por quê? – exclama ele. – Por que você faz isso, Linc?
- Não sei. Eu sou fodido, tá bom? Pensei que tinha uma chance de te ter de volta de verdade. Eu me convenci de que se fizesse tudo perfeitamente correto, poderia haver uma segunda chance entre nós. E quando me dei conta, esta noite, que você nunca seria capaz de me perdoar, simplesmente não consegui aguentar.
- Jace fica sentado em silêncio por um bom tempo, mantendo a pressão no meu braço, e esperamos o médico chegar.
- Eu nunca disse que não havia uma chance. Só precisava de um tempinho para pôr minha cabeça em ordem.
- Sério? – pergunto com a esperança renovada.
- Você sempre foi minha fraqueza, Linc. Posso ficar magoado para sempre pelo que você fez. Mas você não é quem pensei que tivesse se tornado. Você ainda é a pessoa por quem me apaixonei e... – Ele para,

mordendo o lábio inferior enquanto eu prendo a respiração.

– E? – encoraja ele quando não aguento mais o suspense.

– E eu quero dar uma chance de verdade para isso, para *nós*.

Um soluço surge do meu peito, e eu agarro Jace com meu braço bom, trazendo-o até mim para poder provar os lábios perfeitos que simplesmente faziam todos os meus sonhos se tornarem realidade.

Sua boca é doce contra a minha, sua língua provoca a minha quando busco mais dele.

Uma batida na porta interrompe o momento, mas não consigo romper a bolha de felicidade no meu peito.

– Que rápido – observa Jace.

– Archer provavelmente disse pro cara que estou tendo uma hemorragia fatal.

Jace se levanta e me ajuda a levantar também. Ele me leva para a mesa da cozinha e vai para a porta.

O médico é um homem quieto para quem provavelmente eu paguei uma fortuna para vir aqui no meio da noite e ficar de bico calado sobre isso. Não demora muito para que ele me declare novo em folha e vá embora.

– Bem, isso foi mais emocionante do que o que tinha planejado para esta noite. – Jace boceja.

– Preciso voltar para o sofá? – pergunto timidamente.

Ele suspira e, então, sorri levemente para mim.

– Vai lavar esse sangue e depois venha para cama comigo. E eu espero que você saiba que se sou seu namorado de novo, essa merda não vai acontecer novamente. Vamos conversar sobre isso e resolver, porque não quero me preocupar que cada briga possa terminar num banho de sangue.

Assinto discretamente e vou para o banheiro me limpar, sem conseguir evitar um sorriso. *Ele disse namorado.*

Faixa 24: Lado A

69 é Para os Amantes

Jace

Ainda estou tremendo quando subo na cama e espero por Linc. Ouço a água da torneira jorrando no banheiro e, por um instante, me pergunto se preciso sair correndo para dar uma olhada nele de novo. Ele está feliz agora, não está? Ele não vai se machucar de novo estando feliz, vai? Não que eu tenha concordado em tentar de verdade só para impedi-lo de se machucar. Não estou me enganando; sei que ele tem um problema e, por mais que um momento de alegria possa mantê-lo seguro por enquanto, existe um monte de obstáculos pelo caminho a seguir.

A visão de Linc sangrando no chão do meu banheiro quase me fez desmaiar. Posso ser um nerd de laboratório agora, mas frequentei a faculdade de medicina, consigo lidar com sangue. O que eu não conseguiria lidar seria com a percepção de que, se eu não tivesse me levantado para ver por que a torneira da pia estava aberta há dez minutos, Linc teria morrido. Ele poderia ter continuado se cortando; ele poderia ter atingido uma artéria. Puxo ainda mais o cobertor em cima de mim, todo o meu corpo está gelado por causa da realidade do quão perto as coisas chegaram.

Deixo escapar um suspiro de alívio quando a água é fechada e a porta do meu quarto range ao abrir. Levanto o cobertor e o chamo para a cama.

– Vem, amor.

Linc não se mexe, e à luz do luar posso ver um sorriso se abrir em seu rosto. Alguns pedaços do meu coração partido costuraram-se de volta neste momento.

Ele desliza para baixo do cobertor e se aconchega a mim. Seu hálito

quente faz cócegas na minha pele e faz minhas terminações nervosas se agitarem. Meu pau levanta quando endurece, tomando a proximidade de Linc como um sinal. Seu cheiro inunda meu nariz e, espero, penetra em meus lençóis. Não sei como tudo vai funcionar entre nós no longo prazo, mas falei sério quando disse que queria tentar. Ter um desfecho foi uma utopia. Tenho certeza de que parte de mim soube disso assim que coloquei meus olhos nele duas semanas atrás no supermercado. Eu poderia ter me prendido ao meu ódio para sempre, ou poderia ouvir o que o meu coração quer e ver aonde isso vai dar.

Linc roça o nariz no vão do meu pescoço e suas mãos passeiam pelo meu peito nu. Seus dedos param em certos pontos e eu me pergunto se é onde ficam suas sardas preferidas.

– Você vai fazer amor comigo? – pergunta num sussurro trêmulo.

Roço meus lábios nos dele, passando uma mão pelos seus cabelos, e entrelaço nossas pernas para maximizar o contato. Passo a mão livre pela curva das suas costas e da sua bunda, segurando firme uma nádega, e o puxo mais para perto. Linc geme contra meus lábios enquanto nossas bocas se movem juntas, saboreando um ao outro.

O pau dele pulsa contra o meu por baixo da cueca, e nós dois gememos. Cravo os dedos com mais força na carne macia da bunda dele, precisando desesperadamente ficar o mais perto possível. Os lábios de Linc se arrastam pelo meu maxilar e descem pelo meu pescoço, beijando e mordiscando a minha pele, e o calor se espalha pelas minhas veias. Ninguém jamais me fez sentir do jeito que Lincoln faz. Eu sempre considerei que as minhas lembranças das nossas aventuras sexuais quando adolescentes eram generosas demais. Não tinha como o melhor que já tive ter sido quando eu tinha dezessete anos e nenhum de nós dois sabia que diabos estava fazendo. Imaginei que, já que Linc foi o meu primeiro, eu o estava colocando num pedestal não merecido. Só que mesmo nossos beijos acalorados e nossas aventuras no escuro agora são melhores do que qualquer outra coisa que já senti.

– Por favor, Jace – implora Linc contra a minha clavícula, com uma mão furtiva dentro da minha cueca, segurando meu pau.

Gemo e estremeço com seu toque.

– Eu preciso... – murmuro. De que eu preciso? Com certeza de alguma coisa, mas é difícil lembrar enquanto o polegar de Lincoln junta o pré-goço da minha abertura e o esfrega na cabeça sensível do meu pau.

– Tem camisinha e lubrificante na mesa de cabeceira? – supõe.

– Tem – sussurro, massageando suas nádegas e me incorporando em seu abraço. – Ai, porra, não. Eu não tenho camisinha, Amanda e eu não usávamos há tempos.

– Merda. E eu não pensei em trazer as que comprei quando saímos do lago hoje de manhã.

– Ótimo, que merda – eu solto uma gargalhada porque o que resta a fazer nessa situação?

– Precisamos mesmo...

– Sim, Linc, precisamos. Pelo menos, até fazermos os exames.

Lincoln suspira dramaticamente.

– Tudo bem, 69, então? – sugere esperançoso. Antes de estarmos prontos para voltar ao ponto anterior, 69 era definitivamente o nosso preferido.

– Você sabia que a maioria das pessoas odeia 69? Não consegui encontrar nenhum parceiro para fazer isso desde você – reflito.

– Então, são todos imbecis – declara Linc, se livrando da cueca e jogando-a de lado, e eu faço o mesmo. Depois, eu me viro e ele fica na posição.

O cheiro másculo de Lincoln me pega de jeito, fazendo minhas bolas contraírem e meu pau flexionar como se procurasse sua boca.

Em vez de ir direto para o evento principal, Lincoln deposita beijos de boca aberta nas minhas coxas, mordiscando e lambendo em proporções iguais.

– Caramba, você provoca demais – reclamo.

– Você que é muito impaciente – rebate ele, e eu rio. Quantas vezes já tivemos esta pseudodiscussão? Estar com Lincoln é como estar numa dobra temporal, mas, ao mesmo tempo, parece finalmente que estamos seguindo em frente. É como se eu tivesse ficado paralisado por dez anos, apenas esperando que ele voltasse, e eu nunca me dei conta disso.

A língua de Lincoln lambe, enfim, o meu saco, e eu praguejo e faço o mesmo com ele. Vou das bolas dele até a base do pau, depois, passo a língua por toda a ponta. A minha língua se lembra da elevação de cada veia e exatamente onde a textura áspera da sua cicatriz de circuncisão começa e termina. E as minhas papilas gustativas se lembram do gosto salgado e forte do seu pré-goço quando o coloco dentro da minha boca.

É difícil me concentrar em dar prazer a Lincoln quando o meu pau está sendo habilmente cuidado pelos seus lábios e sua língua, o calor de sua boca em volta de mim, me chupando tão perfeitamente. Um gemido vibra em torno do meu pênis quando chupo Lincoln profundamente, relaxando minha garganta para engoli-lo por inteiro. Meus quadris contraem e um gemido reverbera do meu peito, criando um ciclo de respostas de chupadas com vontade e gemidos estimulantes de nós dois.

Posso sentir que Linc está quase lá quando ele começa a estocar na minha boca, seus quadris se contraem antes de ele se empurrar mais

fundo na minha garganta, e roça o saco no meu nariz. Agarro a bunda dele e o prendo ali, engolindo-o e saboreando cada respiração irregular e gemido desesperado que recebo. Quando eu o deixo sair, inflo as bochechas, chupando o mais forte que consigo.

– Ai, caralho – Lincoln ofega logo antes de uma explosão salgada atingir a minha língua. A sensação do pau dele pulsando contra a minha língua faz meu orgasmo me despedaçar, minhas bolas se comprimem e se esvaziam em sua garganta.

Nós não nos soltamos até os dois tirarmos cada gota um do outro.

Lincoln

– Ei, Sardentinho – murmuro contra o pescoço de Jace enquanto ele faz carinho em meus cabelos lentamente, me fazendo quase dormir. Estou molenga por causa do orgasmo intenso que ele me deu e no paraíso com seus braços em cima de mim.

– Oi?

– Eu menti – sussurro. Sinto quando seus músculos enrijecem contra mim enquanto ele analisa cada palavra que pronunciei nas últimas duas semanas, tentando decidir qual poderia ser a mentira mais dolorosa. – Foi uma tentativa de suicídio. Quando eu me cortei em casa e quase me esvai em sangue no meu banheiro, eu queria morrer. Eu não aguentava mais aquela merda. Tudo deveria ser perfeito; eu deveria estar vivendo o meu sonho. Quem não consegue ser feliz com milhões de dólares e estádios lotados de fãs histéricos? O que eu tenho de errado?

– Ah, meu amor – murmura Jace, voltando a fazer carinho em meus cabelos. – Não se cura depressão com coisas externas. Não é assim que as coisas funcionam.

– E como é? – pergunto, minha voz beirando o desespero. – Eu sei que a escuridão vai aparecer de novo, e não sei por quanto tempo serei forte o bastante para lutar contra ela. Eu não quero morrer, Jace. Achei que há muito tempo tinha deixado de me importar se vivia ou morria. Mas estar ao seu lado novamente me lembra para que tenho que viver. Eu não quero deixar a escuridão vencer.

– Eu conheço um terapeuta. Você estaria disposto a conversar com ele? – pergunta Jace, e eu cogito a ideia na minha cabeça por um tempo.

Todas as vezes que um dos meus colegas de banda ou Archer sugeriam que eu visse um terapeuta, eu me irritava. Gente louca vai a terapeutas. Eu não sou louco, sou só... triste. Certo, talvez seja mais do que apenas uma tristeza comum. É mais um poço sem esperança e

sem fundo de vazio e desespero que pode se tornar devastador e sufocante até que eu literalmente não consiga respirar.

– Ele é maravilhoso: inteligente, compreensivo, um ótimo ouvinte – pressiona Jace, sem entender o meu silêncio.

Eu me irrita um pouco com sua descrição entusiástica do homem.

– Você já saiu com ele ou algo assim? – Eu sei que não tenho direito à raiva alterada e possessiva no meu peito, só que isso não a impede de estar ali.

– Não, idiota. Wyatt e eu nunca saímos; ele é só um amigo. Não que seja da sua conta com quem eu saí nestes dez anos.

Resmungo minha discordância com esse sentimento, mas decido que será melhor simplesmente deixar para lá e não pressionar o assunto.

– *Enfim...* – continua Jace. – Wyatt é um amigo que conheci na faculdade. Ele é uma pessoa maravilhosa, passa o tempo como voluntário num centro local para jovens LGBT+ e casa de recuperação, se chama Casa Arco-Íris. Ele é terapeuta lá, mas também tem seu consultório particular. Tenho certeza de que vai arranjar um tempo para conversar com você se eu ligar para ele.

– Posso pensar um pouco?

– Claro – concorda.

Ele me dá um beijo no alto da cabeça e o meu peito ressoa com satisfação. Abraço sua cintura com mais força, todas as células do meu corpo gritam para nunca mais deixar Jace.

Faixa 25: Lado A

Desejo Uma Sarda

Lincoln

Faz alguns dias que chegamos a Seattle e Jace concordou em tentarmos pra valer. Uma semana que admiti a verdade para Jace. Não é como se eu estivesse admitindo um segredo enorme; todo mundo sabia a verdade. Mas eu nunca havia dito em voz alta para ninguém. Nunca fui a pessoa que diz para alguém: sim, *eu queria morrer, e não foi a única vez que me senti assim.*

Para a minha surpresa, ele não me rejeitou. Eu sempre achei que contar esse tipo de coisa para qualquer um faria a pessoa me olhar diferente. Só que Jace simplesmente continuou me beijando e me abraçando a noite inteira. E, na manhã seguinte, ficamos abraçados na cama por horas, conversando sobre todos os mínimos detalhes das nossas vidas. Ele riu quando perguntei onde ele fazia compras e qual era a sua marca preferida de xampu agora, mas eu quero saber tudo sobre ele. Quero apagar os últimos dez anos que passamos separados.

– Em que você está pensando? – pergunta Jace, me cutucando com o pé.

Eu pego seus pés e os coloco no meu colo. Distraidamente, conecto os pontinhos em sua coxa esquerda.

– Só na sorte que tenho de ter conseguido uma segunda chance. Parece destino. Quais eram as chances de eu estar no lago ao mesmo tempo que você? E, mesmo estando os dois lá, você poderia não estar solteiro. Tudo aconteceu exatamente como deveria.

O sorriso de Jace é suave quando ele pega a minha mão. Ele a levanta até seus lábios e beija a ponta de cada um dos meus dedos.

– Eu também acho, meu amor. Não sei bem como as coisas vão ficar, mas se o universo nos quer juntos, deve ser bom, não é?

– Exatamente – concordo, colocando seus pés de volta no sofá, deslizo para cima dele para que nossas bocas se alinhem. Deposito um beijo quase imperceptível em seus lábios, depois outro, arrancando uma bufada frustrada dele. Ele agarra a minha nuca e me puxa para que nossos lábios encostem firmemente. Meu corpo esquenta da cabeça aos pés e eu sorrio contra sua boca.

Nossas línguas deslizam entre si, nossas mãos passeiam e nossos quadris roçam um no outro. Mas não há pressa, não tiramos as roupas, nenhuma tentativa de nenhum de nós dois escapar. Isso é tudo o que a minha alma precisa. Quero tanto dizer a Jace o quanto o amo, que nunca deixei de amá-lo. Mas não sei se é cedo demais. Não quero apressar nada ou correr o risco de assustá-lo.

No fim, ele afasta os lábios e nossas testas descansam unidas, nossos narizes se encostam e nossos sorrisos refletem nós mesmos.

– O que você quer fazer hoje à noite? – quer saber Jace, e eu solto uma risada.

– Posso pensar em algumas coisas. – Pressiono minha ereção contra seu quadril para mostrar o que quero dizer.

– Ainda não – nega, brincando com os dedos na minha barriga, logo acima do cós da minha calça. – A expectativa é metade da diversão.

– Você simplesmente gosta de saber o quanto fico duro e desesperado por você – acuso.

– Como eu disse; é metade da diversão – concorda Jace com um sorriso sexy. – Então, o que mais você quer fazer? Sair? Jogar vídeo game? Ver um filme?

– Você sabe o que eu realmente quero fazer? – indago, e Jace ergue uma sobrancelha, esperando pela minha resposta. – Quero tocar violão.

– Tudo bem – aceita. – Pega e toca pra mim.

Não consigo resistir a roubar mais um beijo antes de sair do sofá e pegar meu violão no quarto. Eu ainda não tenho tocado muito recentemente, mas, na última semana, ressurgiu um pouco da energia criativa que não pensei que algum dia sentiria outra vez.

Quando volto para a sala, Jace está sentado, deixando espaço para que eu me sente. Com o violão no colo, e Jace me observando com um olhar de admiração e luxúria, começo a tocar “Sardas” para ele mais uma vez. Sempre foi a minha preferida.

Ele se senta de lado no sofá, olhando em meus olhos enquanto toco, e sorri.

– Você inventou um monte de desenhos aleatórios para essa música – comenta quando termino.

– Não são aleatórios; são desenhos reais das suas sardas.

– Hã-hã – contesta como uma criança mal-humorada, e eu rio.

– A-ham sim senhor – rebato. – Vou te mostrar.

Pouso meu violão e vou até a mesa do computador no canto da sala para pegar um marcador. Volto para o sofá, mostrando o marcador, e lanço um olhar desafiador para Jace.

– Tire a calça.

Jace revira os olhos.

– É sério? O que aconteceu com o romance?

Ergo as sobancelhas para ele e, quando ele não faz nenhuma menção de tirar a calça, eu coloco o marcador tampado entre os dentes e começo a desabotoar sua calça. Ele se contorce e ri, lutando comigo apenas para fazer da tarefa um desafio divertido. E, quando ele fica apenas de cueca boxer, estamos os dois sem fôlego e quase duros.

Com as duas mãos em seus quadris, eu o viro e dou um tapa de brincadeira em sua bunda.

– Não se mexe ou vou acabar rabiscando você inteiro – aviso.

– E não é isso que você vai fazer?

– Eu não vou rabiscar – corrijo –, vou conectar os pontos.

– Isso nunca vai sair, vai? – pergunta assim que começo a agrupar as sardas.

– É por isso que estou fazendo nas suas pernas, para a calça cobrir.

– Ora, obrigado – agradece secamente.

Eu desenho um coração, uma estrela e um dinossaurinho esquisito na parte de trás de sua coxa enquanto ele se contorce e ri, reclamando que o marcador faz cócegas.

– Pronto – anuncio.

Jace estica o pescoço, tentando ver os desenhos que suas sardas conectadas formam.

– Não consigo ver – reclama.

– Calma aí. – Pego meu celular, tiro fotos e entrego para ele.

– Você é tão estranho – declara antes de me devolver o celular.

– Ei, quem namora um esquisito é você, então, o que você é? – questiono.

Ele se vira de lado e olha para mim com um brilho acolhedor em seus olhos.

– Feliz – responde ele, e minhas pernas estremecem.

– Eu também, Sardentinho. – Ajoelho na frente dele e tiro o cabelo de sua testa, depois me inclino e beijo algumas das minhas sardas preferidas em suas bochechas e em seu nariz. Não é fácil de vê-las agora no meio do inverno. Mas eu lembro exatamente onde elas estarão no final do verão, e vou beijá-las novamente.

Só faz três dias, mas desde que disse a Linc que poderíamos tentar fazer isso dar certo, tudo parece simplesmente *certo*. Ainda não abordei o assunto de sua depressão e autoagressão, mas estou me apegando ao fato de que ele concordou em ver um terapeuta. Só não quero estragar esse período de lua de mel feliz com tudo isso. Vamos falar sobre isso de novo em breve, e eu vou conseguir que Wyatt se encontre com ele. Vai dar tudo certo. Eu tenho que acreditar nisso.

E, caramba, não é perfeito Linc acreditar em destino assim como eu acredito? *Chupa, Wyatt.*

– Acabei de me dar conta de que amanhã é véspera de Ano Novo. Que loucura, né? – observa Linc.

– Ai, merda, eu deveria ir a uma festa na casa de uma colega de trabalho. Ela é bem legal, na verdade. Você iria?

– Claro. As pessoas não vão se espantar quando você chegar com *Lincoln Miller*?

– Ai, cacete, é bem possível. Mas quem liga? Vou ter que me acostumar com isso em algum momento, né?

Vejo uma expressão nos olhos de Linc que quase me faz pensar que ele está prestes a chorar, mas, então, ele sorri.

– É – concorda. – Nós vamos ficar juntos, então, você vai ter que se acostumar com isso.

É um pequeno preço a se pagar.

– Pronto para ir para a cama? – pergunto, me levantando, e ofereço a mão a Linc. Nós saímos e compramos preservativos no dia seguinte ao que concordamos em ser exclusivos, mas ainda não tinha feito amor com Linc como ele pediu.

– Mais do que pronto – concorda ele, pegando minha mão, e me segue para o quarto.

Assim que passamos pela porta do quarto, nossas bocas se grudam desesperadas. Ainda estou com a sensação de seus dedos fazendo cócegas nas minhas pernas enquanto ele fez seus desenhos, e isso me deixa pegando fogo por dentro.

Eu me atrapalho com a calça de Linc, tentando desabotoá-la sem interromper o beijo. Ele fica com pena de mim, desce a mão entre nós, e abre o botão com facilidade. Sua calça cai no chão e ele termina de tirá-la com chutes, me empurrando para a cama. Seguro seu quadril e o puxo junto comigo quando caio na cama, e nossos lábios se encontram outra vez. Sua ereção se alinha com a minha e a gente se roça por cima das cuecas enquanto nossas línguas se emaranham.

Só interrompemos o beijo tempo o suficiente para tirar nossas blusas. Mal posso acreditar que passei tantos anos sem beijar Linc. Na verdade, entre os anos que ficamos separados e o fato de que só tivemos os verões quando éramos jovens, passei a maior parte da minha vida sem os meus lábios nos de Linc. Isso tem que ser

consertado.

O pau dele empurrando o meu com apenas uma camada fina de tecido entre nós me deixa dolorido por um alívio, o pré-goço molha a minha cueca. Acaricio os mamilos de Linc com os polegares e ele geme na minha boca, prendendo uma das minhas pernas em sua cintura e roçando com mais força em mim.

Desço a mão e puxo sua cueca, grunhindo contra sua boca e esperando que ele entenda a dica. Quando ele afasta os lábios dos meus, estamos os dois ofegantes e corados. Tiramos nossas cuecas com dificuldade, mas antes que Linc possa se deitar em cima de mim novamente, empurro seu peito até que ele fique de costas.

Percebo um sorriso sonhador em seus lábios inchados de beijar, seus cabelos estão despenteados e seu pau está rijo por causa da excitação e goteja em sua barriga. Ele é um sonho erótico que se torna realidade, e é todo *meu*.

Mapeio curvas e planos do seu peito e sua barriga com minha língua, seus dedos agarram meus cabelos e seus gemidos suplicantes preenchem o ar. Levo um tempo saboreando cada centímetro da pele dele, lambendo seu pré-goço da barriga e degustando o sabor. Ele contrai os quadris, me implorando para ir rápido.

Quando eu finalmente envolvo com a mão a base do pau dele, Linc solta um suspiro contente. Dou um selinho na ponta, e o gemido sufocado que sai de seus lábios me faz latejar.

– Vira – oriento, soltando sua ereção.

Encosto a cabeça do meu pau no buraco dele e ele abre as pernas para mim, abaixando a cabeça com os braços esticados para levantar a bunda.

– Se eu admitir que senti saudades dessa bunda, vou estar me expondo demais? – indago, massageando suas nádegas redondas e abrindo-as para ver seu lindo buraco rosado.

– Acho que já estabelecemos que você sentiu saudades de mim, Sardentinho.

Ao invés de discutir por algo que ele está obviamente certo, lambo uma reta desde suas bolas até o topo de sua fenda, apenas roçando em seu buraco. Ele grunhe em protesto e balança a bunda, para que eu repita. Linc adora destacar a hipocrisia de eu exigir que ele se apresse quando está por cima, mas de demorar quando é a minha vez. Eu não estou nem aí, ainda vou brincar com ele por um tempo.

Depois de alguns minutos, diminuo as lambidas e me demoro em suas pregas. Alterno entre lambidas longas com a extensão da minha língua e lambidinhas com a ponta. Ele sacode o quadril e, pelo canto do olho, vejo-o querendo segurar o próprio pau. Dou um tapa em sua mão sem quebrar o ritmo, e ele geme.

Brinco com um dedo em volta da cabeça do seu pau, juntando o

pré-gozo que escorre dele. Levo meu dedo úmido até o seu buraco e meto lá dentro. Movimento-o, procurando sua próstata, e sou recompensado com um xingamento sufocado.

- Pode só entrar em mim, por favor? – suplica entredentes.
- Como assim, Sr. 12 Horas de Preliminares? – provoco.
- Vai se foder – ele se exalta e eu rio.
- Tudo bem, vou ser piedoso com você desta vez.

Alcanço a mesa de cabeceira onde guardamos os preservativos e a bisnaga nova de lubrificante que compramos e pego os dois. Rasgo o pacote de preservativo e o visto. Depois, espremo um pouco de lubrificante em meus dedos e os deslizo para dentro de sua abertura. Enfio dois dedos dentro dele sem avisar, e seu grito de surpresa logo se transforma em súplicas por mais. Tiro e boto os dedos até estar convencido de que ele está pronto para mim, então, tiro e passo o lubrificante que ficou em meus dedos no meu pau.

Na segunda vez que encosto meu pau em seu buraco, não espero nem brinco. Empurro dentro dele num único movimento suave. Linc agarra os lençóis e geme baixo e demoradamente enquanto o preencho.

- Jace, aí, caralho, isso.

Cerro os dentes e fecho os olhos, tentando a todo custo não gozar tão rápido. Nenhuma lembrança jamais poderá se comparar à sensação do seu calor perfeito me envolvendo e me puxando cada vez mais para o meu limite.

Tiro e meto de novo, fodendo Linc com força e rápido, arrancando gritos de prazer dele. Ele acompanha minhas estocadas, se projetando para o meu pau.

- Linc, não consigo... – ofego, cravando os dedos em seus quadris a ponto de deixar um hematoma.
- Nem eu – admite.

Eu alcanço seu pau duro feito aço, masturbando-o junto com minhas estocadas punitivas. Seu ânus se contrai em volta do meu pau, e o calor pulsa na boca do meu estômago, meu pau incha dentro do seu canal apertado.

– Jace – Linc ofega e diz umas palavras incompreensíveis, então, seu sêmen quente escorre pelo meu pulso e eu meto nele uma última vez, me perdendo no prazer ofuscante de esvaziar meu saco bem fundo dentro dele, mesmo que seja dentro de um preservativo.

Meu quadril contrai, pressionado em suas nádegas, enquanto sinto os tremores.

Quando meu pau, que amolece, desliza para fora, Linc cai para frente com um gemido de satisfação.

– Acho que você me matou. – Sua voz está abafada pelo travesseiro, e a expressão de êxtase em seu rosto me enche de uma sensação

primitiva de orgulho.

– Vou me limpar, já volto.

Quando volto para cama ao lado dele, Linc se vira para mim e me abraça.

– Obrigado – sussurra contra o meu pescoço.

– Por te foder? – Eu rio.

– Não, por nos dar uma segunda chance.

Faixa 26: Lado B

17 Camisinhas

Lincoln

Minhas mãos tremiam enquanto acendia a vela ao lado da minha cama. Conferi meu leitor de CD para me certificar de que coloquei o CD certo, depois dei uma última olhada pelo meu quarto para ter certeza de que parecia perfeito.

Eu tinha dezessete anos, e Jace e eu já estávamos namorando há dois. Nós nos tornamos especialistas em nos divertir com as mãos e com a boca, mas eu estava pronto para mais. Eu só esperava que Jace também estivesse.

Nossos pais tinham saído juntos para ir a uma festa no outro lado do lago e, provavelmente, não voltariam até as primeiras horas da manhã. Eu decidi naquela manhã que não haveria nenhuma noite mais perfeita tão cedo. Havia ido à loja de conveniências e comprado camisinhas, lubrificante e essa vela que começava a me preocupar de talvez ter exagerado. Depois, tomei banho e me certifiquei de estar limpíssimo e pronto. Mesmo com o nervosismo revirando meu estômago, eu sabia que isto era o que eu mais queria na vida. Jace já tinha sido todas as minhas outras primeiras vezes, e eu queria que fosse esta também. Queria que ele fosse o único.

A porta dos fundos rangeu abrindo e meu coração pulou na minha garganta.

– Linc? – chamou Jace. Ouvi o barulho dos seus sapatos deslizando pelo chão quando os tirou, a porta se fechando atrás dele.

– No meu quarto – gritei com a voz trêmula.

Eu estava sentado na minha cama, prendendo a respiração, ouvindo seus passos se aproximando. Minha porta, enfim, rangeu levemente quando Jace a empurrou toda para abrir, e ele assimilou a cena à sua

frente: a vela que reluzia, o CD do *Boyz 2 Men* tocando (muito clichê, eu sei) e eu, sentado nervoso na cama apenas de cueca.

– Linc? – Suas sobranceiras franziram enquanto ele tentava assimilar tudo.

Indiquei a cama ao meu lado e Jace veio se sentar.

– Eu amo você – falei para ele, puxando-o para mim e o beijando imperiosamente. Seus lábios responderam com igual paixão, se movimentando fervorosamente contra os meus. – Eu quero... eu quero que você... – ofeguei, tentando encontrar o melhor jeito de falar. *Foder* soava tão impessoal e nada legal para pedir que Jace tirasse a minha virgindade. Mas *fazer amor* era enfeitado e constrangedor demais. *Sexo* soava muito clínico na minha mente. Então, enquanto Jace tirava a roupa, as palavras certas apareceram: – Quero você dentro de mim.

Jace mordeu o lábio inferior e sorriu, assentindo fervorosamente com a cabeça.

– Eu pensei, hum... você acha que poderia ser eu da próxima vez? – perguntou enquanto eu alcançava debaixo da cama para pegar a caixa de camisinhas e a bisnaga de lubrificante.

– Se os nossos pais ficarem fora até bem tarde, pode ser você mais tarde – concordei.

Eu não vou mentir e dizer que a nossa primeira vez foi perfeita... foi estranha porque nós dois estávamos tentando descobrir onde exatamente todos os nossos membros deveriam ficar, ao mesmo tempo que não sabíamos o tempo de preliminar requerido nem a quantidade de lubrificante ideal. Mas, quando Jace estava dentro de mim, e ele olhou bem nos meus olhos e sussurrou seu amor por mim... sim, foi bem perfeito, para falar a verdade.

Jace

O barulho dos pais de Linc chegando em casa nos acordou nas primeiras horas da manhã. Sua porta estava fechada, então, não estávamos preocupados que eles nos pegassem na cama. Mas se seus pais estavam em casa, isso significava que os meus também estariam, e as chances de a minha mãe estar espiando o meu quarto neste momento e encontrar a minha cama vazia eram altas. Não seria nenhum problema, ela já sabia sobre Linc e eu, mas eu iria ouvir sobre isso de manhã e sobre como eu não deveria preocupá-la por passar a noite fora.

– Não vai embora – implorou ele, me prendendo com seus braços quando tentei sair da cama.

– Você sabe que tenho que ir. Mas a gente vai se ver de novo em

algumas horas quando o sol nascer.

– Eu gosto quando você dorme na minha cama. Mal posso esperar para nos formarmos no ano que vem; vamos conseguir um lugar para morarmos juntos e dividir a cama todas as noites.

– Sério? – indaguei, descendo os dedos pelo nariz de Linc até seus lábios. Tínhamos conversado sobre isso pelo menos uma dúzia de vezes, mas nunca me cansava de ouvir os planos de Linc para o nosso futuro.

– Com certeza. Somos nós dois contra o mundo, Sardentinho. Vamos conseguir um apartamento perto do campus e você vai se tornar um médico brilhante, e vamos ter um cachorro e viver felizes para sempre.

– Gosto disso – concordei.

– Somos você e eu para sempre – prometeu Linc, e meu coração ouviu sinceridade em suas palavras. Não havia outra pessoa para mim além de Lincoln, e nunca haveria.

Faixa 27: Lado A

Ano Novo, Velhas Resoluções

Lincoln

Acordo com o corpo quente de Jace esparramado em cima de mim, e posso jurar que estou no paraíso. Eu me viro e, ainda dormindo, ele reclama do movimento. O sol brilha através das cortinas, banhando o rosto de Jace. Seus longos cílios fazem sombra em suas bochechas e suas sardas esmaecidas estão mais visíveis do que antes. Seus cabelos escuros estão em pé em todas as direções, lembrando-me de como corri meus dedos por eles ontem à noite quando ele caiu de boca em mim. Em seguida, revezamos quem ficava por cima até estarmos os dois suados, sem fôlego e cobertos de porra. Depois de um banho muito necessário, voltamos para a cama e conversamos noite adentro.

Meu pau dói com a lembrança, mas a coisa mais linda é que isso é mais do que uma lembrança. Estou com Jace bem aqui ao meu alcance.

– Por que você está me olhando como um louco? – resmunga Jace sonolento, sem abrir os olhos.

– Não estou – minto.

– Está, sim. Para com isso; estou tentando dormir.

– Mas eu preciso de roupa para a festa de hoje. Por mais que eu adorasse continuar vestindo suas roupas, elas são pequenas para mim.

– Mais algumas horinhas – diz ele, virando de costas para mim, e puxa o cobertor para cobrir a cabeça.

Fico deitado ali em silêncio por alguns minutos, escutando a respiração suave de Jace, e ficando cada vez mais impaciente para que ele acorde e possamos nos bagunçar novamente e tomar outro banho.

Decidindo resolver o problema com minhas próprias mãos, deslizo para baixo do cobertor e me arrasto na cama até chegar à sua bunda

redonda e perfeita. É uma bunda adorável capaz de um balançar tão gostoso quando estou dentro dele. Aliso sua pele macia, massageando suas nádegas e fazendo Jace gemer. Contemplo seu lindo buraco rosado e fico com água na boca.

Enterro a cara em sua abertura e passo a língua pela pele pregueada de sua entrada. Jace geme e vira o quadril, pressionando-se mais forte contra a minha língua. Passo a língua pelo seu ânus com lambidas longas e completas, saboreando o gosto almiscarado dele. Corro a língua desde suas bolas até o alto de sua abertura e depois em seu buraco outra vez.

– Linc, caralho, Linc – ofega Jace quando meto a língua bem fundo dentro dele.

Posso sentir seu braço se mexendo conforme ele se masturba em sincronia com as estocadas da minha língua na sua bunda. Ele se contorce contra a minha boca e eu alcanço o meu pau para aliviar a dor.

Seu ânus vibra ao redor da minha língua e quando ele se aproxima do orgasmo, todo o seu corpo se retesa. Minhas bolas comprimem e eu o lambo mais fundo, inacreditavelmente faminto pelo seu gosto.

– Ai, caralho – geme Jace de forma gutural, e sua bunda contrai em volta da minha língua quando o orgasmo o atinge. Eu o lambo até que ele se acalme, e, então, eu o viro de costas e monto nele, me masturbando forte e rápido, meus olhos fixos em seu peito, manchado de porra branca e espessa. Então, a minha se junta a dele. Ofego e gemo enquanto bombeio minha ejaculação em sua pele.

– Podemos nos levantar agora? – pergunto inocentemente enquanto Jace fica deitado ali ofegante, com o peitoral coberto de gozo.

– Eu estava errado, isso nunca vai dar certo se você não me deixar dormir.

– Ah, para de ser esquentadinho. Posso não te deixar dormir, mas prometo um monte de orgasmos e café.

Ele franze a testa enquanto considera a minha proposta.

– Fechado – aceita.

Depois de um banho – em que faço Jace gozar mais uma vez – e uma xícara bem grande de café, eu o arrasto para fora do apartamento para ir às compras comigo.

– Me lembra de novo por que você deixou todas as suas roupas em Nova Iorque? – questiona enquanto eu pego várias calças jeans e inúmeras camisetas de cores variadas, assim como algumas camisetas de diferentes bandas.

– Eu odeio todas aquelas roupas. Não escolhi nenhuma do que tem no meu armário. Foi tudo escolhido para combinar com o personagem que a gravadora quer que eu represente. Parecia que eu estava sufocando. Foi como aquela noite na varanda começou. Eu estava

sentado na minha cobertura, sentindo como se as paredes estivessem se estreitando, então, fui me sentar lá fora. Eu já estava bebendo, então, não senti *tanto* frio. E, quanto mais eu bebia, menos tudo parecia tão doloroso.

– Sinto muito, Linc.

– Tudo bem. As coisas vão melhorar agora – garanto-lhe, mas o olhar que recebo em retorno é cético. – Não seria engraçado se eu levasse uma dessas camisetas com a cara do Jude estampada? – brinco para mudar de assunto.

– Seria mais engraçado se eu a vestisse. Pense nas manchetes assim que fôssemos vistos juntos e eu usando uma camisa de Jude...

– Cara, seria hilário. Vamos fazer isso – declaro, jogando a camiseta na pilha.

Não demora muito para que eu tenha comprado um guarda-roupas inteirinho todo novo, por menos do que custa uma única camiseta no antigo, tenho certeza disso. E voltamos ao apartamento sem atrair nenhuma atenção.

Jace

– Como estou? – pergunta Linc, saindo do quarto vestindo uma das calças jeans nova e uma camisa preta de botão.

– Você está ótimo – asseguro, ajeitando sua gola.

– Só quero que seus colegas gostem de mim – admite com um toque levemente rosado em suas bochechas.

– Tenho certeza de que vão te amar. Está pronto para ir?

– Nunca estive tão pronto – concorda com um suspiro.

Ele não é o único que está nervoso. Da última vez que vi aquelas pessoas, eu estava noivo de Amanda. A maioria dos meus colegas sabe que sou bissexual, mas tenho certeza de que será um choque me verem chegar com meu novo namorado, uma vez que estão esperando minha noiva.

O trajeto até o apartamento de Riley é curto. Ela foi esperta em arrumar um apartamento que dá para ir andando para o campus.

Encontro uma vaga e Linc insiste em pagar pelo estacionamento, então, caminhamos até o local da festa de mãos dadas.

Parece que quase todos os membros do corpo docente de ciências biológicas estão presentes, assim como alguns de vários outros departamentos, e algumas pessoas que não reconheço, que presumo serem amigos de Riley fora do trabalho. Leva vários segundos para que todos os olhos pousem lentamente em Lincoln e paire o silêncio. Ele fica inquieto ao meu lado, apertando minha mão.

- Você não avisou que iria me trazer? – sussurra Lincoln.
- É... não. Desculpe.
- Puta merda – Riley se aproxima com um brilho em seu olhar. – Não acredito que é verdade.
- O que é verdade? – indago. Será que, de alguma forma, eles descobriram que Amanda me largou?
- Está em todas as revistas. Sem falar que está bombando no Twitter.
- O quê? – indago novamente, ficando irritado com ela bancando a tímida.
- Você – responde ela. – Tem fotos de você, supostamente na casa do lago de Lincoln Miller em Wisconsin. Tem especulações para todos os lados sobre quem você é, como conhece Lincoln, onde ele estaria. Imaginei que fosse só algum cara parecido com você.
- Humm... não, era eu – admito, lançando um olhar de soslaio constrangido para Lincoln, esperando por alguma instrução sobre como lidar com essas situações.
- Jace e eu passamos alguns verões juntos quando éramos garotos, no lago em Wisconsin. Não nos víamos há anos. Aconteceu de nós dois estarmos lá no Natal e agora estou aqui – explica Lincoln alegremente, e depois dá de ombros como se a história fosse tão simples que não houvesse motivos para mais perguntas.
- Mas, cadê a Mandy? – quer saber Riley.
- Bem... humm... ela me deu o fora pouco antes do Natal. Foi culpa minha e estou bem.
- Dá pra ver – brinca Riley, olhando para nossas mãos dadas.
- Bebidas? – sugiro, puxando a mão de Lincoln e sorrindo apologeticamente para Riley.
- Na cozinha, sirvam-se.
- Quando estamos livres, solto o ar que não havia percebido estar prendendo.
- Respire, Sardentinho. Essa não vai ser a última inquisição desta noite, te garanto.
- Como você faz isso o tempo todo? – pergunto, me sentindo tonto com todos os olhares ainda atrás de nós quando entramos na cozinha.
- Acho que simplesmente me acostumei. Eu não tive exatamente uma escolha – responde Lincoln, soando triste. – Você... você acha que será capaz de se adaptar a isso?
- À atenção?
- É. Quero dizer, meio que faz parte do pacote, infelizmente.
- Abro a geladeira e pego duas cervejas, tentando ganhar alguns segundos para descobrir como responder a esta pergunta. Será que me adaptaria à atenção? À preocupação de sempre que sair serei fotografado e farão especulações sobre mim? E se terminarmos de

novo? Desta vez, o mundo estará assistindo.

– Não sei se vou me adaptar. Acho que apenas terei que aprender, já que não tenho muita escolha. Se a sua preocupação é que isso possa me afastar de você, fica tranquilo que não será tão fácil assim para você se livrar de mim.

Linc sorri e me puxa para perto, roçando os lábios nos meus, nos rendendo alguns gritinhos e assobios.

Fico corado e entrego uma das cervejas a Lincoln, depois, eu o levo para a sala, para podermos passar por mais alguns olhares estranhos e perguntas invasivas. Não sei como vou me adaptar, mas se isso faz parte do pacote Lincoln, terei que aprender.

Durante as horas seguintes, as bebidas fluíram e as pessoas pareceram relaxar em relação à ideia de ter uma celebridade presente na festa de Ano Novo. Se a banda continuar junta, será que terei que ir a festas de celebridades no futuro? Claro que sim; isso faz parte do pacote. Só espero que encontremos nosso equilíbrio, e espero demais que possamos fazer dar certo.

Antes que eu me desse conta, a contagem regressiva havia começado. Os braços de Lincoln me envolvem e o resto do mundo parece desfocar um pouco e desaparecer. Meus olhos estão focados em seus lábios enquanto ele faz a contagem para o novo ano com um sorrisinho no canto de seu lábio.

– Três... dois... um. Feliz Ano Novo, Sardentinho. – Então, os lábios dele estão nos meus, quentes e intensos, e cheios de promessas do futuro sobre o qual sempre conversamos.

O “eu te amo” que sussurro quando nossos lábios se separam se perde na alegria barulhenta e no som de fogos de artifícios perto da gente.

– O quê? – pergunta Linc, aproximando o ouvido para que eu repita.

– Eu disse: feliz Ano Novo.

Faixa 28: Lado A

O Perdão Nunca foi Tão Doce

Lincoln

Jace se mexe em meus braços e tenta sair sem me acordar. Eu sorrio e o abraço com mais força pela cintura.

– Linc, preciso ir trabalhar – sussurra ele, balançando em meus braços, fazendo minha ereção matinal flexionar contra a curva da sua bunda.

– Não – reclamo, mordiscando seu ombro, e jogo a perna em cima da dele para prendê-lo ainda mais. – Fique na cama comigo o dia inteiro; vou fazer o seu tempo valer a pena.

Jace dá uma risadinha e esperneia.

– Por mais que isso soe tentador, eu *tenho* que ir trabalhar. É o primeiro dia de um novo semestre, o que significa que preciso entediar os alunos lendo o planejamento das aulas. *E* eu preciso começar minhas novas culturas no laboratório.

– Não – contesto outra vez com um tom mal-humorado. – Peça demissão e fique na cama comigo.

– Sim, mas quem vai curar a humanidade de todas as doenças se eu fizer isso?

Suspiro e o solto.

– Você joga sujo.

– Você não pode reclamar de eu ficar o dia fora trabalhando quando você vai estar em turnê por Deus sabe quanto tempo.

Entreabro os olhos e vejo Jace empalidecer com suas próprias palavras.

– Sardentinho...

– Não – interrompe-me ele. – Não é o momento de termos esta conversa. Não estou pronto para ela. Além do mais, preciso me

arrumar para o trabalho, então, não é *mesmo* o momento.

Suspiro e pego sua mão. Puxo-a para os meus lábios e beijo sua palma, depois cada dedo.

– Tenho um plano e vou te contar assim que você estiver pronto.

Jace assente resolutamente e retira sua mão da minha.

– Quer tomar banho comigo? – me propõe com um sorriso libidinoso, vira e sai do quarto, rebolando bastante sua bunda empinada. Eu sei que ele está tentando mudar de assunto e, *por enquanto*, não me importo.

Saio da cama e o sigo até o banheiro. Jace abre o chuveiro e, enquanto esperamos que a água esquentar, eu o beijo. Enquanto meus lábios percorrem a pele de seu ombro e pescoço, prometo a mim mesmo que nunca vou subestimar isto. Vou valorizar cada manhã em que eu acordar com Jace em meus braços.

Eu poderia jurar que Jace disse que me amava na noite de Ano Novo, mas estava muito barulho para ouvir com clareza, e ele não falou de novo desde então. Eu sei que ainda há uma longa estrada pela frente para ter sua confiança de volta, para que ele se deixe me amar novamente.

Quando a água aquece, nós entramos e eu pego o frasco de sabonete líquido de Jace e coloco uma quantidade generosa na mão.

– Vire-se, Sardentinho.

Ele se vira e eu ensaboo sua pele macia. O marcador permanente em suas pernas saiu mais rápido do que eu esperava. Talvez ele me deixe desenhar mais em suas constelações de sardas. Esfrego suas costas e deslizo as mãos para a abertura entre suas nádegas para garantir que ele fique bem limpinho.

– Nada de gracinhas, eu tenho que ir trabalhar – avisa Jace com um sorriso em sua voz.

– Você é chato. – Eu me ajoelho para lavar suas pernas, pegando cada pé para limpar também entre os dedos. Então, eu o viro e faço o mesmo com a parte da frente, passando um tempinho extra no pênis dele, que fica duro nas minhas mãos e me rende outra advertência muda. Quando ele está limpo, eu me lavo depressa e desligo o chuveiro.

– Obrigado – agradece Jace quando saio e pego uma toalha para enxugá-lo. Esfrego-a sobre seu corpo, por todas as gotas d'água, depois vou para seus cabelos, enquanto ele continua sorrindo para mim.

– Acredite, é um prazer. – Olho lascivamente para seu corpo nu e ele balança a cabeça em negação.

Depois, ele se veste e sai, me deixando sozinho e me perguntando o que fazer.

É bom estar de volta no laboratório. Normalmente, eu trabalharia durante as férias de inverno, talvez tirasse a semana entre o Natal e o Ano Novo, mas, na maioria das vezes, eu passaria aqui para ver como vão as coisas até durante esta semana. Repreendo a mim mesmo; não é de se espantar que Amanda não quisesse ficar comigo para sempre.

Eu me pergunto como Linc vai lidar com meu jeito *workaholic*^[1]. Imagino que ele ficará longe muito tempo, de qualquer maneira, quando as coisas voltarem ao normal. Eu me dou um tapa mentalmente antes de deixar meus pensamentos vagarem para longe demais pelo caminho do “o que vai acontecer”. Não estou pronto para especular sobre isso ou aceitar o quanto vai ser horrível. É quase como se nosso relacionamento estivesse destinado a só existir em períodos de três meses todos os anos.

Se eu só posso ter Linc três meses do ano, será o suficiente? Fecho os olhos e tento imaginar. Não é difícil, já que já passei por isso. Odiava ficar sem Linc durante nove meses do ano. Contudo, se eu tivesse que escolher entre ficar sem ele por um período ou não o ter de maneira nenhuma? Fácil, eu escolho a opção que tenho Linc, sempre.

No entanto, este é o problema sobre trabalhar no laboratório: deixa muito tempo para a minha mente vagar enquanto preparo culturas bacterianas. Eu deveria contratar um aluno como assistente do laboratório para fazer essas tarefas menores para mim, mas parte de mim adora cada segundo da rotina do trabalho. Sempre adorei o laboratório; adoro o processo. É o meu lugar.

Onde será que eu estaria agora se tivesse seguido Linc na turnê quando tinha dezoito anos como eu queria? Eu lhe disse que iria com ele até as coisas se ajustarem, mas aqui está ele dez anos depois em sua carreira musical, e eu não diria que as coisas estão *ajustadas*. Ele ainda sai em turnês o tempo todo. Em algum momento, eu teria tido que escolher deixá-lo para cursar a faculdade. E eu nunca teria feito a escolha de deixar Linc. Eu o teria seguido por todos os lugares e assistindo ele viver o sonho dele até me ressentir dele. Eu teria ficado com Linc até odiá-lo.

Putá merda. A ficha caiu. Eu entendo. Finalmente eu entendo por que ele me deixou, porra.

Uma risada escapa dos meus lábios, e todo o meu corpo afunda de alívio. Minhas mãos tremem enquanto preparo a próxima cultura e outra risada escapa.

Preciso terminar isso e correr para casa, ver Linc e falar para ele que eu *finalmente* entendo. Eu entendo e o perdoo. Foi como deveria ser. Foi assim que nós dois conseguimos viver nossos sonhos, e agora

podemos ter o “para sempre” que ele sempre me prometeu.



Ainda estou inebriante quando entro no meu apartamento algumas horas depois.

– Linc – grito, tirando os sapatos com os pés e largo a minha bolsa carteiro perto da porta.

– Oi, Sardentinho, como foi o trabalho? – pergunta, surgindo da cozinha.

– Ótimo. Você está fazendo o jantar? – Sinto o cheiro de molho de tomate e temperos.

– Tentando – admite, um leve rubor aparece em seu rosto. – É só espaguete, nada chique.

Meu coração está leve quando vou em direção a Linc e puxo seu rosto para um beijo. Seus lábios têm gosto de molho de tomate quando sorrio contra eles.

– Lincoln. – Afasto-o para olhar dentro de seus olhos castanhos e meigos e tiro o cabelo de seu rosto.

– Sim, Sardentinho?

– Eu te perdoo.

É difícil não rir quando ele arregala os olhos e fica boquiaberto, mas consigo lidar com isso. Ele me abraça forte e me ergue, me obrigando a envolver sua cintura com minhas pernas e jogar meus braços em volta do seu pescoço para não cair.

Ele me encosta na parede e me beija com tanta paixão que mal consigo respirar. Ele enfia a língua na minha boca como se tentasse experimentar cada centímetro. Seus lábios são firmes e exigentes contra os meus, e seus braços, fortes.

– Obrigado – sussurra repetidamente entre beijos, cada um remenda mais um pedacinho do meu coração até ele estar finalmente inteiro e batendo apenas por Lincoln.

Um bipe agudo obriga nossos lábios a se separarem e Lincoln lança um olhar irritado em direção à cozinha.

– Acho que o jantar está pronto.

– Vou trocar esta roupa de trabalho e te encontro na mesa.

Ele me dá mais um beijo intenso antes de me deixar ir.

Lincoln

Eu te perdoo. As palavras ficam se repetindo na minha cabeça me deixando tão contente que parece que vou explodir. Jace me perdoa.

Eu não mereço isso, mas que se foda, isso era tudo pelo que ousei esperar. Não é um “eu te amo”, mas não está longe de uma declaração de amor. É real... nossa segunda chance é real agora que tenho seu perdão.

Coloco o espaguete no prato e tiro o pão de alho do forno. Abro a gaveta onde encontrei castiçais mais cedo e os coloco na mesa enquanto Jace se troca.

– Linc, isso é tão fofo – elogia Jace quando ele vê as velas e o jantar à mesa.

– Eu quis fazer uma coisa legal por você. Além do mais, fiquei entediado aqui o dia inteiro – admito e Jace solta uma gargalhada.

– Bem, eu agradeço. Tenho certeza de que logo você vai estar de volta ao trabalho com a banda – garante-me ele com só um pouquinho de tensão em seus olhos. Ele pode ter me perdoado, mas ainda está preocupado com o que irá acontecer quando terminar a pausa da Queda Vertiginosa. Eu tenho um plano e estou pronto para contar a Jace assim que ele estiver pronto para ouvir. Aí, só preciso esperar para saber se estraguei tudo a ponto de ter uma segunda chance com meus colegas de banda ou se eles também podem me perdoar.

[1] N.E. Termo usado para uma pessoa viciada em trabalho.

Faixa 29: Lado A

A Escuridão Sempre Reaparece

Lincoln

A cama se mexe quando Jace se levanta para trabalhar. A luz da manhã é pálida e deprimente, pesando demais sobre mim quando tento abrir os olhos. Faz uma semana que Jace disse que me perdoava, e as coisas têm corrido perfeitamente. Então, por que eu me sinto tão pra baixo esta manhã?

– Te vejo lá pelas quatro. Tchau, amor. – Jace se inclina e me dá um beijo no rosto. Tento sorrir, mas estou cansado demais. Meus braços e pernas parecem serem feitos de chumbo. Escuto Jace se movimentando pelo apartamento, fazendo café, calçando os sapatos, e depois a porta da frente abre e fecha, e eu estou sozinho.

Um soluço assola meu corpo diante da percepção de que a escuridão conseguiu reaparecer. Mesmo com a luz de Jace tentando afugentá-la, ela ainda se esgueira. Abraço o travesseiro perto do rosto, absorvendo o cheiro de Jace. Cubro a cabeça com o cobertor e faço a mesma coisa. Tento me segurar na sensação dele em meus braços ontem à noite quando seu corpo estremecia de prazer. Eu me seguro naquela imagem o máximo que consigo enquanto a escuridão me inunda, me puxando para baixo como se fosse um tsunami.

Jace

Fico surpreso em encontrar meu apartamento silencioso e escuro quando chego do trabalho. Nas últimas semanas em que Lincoln está aqui, ele sempre me recebe na porta, normalmente me contando o que

planejou para o jantar.

Meu estômago revira quando largo a bolsa carteiro e entro no apartamento, prendendo a respiração e rezando para que ele não tenha feito aquilo novamente. E se ele se machucou de manhã logo depois que saí? Pode já ser tarde demais. Minha respiração vem em ofegos irregulares quando corro primeiro para o banheiro – que encontro vazio – e, depois, para o quarto.

Suspiro aliviado quando vejo Linc deitado na cama, com as cobertas sobre suas orelhas, aparentemente dormindo.

Eu me ajoelho no chão ao lado da cama e afasto seu cabelo da testa.

– Linc – sussurro, beijando sua testa e a ponta do seu nariz.

– Humm? – grunhe ele, mal abrindo os olhos, e fechando novamente como se não tivesse forças para mantê-los abertos.

– Está se sentindo mal, meu amor? – pergunto, usando as costas da minha mão para verificar sua temperatura.

– Hmm – é sua resposta inútil.

– Você quer que eu faça uma sopinha? – ofereço, olhando rapidamente pelo quarto para me certificar de que não há garrafas vazias ou lâminas com sangue. Tudo parece estar em ordem, e o nó no meu peito afrouxa um pouco mais.

– Sem fome – murmura.

– Tudo bem, seu estômago dói? Pode ser uma intoxicação alimentar?

Ele balança a cabeça só um pouquinho:

– Cansado.

– Você está cansado? Certo, você não está com febre, nem nada assim. Está com dor em algum lugar?

Ele balança a cabeça mais uma vez e eu faço uma lista mental do que poderia causar fadiga extrema e de início rápido, sem febre. Nada provável me vem à mente. Então, eu me lembro da noite há algumas semanas quando apareceu no meio da madrugada e eu achei que ele estava drogado.

– Vou fazer uma sopinha, talvez você fique com fome quando sentir o cheiro. E vou te deixar descansando um pouquinho mais. Volto em alguns minutos, está bem?

Ele assente, com os olhos fechados desta vez.

Em silêncio, saio do quarto e fecho a porta antes de tirar o celular do bolso e ligar para o Wyatt.

– Oi, Jace. Como vai a vida morando com uma estrela do rock? – atende Wyatt.

– Acho que tem alguma coisa errada – digo baixinho, sem querer que Lincoln escute. Vou para a cozinha e abro a torneira para encobrir a conversa.

– Como assim? Tem algo de errado com você? – pergunta Wyatt

preocupado.

– Não, com Linc. Achei que ele pudesse estar doente quando cheguei em casa, mas ele não está com febre e aconteceu muito rápido – explico, me dando conta de que pareço paranoico, mas incapaz de me livrar da sensação de que tem algo muito errado.

– O que exatamente está acontecendo com ele?

– Ele diz que está cansado. Acho que não saiu da cama hoje. Pode ser um vírus ou algo assim, mas teve uma noite em Wisconsin em que ele apareceu no meio da noite e estava agindo estranho. Achei que estivesse drogado, mas ele insistiu que não era o caso. É evidente que ele tem depressão, mas me pergunto se não é mais do que isso.

– Hmm, acho que pode ser uma boa ideia ele se encontrar com alguém – concorda Wyatt.

– Será que você pode vir e dar uma olhadinha rápida nele? – suplico.

– Claro, e vou dar uma recomendação de quem ele pode entrar em contato amanhã cedo. Você sabe que não posso tê-lo como paciente; seria conflito de interesses.

– Tudo bem, só, por favor, venha para ter certeza de que ele vai ficar bem?

– Claro, estarei aí em vinte minutos. Só fique de olho nele enquanto não chego.

– Sim – concordo. – Obrigado, te devo uma.

Desligo o telefone, pego uma lata de sopa de tomate do armário e levo ao micro-ondas.

Ele está dormindo quando volto ao quarto, então, coloco a sopa na mesa de cabeceira e me deito na cama com ele.

Aconchego meu corpo ao dele e beijo sua nuca, fico abraçando-o até escutar uma batida na porta de entrada.

Recebo Wyatt com um abraço e o conduzo ao quarto onde Linc está. Ele finalmente abriu os olhos, mas estão vidrados, e ele ainda não se mexe.

– Lincoln, eu sou o Wyatt. Ouvi muito sobre você – cumprimenta Wyatt, se agachando ao lado de Lincoln como eu havia feito. – Você deixou seu homem aqui muito preocupado. Quer me contar como está se sentindo?

– Cansado.

– Certo, algo mais? – motiva Wyatt.

– Um puta fracassado que destrói tudo em que toca. Acho que Jace e todo o resto estariam melhores se eu estivesse morto. Mas estou cansado demais até para me matar.

O nó no meu estômago volta, me fazendo querer vomitar.

– Vou ser sincero com você, Lincoln. Seu cérebro está sendo um babaca neste momento, e eu preciso que você diga para esses

pensamentos irem se foder – sugere Wyatt com um sorrisinho. Lincoln consegue dar uma risada cansada. – Mas é sério, você consegue sair da cama e comer um pouquinho? E, depois, vou te dar o número de alguém para você ligar assim que acordar amanhã. Alguém que vai te ajudar. Pode ser?

– Ninguém pode me ajudar – responde Lincoln com uma voz tão falha que me dá vontade de chorar.

– Ninguém pode ajudar a menos que você queira ajuda – corrige Wyatt. – Corrija-me se estiver errado, mas acho que você tem um motivo muito bom para ficar bem. – Wyatt acena em minha direção, e o olhar de Lincoln segue o movimento.

– Eu não quero te perder de novo – sussurra Lincoln para mim.

– Exatamente, você não quer perdê-lo de novo. Você vai ligar para o meu amigo e fazer o que ele te disser para ficar bem, não vai?

Lincoln assente e se senta lentamente, como se seu corpo estivesse pesado demais para se mexer adequadamente.

– A sopa está fria, deixa eu fazer mais. – Pego a sopa e corro para a cozinha. Enquanto faço outra sopa, ouço Wyatt continuar a conversa com Lincoln em tons relaxantes conforme ele o convence a ir para a sala. As palavras de Lincoln sobre estar cansado demais para se matar ecoam na minha mente. Será que, se ele estivesse se sentindo só um pouquinho melhor, eu teria voltado para casa para o meu pior pesadelo? Estremeço diante do pensamento, minhas mãos tremem enquanto tiro a caneca de sopa quente do micro-ondas.

– Foi bom ter me ligado. Você está certo, ele precisa de ajuda – diz Wyatt baixinho quando entra na cozinha.

– Ele vai ficar bem? Você acha que ele vai se matar?

– Acho que é um risco. Você pode considerar interná-lo num hospital para ficar em observação.

– Não, posso ficar de olho nele. E ele vai falar com seu amigo amanhã. Ele vai ficar bem – insisto.

– Se for o que acho que é, tem um longo caminho pela frente... para vocês dois.

– Eu o amo, Wyatt. Farei o que for preciso para ajudá-lo. – Não me dei conta do que falei até ser tarde demais. Mas soube que era verdade assim que as palavras saíram. Nunca deixei de amar Linc. E nenhuma depressão ou qualquer outra coisa vai mudar isso.



Depois que Linc comeu um pouco da sopa e voltou para a cama, levei meu notebook para o quarto e me acomodei na poltrona no canto para ficar de olho nele e trabalhar um pouco. Por volta das 21h, o telefone de Linc toca na mesa de cabeceira. Penso em ignorar a ligação e deixar Linc ligar outro dia para quem quer que seja, entretanto, me

dou conta de que deve ser um de seus colegas de banda, e pode se preocupar. Vejo o nome de Archer na tela, então, pressiono o botão para aceitar a chamada e saio do quarto.

– Alô?

– Alô? – diz a voz grossa. – Lincoln está por aí?

– Hmm... – Dou uma olhada para a porta do quarto, tentando decidir o que devo dizer a ele. Certamente os humores sombrios de Linc não são surpresa para seu empresário, não é? – Ele está aqui, mas não está... em condições de falar.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha antes de um “porra” abafado.

– Deixa eu adivinhar: ele se recusa a sair da cama?

– Mais ou menos – confirmo.

– Certo, não sei o quanto Linc quer que eu fale sobre isso, mas, neste momento, estou mais preocupado com a segurança dele do que com o orgulho. Certifique-se de que ele não tenha acesso a nada afiado. Seria bom se ele também não conseguisse nenhuma bebida alcoólica.

– Sim, sei de tudo isso – garanto-lhe. – Joguei fora suas lâminas de barbear semanas atrás. Não impediu o incidente no meu banheiro quando chegamos a Seattle, mas estou mais atento a ele agora.

Archer suspira aliviado.

– Certo, ótimo.

– Há quanto tempo ele está assim? Quero dizer, ele ficava mal-humorado quando éramos garotos, definitivamente sensível, mas desse jeito...

– Praticamente desde que eu o conheço – responde Archer. – Ele tem dias bons e dias ruins. Às vezes, consegue ficar meses sem nenhum desses episódios sombrios, mas eles tendem a vir sem aviso. Já tentei ajudá-lo, mas ele não vai...

– Vou garantir que ele vá. Já conversei com ele sobre ir a um terapeuta, só não sabia que era tão urgente. Vou levá-lo para falar com alguém amanhã.

– Graças a Deus.

– Você precisa de mais alguma coisa? Ou quer ligar de novo para falar com Linc daqui a um ou dois dias?

– Eu queria ver se ele poderia vir a Nova Iorque, para podermos conversar no fim do mês. Queria conversar com ele antes de termos a reunião com a banda toda, ver em que pé ele está com tudo.

– Vou passar o recado para ele. Tenho certeza de que ele vai. Reserve um voo e mande um e-mail com os detalhes, e eu vou avisá-lo.

– Tudo bem. Se tiver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...

– Não se preocupe, vou cuidar dele – garanto a Archer. – Mas

obrigado.

– Disponha. Lincoln é como se fosse um irmão para mim; estou feliz que ele finalmente tenha alguém para garantir que ele melhore.

– Não vou deixar que ele vá embora.

– Bom, bom... – Archer limpa a garganta e suspira profundamente.

– Falo com você mais tarde, então.

– Certo, tchau.

– Tchau.

Faixa 30: Lado A

Eu Prefiro Ser Maníaco

Lincoln

Acordo, ainda numa espécie de névoa, mas me sentindo melhor do que ontem. Pisco para desanuviar meus olhos e me sento na cama.

– Linc, como está se sentindo? – pergunta Jace, atraindo meu olhar para onde ele está: encolhido numa cadeira no canto do quarto. Ele se levanta depressa e se deita na cama ao meu lado, afastando meu cabelo do rosto e me analisando com preocupação.

– Hmm... um pouco melhor.

– Que bom. Você me deixou muito preocupado ontem – admite ele. Em meio à névoa, surgem lembranças de seu amigo Wyatt por aqui. – Wyatt me deu o número de alguém para quem ele acredita que você deva ligar o quanto antes. Ele já confirmou, e o colega está esperando sua ligação, disse que deve conseguir te encaixar hoje ainda.

– Me encaixar em quê? – pergunto, ainda vagando por pensamentos sentimentais, tentando ver sentido em tudo.

– O amigo dele é terapeuta. Pedi a Wyatt que te ajudasse, mas ele disse que seria conflito de interesses e me deu o número do amigo dele, Alex, que vai te ver.

– Um terapeuta? – questiono, cético. Sei que conversamos sobre isso há mais ou menos uma semana, mas não me convenci da ideia. Talvez parte de mim tenha medo do quão louco serei declarado.

– Linc! – O tom de Jace é brusco. – Isso é um fator decisivo para mim. Se você não for a um terapeuta e fizer tudo o que puder para melhorar, terminamos agora mesmo. Não posso ver você se machucando. Não posso ir para o trabalho todos os dias me preocupando se quando eu voltar para casa vou te encontrar morto. Não vou viver desse jeito.

As palavras de Jace se instalam em meu coração e eu meneio a cabeça, compreendendo.

– Está bem, vamos ligar para ele – concordo.



Meu estômago está uma confusão de nervos quando entro no consultório de Alex. Por força do hábito, futuco dentro do meu bolso, procurando por uma lâmina para deslizar por entre meus dedos só para saber que está ali.

Sempre pensei em Jace como um nerd por excelência, mas o homem à minha espera põe Jace no chinelo. Alex veste uma camisa polo rosa, seus cabelos são cuidadosamente penteados, e um par de óculos de aros grossos repousam em seu nariz.

– Lincoln, muito bom te conhecer. – Ele estende sua mão. – Por que você não se senta?

Dou uma olhada no consultório. Parece bastante profissional: todo de madeira escura e mobília de couro. Eu me pergunto se ele realmente tem tudo sob controle ou se ele se organiza para que todos pensem que tem.

Depois de alguns segundos de um silêncio paciente do médico, eu me sento no sofá.

– Como isso funciona? Eu tenho que te contar sobre a merda que é o meu pai ou algo assim? – Mexo em meu bolso de novo.

– Se você quiser falar sobre seu pai, podemos – concorda ele com um semblante tranquilo.

– Tudo bem; eu tento não pensar muito nele. Embora eu ache que foi onde tudo começou.

– Conte-me sobre isso – incentiva Alex.

– Meu pai me odeia. Ele dizia que eu era muito mole, muito sentimental. *Meninos não choram*, ele me falava isso o tempo todo... geralmente quando eu estava chorando como uma porra de um veadinho. Eu não conseguia evitar; quando eu era mais novo, sentia tudo muito intensamente. Parecia que eu podia sangrar até a morte sempre que ele me dirigia palavras de ódio. A única coisa de que eu me lembro da primeira vez em que me cortei é da descarga de adrenalina. A sensação era tão boa, como se eu estivesse no controle de alguma coisa para variar. Jace deixava as coisas tão melhores quando eu era mais novo, mas não dava para ele espantar totalmente as sombras.

– E você ainda se machuca?

– Às vezes – dou de ombros. – Muitas das vezes, eu me sinto muito... cansado, eu acho.

– Me fale sobre esse cansaço.

– É uma exaustão profunda que parece que vai me sufocar. Não

quero me levantar da cama; a única coisa que quero é desaparecer até deixar de existir. Mas aí, eu acordo numa outra manhã e sinto demais. É quando me cortar ajuda. Diminui o volume quando ele começa a ficar alto demais, e eu só quero ficar entorpecido de novo.

– E, depois disso, sua energia aumenta? Talvez com dificuldade para dormir?

– Sim – assinto. – Mas, normalmente, dura só alguns dias, e não é frequente.

Alex concorda com um movimento de cabeça e faz algumas anotações. Quero me levantar e pegar o caderninho dele para ver o quanto ele me acha louco. Será que ele tem uma escala de um a dez com a qual está me classificando?

– Durante esses episódios de energia, você acha que fica mais sexualmente ativo? Mais impulsivo? Algo nesse sentido?

– Não sei... talvez? Sinto como se fosse a alma da festa. Saio com meus colegas de banda e me divirto. Aí, vou para casa e choro no meu travesseiro ou fico acordado a noite inteira compondo músicas que jogo fora depois – admito, chegando para frente no sofá, observando enquanto ele escreve.

– E quanto tempo esses episódios de euforia e energia costumam durar?

– Não sei. Acho que varia. Às vezes duas semanas, talvez um mês. Outras vezes, apenas um ou dois dias. – Minhas pernas balançam e sua caneta continua a rabiscar o papel com as palavras que ele está escrevendo. – Seja direto, você me acha muito louco?

– Você não é *louco*, Lincoln. Quero continuar te encontrando e descobrir mais antes de fazer qualquer diagnóstico oficial, mas pelo que ouvi até agora, acredito que você tenha transtorno bipolar.

– O quê? – Balanço a cabeça e me recosto no sofá. – Não pode ser isso. Eu sei como a mania deve ser, eu não trepo com todo mundo que vejo, nem me drogo, nem acabo em outro estado sem motivo aparente.

– Nem sempre a mania se apresenta dessa forma.

– Minha tia era bipolar e era doidinha. Num instante ela estava gargalhando; um segundo depois, chorava. Ela comprou um barco e acabou com ele; quase perdeu a casa com apostas. Ela ia a farras regadas a drogas que duravam semanas. Eu não sou assim – contesto, ficando cada vez mais agitado com a sugestão.

– Como eu disse, nem sempre a mania se apresenta de maneira igual. Você pode ter hipomania, o que simplesmente seria uma sensação de euforia extrema, como uma descarga de adrenalina prolongada. E a bipolaridade é genética, então, se sua tia tinha, suas chances são altas.

– Que merda – resmungo, meu coração afunda.

Transtorno bipolar... isso é uma doença mental de verdade, do tipo que você evita as pessoas que tem. Sinto como se a minha vida estivesse prestes a desabar à minha volta. Será que Jace vai continuar comigo, sabendo o quanto eu sou fodido de verdade? Será que continuar com a banda é sequer uma opção? Só consigo imaginar o prato cheio que vai ser para a imprensa se isso se espalhar.

– Muitas pessoas vivem uma vida bem normal com transtorno bipolar – garante-me Alex. – Com a combinação adequada de medicação, psicoterapia e desenvolvendo alguns mecanismos de enfrentamento, sua vida pode ser normal. Na verdade, sua vida pode ser melhor do que tem sido porque você vai saber lidar com os períodos de escuridão quando eles vierem.

– Sério? – indago, deixando entrar um fragmento de esperança. – Mas os remédios vão me deixar um zumbi ou algo parecido? Ainda preciso ser capaz de fazer a minha música.

– Algumas pessoas experimentam o que elas descrevem como uma dormência emocional geral, mas podemos tentar diferentes medicações e doses até encontrarmos a opção mais tolerável para você. Este não é o tipo de doença em que você simplesmente pega alguns comprimidos e vai embora. Eu preciso que você esteja ativo na sua recuperação, que se comunique comigo no processo, e tenha uma rede de apoio. Você está disposto a isso?

– Estou – concordo prontamente.

Se eu não tivesse Jace de volta, não tenho certeza se estaria pronto emocionalmente para esta longa jornada que está por vir. Mas preciso melhorar por ele... e por mim também.

Jace

Estou esperando com uma caçarola e uma assadeira cheia dos biscoitos preferidos de Lincoln quando ele passa pela porta depois de sua consulta com Alex, o amigo de Wyatt.

Ouçõ seus pés se mexendo e o estalo baixinho da porta se fechando, e meu coração desaba. Será que a sessão não foi bem? Que merda eu devo fazer se ele não continuar indo à terapia?

– Oi, amor – grito o mais animado possível. – Como foi? – pergunto, quando ele entra na cozinha.

– Bem – responde Lincoln sem entusiasmo ao se sentar à mesa da cozinha e apoiar a cabeça nos braços.

Cheio de nós no estômago, eu me sento ao lado dele e coloco a mão em seu joelho.

– Quer me contar?

Lincoln fecha os olhos e eu vejo uma lágrima escapar do canto de seu olho, escorrendo pelo nariz.

– Ele acredita... ele disse que eu devo...

– Seja o que for, Linc, vamos resolver juntos.

– Ele disse que parece que sou bipolar.

Deixo suas palavras se desenrolarem dentro da minha cabeça por alguns segundos, e, então, sou invadido por certo alívio.

– Tem – corrijo.

– Hã?

– Você não é sua doença mental. Ninguém diz “eu sou câncer”, então, por que seria diferente com uma doença mental? – Coloco a mão em Linc de maneira reconfortante. – Você parece chateado com isso. Mas eu vejo como uma boa notícia.

– Em que universo ter bipolaridade é uma coisa boa? – exclama.

– Em que universo ter uma doença mental não diagnosticada e não tratada é uma coisa boa? – rebato. – Pelo menos, agora você sabe com o que está lidando. Eu vou te ajudar a pesquisar sobre isso, o médico vai te prescrever os remédios certos ou o que quer que você precise para se sentir melhor. E vamos enfrentar isso juntos.

– Juntos? – indaga com certo tremor inseguro em sua voz. – Você ainda quer ficar comigo?

– Ah, Linc, claro que quero.

Ele se senta e abre os braços. Eu saio da minha cadeira e me sento no colo dele. Linc enterra o rosto no meu pescoço e seu corpo sacode com soluços enquanto acaricio suas costas e o deixo chorar. Quando sua respiração começa a regularizar e seu corpo se acalma, eu levanto sua cabeça e beijo seu rosto manchado pelas lágrimas.

– Eu te amo, Linc.

Ele se engasga com a minha declaração e seus lábios formam um sorriso.

– Eu te amo mais do que você jamais poderia saber, Sardentinho.

Ele me puxa num beijo, o gosto de suas lágrimas permanece em seus lábios enquanto nossas línguas se enroscam e nossos corações começam a se remendar.

Lincoln

Solto um suspiro de alívio, trazendo Jace para junto de mim e deixando as lágrimas caírem. De certa forma, entender, finalmente, por que sou do jeito que sou é me livrar de um peso enorme. Eu, enfim, tenho um nome para a escuridão e um jeito de lutar contra ela. Mas fiquei realmente preocupado que Jace não conseguisse me aceitar

com este novo rótulo. E quanto à banda? Será que o mundo seria capaz de aceitar esse novo eu?

Eu externo essas preocupações para Jace e ele me responde com um sorriso triste, usando os polegares para enxugar as minhas lágrimas.

– Você é o mesmo Lincoln que sempre foi. Na verdade, agora você é melhor, porque pode ficar bem. Tenho certeza de que os caras ficarão contentes em saber que podem ter o Lincoln que sempre amaram, sem o medo constante de que você possa se machucar. E o mundo pode ser cruel, a imprensa pode retratar isso como algo negativo, mas *you* precisa ver isso pelo que é.

– E o que é? – pergunto com o olhar fixo no de Jace, prendendo-me a ele.

– É uma chance de, enfim, viver sem medo.

– Não vai ser fácil – aviso. – Posso ter alguns retrocessos ainda. Os remédios podem não funcionar do jeito que deveriam. E se eu me cortar de novo ou tiver outro episódio de depressão?

– Eu sei – garante-me Jace, depositando um beijo puro em meus lábios. – E quando ficar difícil, estarei aqui para te ajudar a passar por isso. Você pode se apoiar em mim, Linc.

Assinto e o beijo de novo, desta vez com um fervor renovado. Nossas línguas deslizam entre si, nossas mãos se apertam como se tivéssemos medo de que o outro desapareça caso nos soltemos.

– Você realmente ainda me ama, Sardentinho? – confiro, mais para o caso de eu precisar escutar mais uma vez do que por pura descrença.

– Eu *realmente* amo.

Faixa 31: Lado A

Pequenas Pílulas Julgadoras

Lincoln

Olho para a pequena cápsula rosa e branca na minha mão. Isso poderia mudar a minha vida. Sei que Alex me garantiu que teríamos certeza de encontrar uma medicação e uma dosagem com o mínimo possível de efeitos colaterais, mas isso não impede que eu me preocupe. Leio na internet vários blogs de pessoas com transtorno bipolar e depressão declarando que suas medicações os deixam como zumbis. As pessoas dizendo que preferem *sentir*, mesmo que isso signifique que seus temperamentos sejam imprevisíveis, do que passar pela vida numa névoa de torpor.

Estou acostumado a estar entorpecido e, frequentemente, temo mais isso do que a escuridão.

Rolo a cápsula pela minha mão e olho para o meu reflexo. Quem sou eu? Odeio os baixos imprevisíveis, mas o resto não é tão ruim. Os altos são bastante legais e, na maioria do tempo, estou funcional o bastante. Mas, embora eu odeie os baixos, eles me dão inspiração para a minha música; eles fazem de mim um artista melhor. E se estas pílulas levarem embora quem eu sou? Todos sabem que os artistas são um pouco fodidos da cabeça. E se estas pílulas me tirarem a música?

– Linc? – Jace bate à porta e eu olho para a pílula com culpa.

– Oi? – respondo.

– Tudo bem aí, amor? – pergunta com uma leveza forçada na voz. – Já faz um tempo que você está aí dentro.

– Estou bem – afirmo.

– Posso... hmm... posso entrar?

Suspiro e alcanço a maçaneta, abro a porta e encaro Jace, as pílulas ainda estão na minha mão.

– Está vendo? Nada de sangue – estico os braços e gesticulo mostrando o banheiro. – Te disse que estou bem.

Seus olhos param na minha mão fechada e ele a pega. Eu estico os dedos com relutância e sua expressão é de compreensão quando vê as pílulas.

– Você está com medo de tomar? – supõe.

– Um pouquinho.

– Venha aqui. – Ele me pega pelo pulso e me puxa para fora do banheiro, até o quarto.

Nós nos sentamos na cama e eu mordo meu lábio inferior, evitando o olhar de Jace por medo de que eu possa ver decepção nele.

– Linc, olhe para mim – pede Jace e, depois de alguns segundos, faço como ele pediu. – Por que você está com medo?

– Estou preocupado que, se tomar, eu não seja mais eu mesmo. Estou tenso por talvez perder minha música.

Jace assente, entendendo, e põe a mão sobre a minha.

– E se você não tomar? O que está arriscando perder?

– Você – sussurro.

– Não só eu, Linc. Você está arriscando perder *tudo*. Se você continuar como tem estado, vai perder sua banda, seus amigos... Linc, você vai perder a sua vida.

Concordo com um movimento de cabeça, olhando novamente para a minha mão com a medicação.

– Se eu odiar isso, posso parar? – indago.

– Se você odiar, pode conversar com Alex sobre trocar a medicação ou mudar a dose. Mas não pare sem falar com alguém, está bem?

Eu solto um longo suspiro e assinto.

– Certo.

Desdobro meus dedos outra vez e enfio as cápsulas na boca antes de conseguir desperdiçar mais tempo pensando sobre isso.

– Estou orgulhoso de você. – Jace acaricia meus cabelos e eu relaxo em seu toque como um gato feliz. – Vamos sair e fazer alguma coisa divertida esta noite.

– Eu adoraria. Ainda não te levei a um encontro propriamente dito.

– Gosto de como isso soa – concorda Jace, aproximando-se para me dar um beijo. – Vamos tomar banho e depois decidimos para onde ir.

Jace

– Este lugar é chique – observo nervoso quando Linc me conduz para dentro de uma churrascaria elegante.

– Sardentinho eu sou rico pra caralho; não se preocupe com isso.

– Ah, sim. – Eu rio. – Eu vivo esquecendo que agora você é rico. Pra mim, você é só o Linc.

Lincoln dá uma risadinha, parando bem à frente da recepcionista.

– E em que implica ser *só o Linc*?

– Idiota arrogante, muito temperamental, faz boquetes medíocres – listo brincando, e a recepcionista tosse para disfarçar uma risada por causa do último item. – Ah, desculpe, Lincoln Miller, vocalista da Queda Vertiginosa, mesa para dois.

Linc morre de rir quando a recepcionista arregala os olhos.

– Você sabe que isso vai estar em todos os sites de fofoca agora, não sabe? *Será verdade que Lincoln Miller faz boquetes medíocres?* Vão ficar te ligando para confirmar – sussurra no meu ouvido enquanto somos levados para uma mesa.

– Espero que sim. Vou confirmar cada palavra – respondo sério, e Lincoln mordisca meu lóbulo.

– Você é tão malvado comigo – reclama.

– Você precisa de alguém na sua vida para impedir que a fama te suba a cabeça.

– Muito justo.

Lincoln estende a mão e segura a minha em cima da mesa. O fato de segurar a mão de Lincoln em público ser tão bom me espanta. Quando éramos mais novos, tudo entre nós dois era em segredo para que o pai dele não descobrisse.

– Fiquei chocado quando você se assumiu naquele programa de entrevistas de madrugada bem quando a banda começou a crescer. A gravadora ficou preocupada quando vocês quatro decidiram fazer isso ao mesmo tempo?

– Eles ficaram apavorados no início, mas Archer colocou um pouco de bom senso neles. Originalmente, eu planejei fazer isso sozinho, mas aí os outros caras acharam que fazia mais sentido se todos nós nos assumíssemos, assim, não seria essa coisa estranha de um se assumir depois do outro.

– É, faz sentido. Você chegou a contar para os seus pais? Ou eles descobriram junto com o resto do mundo?

– Suponho que eles descobriram junto com o resto do mundo. Assim que assinamos o contrato com a Epic, fui embora e não olhei para trás. Eles nunca tentaram entrar em contato comigo.

– Isso é horrível. – Dou um apertão em sua mão. Eu nunca conseguiria imaginar como seria ter pais como os de Linc.

Ele dá de ombros.

– As coisas são como são. Se a minha mãe tentasse entrar em contato comigo, eu possivelmente responderia. Mas se algum dia meu pai aparecer... – Ele balança a cabeça e para.

– Desculpe, isso é uma péssima conversa para um encontro. – Eu rio

de mim mesmo e pego minha taça de vinho, tomando um gole. – Vamos falar de alguma coisa divertida ou sexy.

– Sexy? Agora você ganhou minha atenção.

Depois do jantar, voltamos para casa e nos aconchegamos juntos no sofá com uma musiquinha em volume baixo ao fundo.

– Você vai comigo para Nova Iorque no próximo fim de semana, não vai? – pergunta ele enquanto acaricia meu braço, deitado com a cabeça no meu peito.

– Você quer que eu vá?

– Claro. Por que não iria querer que você viesse comigo?

Dou de ombros, tentando ignorar a bile que sempre parece subir pela minha garganta a qualquer menção da vida real de Linc voltando a se meter entre nós.

– Se você me quer lá, eu vou. Mas tenho que estar de volta na segunda-feira para trabalhar.

– Não se preocupe. Podemos conseguir um avião particular para o final de semana para facilitar.

– Jato particular? Chique.

– É um bom privilégio – concorda. – Podemos tirar umas férias juntos quando o semestre acabar. Pegar um avião particular para Paris?

– Parece maravilhoso – concordo, me prendendo à promessa de um futuro.

– Eu darei tudo para te fazer feliz – promete ele, beijando meu peito, e aperta meu braço como se tivesse medo de que eu fosse desaparecer.

– Eu sei que sim, Linc. Eu amo você.

– Eu amo você, Sardentinho. Sempre.

Faixa 32: Lado A

Sexo no Chuveiro Deveria ser um Esporte Olímpico

Jace

– Puta merda, *este* é o seu apartamento? – Arregalo os olhos quando contemplo o lugar. A parede oposta é com janelas do chão ao teto, banhando a cobertura com a luz da tarde. Tem pouca mobília e menos decoração ainda. As únicas coisas na parede são alguns álbuns de platina e capas de revistas com os membros da banda emolduradas.

– Você viu as edições especiais da *Music Insider* com cada um de nós? Foi uma parada bem importante – diz Linc categoricamente.

– Ei, chega aqui – pego sua mão e dou um puxão nele.

Seu rosto está contraído e seus olhos entreabertos de um jeito que me deixa preocupado. Wyatt me alertou que esta volta para cá poderia ser emocionalmente difícil para o Linc, poderia até causar um pequeno retrocesso em sua terapia.

– Este lugar me dá comichão – admite ele, balançando a cabeça.

– Este lugar é apenas paredes e vidros. Não tem nada a ver com qualquer coisa dentro de você, você entende isso?

Ele hesita por um segundo antes de concordar com um gesto de cabeça.

– Foi isso que Wyatt disse para me falar se eu surtasse?

– Não. É a verdade, e você precisa ouvi-la. Eu não sei o que vai acontecer com a banda, mas este lugar e seus amigos não são responsáveis pela maneira como você se sente. Tenho certeza de que eles se preocupam com você, Linc.

Ele concorda mais uma vez e suspira profundamente.

– Você está certo. Me desculpe; estou deixando o antigo Linc entrar

na minha cabeça e me enlouquecer. Estar aqui não significa voltar a quem eu era ou te perder, nem nenhuma outra coisa. Este apartamento é bom, embora um pouco da sua habilidade em decoração pudesse ser útil.

Bufo.

– Não sei se *habilidade* é a palavra. Mas posso ajudar a escolher algumas coisas que você vai realmente gostar de olhar. – Assim que falo isso, entendo o que significa. – Você vai voltar a morar aqui? – Dou o meu melhor para manter o tom de voz. Estive com muito medo de perguntar qual seria o plano se a banda continuasse junta. Não queria ouvir que passaríamos dez meses do ano separados ou qualquer que seja o plano louco exigido para fazer isso dar certo.

– Você está pronto para ouvir a minha ideia sobre como isso vai funcionar? – indaga ele, erguendo uma sobrancelha para mim.

– Merda, não sei. – Minha respiração é lenta e eu olho em volta outra vez, tentando reunir a coragem para ter esta conversa. Passo pelas portas de vidro que levam à varanda, e olho para a luxuosa mobília do pátio, coberta por alguns centímetros de neve.

– Que tal se tomássemos um banho juntos e, depois, se você estiver pronto, eu te conto o que tenho pensado? O que você acha? – sugere ele, suas mãos quentes acariciam meus braços.

– Tudo bem – concordo, pegando sua mão para deixá-lo me conduzir até o banheiro. Engasgo quando entramos no cômodo escandalosamente grande. O chão é de mármore branco e eu tento não o imaginar manchado de sangue. Apesar dessa imagem mental horrenda, o banheiro é lindo. Tem uma banheira grande o bastante para, pelo menos, quatro homens adultos, também de mármore branco, e um chuveiro com jatos saindo de três paredes.

– Muito bom, né?

– É, é incrível – concordo quando ele abre o chuveiro.

– Acho que é o único cômodo da casa que eu gosto. Acredito que o quarto também não seja tão ruim.

– Eca, poupe-me da imagem mental de você trepando com seus fãs lá.

– Já disse que não gostava de ficar com fãs. E eu nunca trouxe ninguém para cá.

– Que bom – resmungo, e Linc sorri diante do meu ciúme.

Lincoln

Minhas mãos deslizam pela pele ensaboada de Jace. Sua ereção está pressionada no meu quadril enquanto minhas mãos escorregam por

entre suas nádegas carnudas, arrastando o dedo pelas suas pregas. Jace ofega e morde meu ombro. A água quente nos molha de todos os lados e desce pelas minhas costas, enchendo o cômodo de uma névoa prazerosa de vapor, fazendo parecer como se estivéssemos em nosso próprio planeta particular.

Jace passeia com os lábios pela minha clavícula e pescoço enquanto sarra com o pau em mim. Minha ereção roça em sua barriga, escorrendo o pré-goço, que logo é lavado. Meu saco dói e meu pau lateja. Deslizo a ponta do meu dedo para dentro do cu dele. Sem lubrificante, não posso fodê-lo com meus dedos do jeito que quero – ao contrário da crença popular, a água pode ser molhada, mas, certamente, não é lubrificante – então, me contento com uma brincadeirinha superficial. Jace ofega, e suas unhas curtas mal encostam na carne dos meus braços.

– Nossa, quero te foder – grunho, empurrando minha ereção contra ele.

– Puta merda, você não quer passar seis horas nas preliminares? – provoca ele, e eu dou um tapa na sua bunda, adorando o som molhado que faz e o jeito que ela balança em resposta.

– Só por isso, vou te torturar e ficar só rodeando aqui. Podemos nem trepar hoje, vou só te lambar por horas.

O pau de Jace contrai contra meu quadril e eu sei que ele não odeia tanto a ideia quanto alega.

– Pare de provocar e mete logo.

– Não tem camisinha aqui – aviso, esperando que Jace mude de ideia ou corra para sair do chuveiro. Recebemos o resultado dos exames mostrando que estamos saudáveis na semana passada. Mas não vou forçar Jace até que ele esteja pronto.

– Tudo bem. Mas isso provavelmente significa nada de lubrificante também, né? – supõe ele.

– Pois é. Mas tem xampu, que deve dar certo.

– Isso iria arder pra caramba – contesta.

– Hmm – Olho em volta, procurando outra opção. Reparo num pequeno frasco de condicionador que parece ter sido trazido de um hotel em algum momento. – Condicionador?

– É, condicionador tem o pH mais alto do que o xampu, então, não arde – concorda Jace.

– Você conhece o pH de quantos produtos a ponto de determinar se dariam um lubrificante confortável? – pergunto rindo.

– Foi um projeto de pesquisa pessoal que fiz na faculdade – defende com um sorriso.

– Bom saber. – Pego o condicionador e prendo Jace contra a parede, selando seus lábios com os meus num beijo faminto.

Tiro a tampa do condicionador e coloco um pouco em meus dedos,

largo o frasco e deixo-o sair rolando. Com a mão limpa, acaricio o pau macio de Jace, puxando-o devagar até ele estar projetando os quadris e suplicando outra vez. Abro as pernas dele com as minhas e coloco meus dedos lambuzados na sua bunda para encontrar seu ânus. Brinco em volta de sua entrada, espalhando o condicionador e fazendo-o se abrir. Quando finalmente meto um dedo dentro dele, Jace fica estimulado e o pau dele incha na minha mão. Paro de masturbá-lo e aperto sua base para impedir o orgasmo.

– Caramba, Linc, você é malvado pra caralho – reclama.

– Você me ama – provoco.

Jace abre a boca, com certeza para dar uma resposta sarcástica, mas acaba gemendo quando meto mais um dedo dentro dele. Seu peito sobe e desce por causa da sua respiração pesada enquanto ele rebola em meus dedos, fodendo como se não houvesse amanhã.

– Por favor, Linc – ofega.

Deslizo os dedos para fora e, então, seguro os quadris de Jace para levantá-lo. Ele joga os braços em volta do meu pescoço e as pernas na minha cintura, colocando meu pau ereto na posição perfeita: na entrada do seu cu lambuzado.

Jace deixa a cabeça cair para trás, entreabrindo os lábios num gemido silencioso enquanto desce no meu pau, me deixando entrar devagar.

– Caralho, você é uma delícia – ofego contra a pele molhada de seu pescoço.

A boca de Jace encontra novamente a minha e sua língua desliza por entre meus lábios, preenchendo a minha boca com o gosto dele, o que faz meu pau latejar dentro do seu canal apertado.

Minhas pálpebras ameaçam fechar conforme o calor corre pelas minhas veias, se instalando na boca do meu estômago. Mas não quero perder um segundo das sobrancelhas franzidas de Jace, como se ele não conseguisse imaginar como qualquer coisa possa ser tão boa.

Ele joga a cabeça para trás outra vez e seus gemidos ecoam pelo banheiro. Ele abre os olhos e o calor de seu olhar me domina.

– Fala – sussurro desesperado, me movimentando mais rápido dentro dele, agarrando seus quadris com mais força enquanto o fodo.

– Eu amo você – diz ofegante, e o prazer ressoa em meu peito.

Eu me enterro mais fundo e ele coloca a mão entre nós para se masturbar no ritmo das minhas estocadas.

O barulho dos nossos corpos se batendo e dos gemidos roucos enchem o banheiro do mesmo jeito que o vapor.

Jace enrijece em meus braços, sua respiração é rápida e superficial. Meus olhos estão presos ao seu membro, inchando visivelmente em sua mão. Quando o primeiro jato de porra atinge sua barriga, meus joelhos quase cedem, enquanto meu saco pesado fica apertado. Posso

sentir a onda seguinte na bunda dele, comprimindo o meu pau e arrancando o orgasmo das minhas bolas. Eu gemo profundamente conforme bombeio minha ejaculação dentro dele, querendo imaginar que ela o está marcando de alguma forma.

Minhas pernas estão trêmulas quando o coloco no chão e ele afunda encostado em mim.

– Puta merda, que foda gostosa – sussurra Jace enquanto eu lavo de nós dois o resto do nosso gozo.

Desligo a água e o tiro do box gigante.

Não consigo manter meus lábios e minhas mãos longe de Jace enquanto o tiro todo molhado do banheiro, minha mente foca em levá-lo para a cama para o segundo round.

O som de uma voz grossa limpando a garganta me faz dar um pulo, pegando Jace e puxando-o para trás de mim para tirá-lo de vista.

– Archer, mas que merda...? – reclamo, sem me incomodar em esconder a minha nudez. Archer já me viu pelado e coisa muito pior mais vezes do que eu gostaria de contar.

– Desculpe, estou um pouco adiantado. Eu não tinha me dado conta de que você tem... companhia. Você quer colocar uma roupa ou vai me fazer ficar olhando para o seu pau a noite toda?

– Mil desculpas por estar pelado no meu próprio apartamento – reclamo antes de me virar e levar Jace para o meu quarto.

– Esse é o Archer? – pergunta Jace enquanto nos vestimos.

– O próprio.

– Ele parece bem acostumado a te ver nu – observa ele num tom rude, e eu sorrio.

– Nós nunca transamos, se é com isso que está preocupado. Ele é como se fosse meu irmão mais velho.

Seus ombros relaxam e ele sorri pedindo desculpas.

– Acho que está na hora de conversar com ele sobre tudo. Você quer que eu fique aqui no quarto?

– Oi? Claro que não. Essas decisões envolvem você. Eu esperava que tivéssemos a oportunidade de discutir antes dessa conversa com Archer, mas preciso que você confie em mim quando te digo que tenho um plano para como isso vai funcionar. Certo?

Jace morde o lábio inferior e concorda.

– Eu te amo, Sardentinho. Você significa mais para mim do que isso tudo, entendeu?

Ele assente mais uma vez e dá um beijo demorado na minha boca.

– Também amo você, Linc. Vamos terminar essa conversa com ele, depois podemos ter a nossa.

Entramos na sala, desta vez completamente vestidos, e encontramos Archer sentado no sofá, digitando com um sorriso engraçado que nunca havia visto em seu rosto.

– Você está namorando ou algo assim? – provoco.
– O quê? – pergunta, largando o celular, e forçando uma expressão inocente no rosto.

– Esse sorrisinho aí. Você voltou com seu ex ou o quê?
Um rubor que eu nunca havia visto aparece no rosto de Archer.
– Este não é o assunto desta conversa – esquivase-se.
– Então, qual é o assunto *desta* conversa? – questiono, sentando-me na cadeira perto do sofá, e puxo Jace para o meu colo.

Archer nos observa durante vários segundos, seus olhos são curiosos e calculistas.

– É sério isso? – Ele gesticula entre Jace e mim.
– Como um infarto – confirmo.
Por um segundo, ele parece assustado, seja pela minha resposta ou pelo sorriso em meus lábios, pode ser qualquer um dos dois.

– Você está feliz. – Não é uma pergunta, mas assinto mesmo assim.
– E o que vai acontecer com a banda agora?

– Essa decisão não cabe só a mim – destaco. – *Mas...* se o resto do pessoal ainda estiver a fim, quero fazer isso dar certo. Será necessário que haja algumas mudanças que você precisará aprovar com a gravadora antes de assinarmos o contrato para o próximo álbum.

– E quais seriam essas mudanças?
– Coisas que eu preciso discutir com os outros para garantir que estamos na mesma página.

– Entendi. – Assente Archer, e dá para ver o alívio em seu olhar. – A outra coisa que quero discutir é sobre sair na frente em relação ao seu diagnóstico com a imprensa. Acho que seria bom para a sua imagem dar uma entrevista exclusiva para discutir o diagnóstico, talvez falar sobre seu novo relacionamento com Jace. Você pode realmente enfatizar o ângulo “estou melhorando” – sugere Archer. – Se você não se sentir confortável indo a público com isso, é com você. Mas você sabe o quanto eles podem ser brutais. Mais cedo ou mais tarde, isso vai vir à tona.

Suspiro e olho para Jace.
– Tudo bem para você se eu contar sobre nós em rede nacional?
Jace deita a cabeça no meu ombro e concorda.
– Faça o que precisar. Estamos bem, Linc, independentemente de qualquer coisa.

Dou um beijo em sua cabeça e aceno para Archer, para que ele saiba que pode ir em frente e organizar o circo que ele achar melhor.

– Fantástico. Vou agendar alguma coisa e organizar uma reunião da banda para vocês poderem discutir o futuro. Até lá, vou te deixar voltar para... bem, você sabe.

– Valeu, cara. – Estendo a mão para ele sem me levantar.
– Fico feliz de te ver bem, Lincoln. Vivi preocupado com você

durante muito tempo.

– Eu sei.

– E você – Archer olha para Jace. – Parece que você está cuidando bem dele. Obrigado por isso.

– Não tem por que agradecer.

Archer assente outra vez e vai embora, a porta se fecha com um estalo.

– Quais são essas mudanças que vai fazer tudo dar certo? – pergunta Jace, descansando a cabeça no meu ombro enquanto nos aconchegamos na cadeira.

– Eu vou ficar aqui enquanto estivermos gravando o álbum, o resto do ano, vou morar em Seattle. Nossa agenda de shows vai ter que ser reduzida, chega de longas turnês de dezoito meses. Eles podem agendar turnês mais curtas e pausas mais longas entre as cidades da turnê para eu poder ir para casa te ver. Claro que terá momentos em que teremos que ficar separados, mas desse jeito nunca demorei muito tempo para voltar para você. Parece que vai dar certo?

Jace assente no meu ombro e suspira de satisfação.

– Você acha que a gravadora vai concordar com isso? – quer saber ele.

– Se não concordarem, eu saio. Eu falei sério no quarto, Sardentinho. A minha prioridade é você.

– Eu não quero que você desista dos seus sonhos, Linc.

– Eu já vivi o meu sonho. – Aponto para os discos pendurados na parede. – De muitas maneiras, fazer parte da Queda Vertiginosa foi um sonho que se tornou realidade. Mas se continuar significa desistir de você, não é mais uma opção. Se vale de alguma coisa, nós fizemos tanto dinheiro para eles que acho que nos darão o que quisermos. Só preciso ter o apoio dos outros quanto a isso.

– Talvez eu possa sair em turnê com você de vez em quando. Uma cortinha, durante minhas férias de verão ou algo assim.

– Seria legal – concordo. – De agora em diante, somos nós dois contra o mundo, como sempre deveria ter sido.

Faixa 33: Lado A

Não Provoque

Lincoln

Duas semanas depois da reunião com Archer em Nova Iorque, ele me agendou uma entrevista exclusiva com alguém cujo nome não me incomodei em prestar atenção. Não importa quem vai me entrevistar. Vão me fazer perguntas pessoais que vou odiar responder, vou sorrir e respondê-las mesmo assim, e vamos todos voltar para casa.

Falei para Archer que preferiria não sair de Seattle de novo tão cedo, então, ele conseguiu que o repórter viesse até mim. Vamos nos encontrar no estúdio de gravação no centro da cidade, onde tem câmeras e todas essas merdas prontas para usar.

Paro do lado de fora do prédio e respiro fundo. Sempre odiei fazer essas coisas. Geralmente, eu me cortaria antecipadamente para aliviar o nervosismo e recuperar algo parecido com controle. Mas não vou fazer isso agora. Não vou. Não vou. Eu. Não. Vou.

Bato levemente a cabeça contra a lateral do prédio e mordo o lábio, esperando que a onda de ansiedade passe. Eu não *preciso* das minhas lâminas. Preciso de Jace. Preciso melhorar. Preciso me respeitar. Repito as coisas que Alex me disse para repetir quando eu sentisse o impulso de me cortar, e me obrigo a respirar devagar.

Quando o impulso passa completamente, coloco a mão no bolso e pego o marcador lavável que Alex me deu na nossa última sessão. Em vez de me cortar, eu devo fazer algum desenho ou escrever em mim mesmo por que eu não deveria me cortar, como um lembrete para continuar resistindo.

Tiro a tampa do marcador com os dentes e escrevo “Jace” no meu antebraço, passando um pouco da tensão. Escrevo o nome dele mais uma vez, e começo a me sentir mais no controle. Espero alguns

segundos para me certificar de que a tensão realmente se foi antes de tampar o marcador e colocá-lo no meu bolso. Pego o celular e sorrio quando vejo uma mensagem de Jace.

Sardentinho

Espero que dê tudo certo com a entrevista. Te vejo à noite. Amo você.

Linc

Amo você.

Orgulhoso de mim mesmo, abro a porta e entro para acabar logo com essa entrevista.

A entrevista acaba indo muito bem, levando tudo em consideração. Eu me enrolo ao explicar meu diagnóstico e como espero que, ao melhorar, me torne um artista melhor no final das contas (insira aqui o gesto de sem paciência). Consigo dar um sorriso sincero quando está na hora de falar sobre Jace e o quanto estou feliz de tê-lo de volta na minha vida. Pela primeira vez na vida, conto a história verdadeira por trás de “Alameda Cherry”. Bem, exceto a parte em que eu sou um verdadeiro babaca. Jace e eu discutimos antecipadamente que me fazer parecer mau não era o objetivo, e que ele ficava feliz que eu encobrisse aqueles detalhes na entrevista. Quando o repórter pergunta sobre o destino da Queda Vertiginosa diante da nossa pausa e todas essas mudanças, eu me sinto acanhado por dentro e dou uma resposta evasiva.

Mais do que qualquer coisa, quero que a banda dê certo, ver para onde as coisas podem ir agora que estou melhorando e ter para quem voltar para casa. Só que eu simplesmente não sei o que vai acontecer.

Quando chego em casa, Jace está me esperando com um sorriso esperançoso. Ele me puxa para a sala e pula no meu colo.

– Como foi? – pergunta.

– Foi... bem. Respondi tudo do jeito que Archer me disse para fazer e definitivamente recebi alguns olhares sentimentais e sinceros quando falei sobre você, então não acho que fui tão mal.

Jace olha para baixo e repara seu nome escrito no meu braço, quase escondido entre as tatuagens, se não prestar muita atenção.

– Foi difícil para você hoje? – pergunta, tracejando as letras com o dedo indicador.

– Foi, mas fiz o que Alex falou, e passei por isso sem me machucar.

– Estou orgulhoso de você. – Jace beija a minha boca e eu sorrio contra a sua. Eu o abraço e desfruto da sensação de plenitude na minha alma.

– Eu amo você – murmuro contra seus lábios.

– Eu também amo você.

Jace

Algumas semanas depois da nossa viagem a Nova Iorque, Lincoln e eu estamos abraçados no sofá assistindo à sua entrevista. Seu sorriso na tela é encantador, mas não é Linc. Saber que sou um dos poucos a ver o verdadeiro Lincoln por trás da estrela do rock me faz me sentir especial. Seguro sua mão enquanto o assistimos falar para o mundo sobre seu diagnóstico de transtorno bipolar e sua luta ao longo dos anos com os baixos intensos. Quando o repórter pergunta sobre o que o motivou a finalmente buscar ajuda, aparece o primeiro sorriso autêntico.

– *Todos conhecem e amam “Alameda Cherry”... bem, eu finalmente tive a oportunidade de consertar as coisas com o menino por quem me apaixonei quando era adolescente, que inspirou esta música. Ele é a minha rocha e o estopim para que eu finalmente buscasse ajuda.*

– *Você o ama?*

– *Muito. Ele é...* – Na tela, Lincoln limpa a garganta, e o meu Lincoln me abraça mais apertado. – *Bem, é melhor eu não divagar muito sobre ele; ele não iria gostar. Mas basta dizer que eu o amo mais do que qualquer coisa.*

– Eu também amo você – digo para o meu Lincoln, virando a cabeça e beijando seus lábios.

Ele retribui o beijo, suave e lentamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

– A gente devia adotar um cachorro – diz ele quando me solta.

– Um cachorro? Mas e quando você sair em turnê?

– Eu poderia levá-lo comigo, ou ele pode ficar aqui. Vai ser legal adotarmos um cachorro juntos.

Um sorriso de alívio se abre em meus lábios. Um cachorro é um baita... *compromisso*. Um cachorro diz que *estaremos nisso por muito tempo*.

– Está bem, vamos adotar um cachorro – concordo.

Quando termina a entrevista, Lincoln me puxa para fora do sofá, me levando até o quarto. Nós tiramos as nossas roupas e nos deitamos juntos na cama, com as mãos inquietas e nossos corações batendo em sintonia.

Lincoln

Na manhã seguinte em que a entrevista foi ao ar, Lando me liga quando estou a caminho da minha sessão de terapia. Ligo o Bluetooth no volante do carro de Jace, que ele me emprestou hoje. Eu não me importava em ter um carro em Nova Iorque porque... bem, é Nova Iorque. Mas faço uma nota mental para comprar um, já que Seattle é o meu novo lar.

– Oi, Lando – atendo.

– Oi – responde ele, sua voz preenche o carro. – Vi sua entrevista ontem à noite.

– É? – indago, ansioso para saber o que ele achou. A única pessoa para quem eu contei sobre o meu diagnóstico antes da entrevista foi Archer. Em retrospecto, talvez eu devesse ter contado a eles em vez de deixá-los descobrir junto com o resto do mundo.

– Não sei bem o que dizer. Acho que não estou surpreso de verdade. Mas, cara, por que não falou nada?

– É um diagnóstico recente. Acho que foi estranho pensar em ligar para vocês e, tipo, *ei, eu sou super fodido da cabeça. Como vão as suas férias?*

– Sinto muito em te dizer, mas você ser super fodido da cabeça não é exatamente uma manchete – destaca Lando, e eu dou uma risada.

– Justo – concordo. – Ei, você chegou a encontrá-lo? Seu amor perdido na Flórida? – Sei que mudei de assunto, mas tenho que saber.

– Sim – responde Lando com um sorriso na voz.

– E? – incentivo-o a continuar, animado diante da ideia de que, talvez, eu não seja o único pronto para mudar o modo com que iremos fazer as coisas enquanto banda. Talvez esse seja um novo começo para todos nós.

– E... é uma história bem louca que mal posso esperar para contar a vocês quando nos encontrarmos no mês que vem para decidir o destino da banda.

– Você sempre foi provocador assim? – acuso.

– É bem possível. E vou parar por aqui... você não é o único que teve férias *interessantes*.

– Eu sei que Jude não foi pego com mais nenhum michê, então, deve ser o Benji. Ele voltou com o ex? – pergunto. Meu Deus, é bom simplesmente se sentir animado com uma coisa boba.

– Não sei... você vai ter que perguntar para ele – provoca Lando, claramente sabendo mais do que admite.

– Você é mau, e eu tenho que ir porque acabei de chegar no consultório do meu terapeuta.

– Estou orgulhoso de você de verdade.

– Valeu, cara. Tenho algumas músicas novas para te mandar, então,

fica esperando hoje à noite. Falo com você depois.

– Está bem. Até.

♪

Eu me sento no consultório de Alex com o coração leve e um sorriso.

– Como você está se sentindo? – pergunta.

– Ótimo. Quero dizer, não *ótimo*, tive um pouco de dor de cabeça e enjoo por causa dos remédios, mas, sinceramente, ótimo.

Alex ri da minha resposta e faz alguma anotação.

– Isso é comum quando se começa a tomar lítio, mas deve desaparecer quando seu corpo se acostumar. E como está se sentindo emocionalmente? Muito entorpecido ou confuso?

– Não, eu me sinto muito bem.

– Fico feliz em saber. E o resto, como vai? Algum impulso de se machucar?

– Só um breve impulso uma ou duas vezes, mas fiz um desenho em mim mesmo como você mandou, e ele foi embora. Tive uma entrevista importante na semana passada e foi difícil. Geralmente, eu me cortaria antes de qualquer coisa como essa porque é assustador demais. Mas eu fiz tudo o que você mandou e passei por ela sem problema nenhum.

– Excelente. – Alex sorri e assente.

– Jace e eu vamos adotar um cachorro – conto. – Eu não tinha certeza se ele concordaria porque é uma coisa meio importante, né? Adotar um cachorro é como ter um filho. Significa que se está junto *de verdade*.

– É um grande compromisso – concorda.

– Eu tenho pensado num compromisso ainda maior – admito.

– É? Conte-me.

♪

Depois da minha consulta com Alex, Jace está me esperando para irmos juntos até o abrigo ver os cachorros. Conversamos sobre pegar um filhotinho, mas resolvemos que preferimos resgatar um já adulto. Não demoramos muito a encontrar um perfeito novo membro da família no abrigo.

– Ele é tão fofo – murmura Jace diante do Golden Retriever de três anos. Minha garganta fecha quando olho para ele, lembranças do meu cachorro de quando eu era criança inundam a minha mente. Pego a mão de Jace e a aperto, repetindo para mim mesmo todos os motivos pelos quais eu não devo me machucar, até o impulso passar.

– O nome dele é Mozart, o que combina perfeitamente. – Eu me abaixo e coloco os dedos entre as barras para que Mozart me cheire, e, ao invés disso, ele me lambe. – É, este é o nosso cachorro.

Não perdemos tempo e falamos logo para a menina que queremos Mozart, preenchendo o requerimento.

– Já tem tempo que esse meninão está aqui; que bom que vocês vieram hoje porque estava marcado para ele ser mandado para um abatedouro no final da semana.

Jace engasga e agarra meu braço, horrorizado.

– Ai, meu Deus, vocês não podem fazer isso. Podemos levá-lo para casa agora mesmo?

– Preciso receber aprovação para o requerimento de vocês, mas amanhã mesmo vocês já podem vir buscá-lo.

Jace se vira para mim com uma expressão triste.

– Se tivéssemos esperado, Mozart teria sido abatido. Parece destino.

– É, Sardentinho, é, sim – concordo.

É difícil deixar Mozart no abrigo, mas saber que poderemos pegá-lo amanhã facilita um pouquinho. Vamos direto para a *pet shop* e passamos mais de uma hora lendo as informações nutricionais das rações para levar a melhor, escolhemos uma variedade de brinquedos, uma caminha, tigelas e algumas coleiras diferentes para Mozart poder variar seu guarda-roupa de vez em quando.

– Fico contente que tenha sugerido isso. Estou bem animado para trazê-lo para casa amanhã – diz Jace enquanto arrumamos a caminha e os pratinhos de ração e água quando chegamos em casa.

– Eu também. Pode ser legal levá-lo comigo numa turnê também.

– Não faça isso – descarrega Jace com uma pontada de preocupação em sua voz.

– Não o levar em turnê comigo?

– Não – Jace balança a cabeça, segurando um patinho que compramos para Mozart. – Se ele estiver aqui, sei que você vai voltar.

Suas palavras me atingem bem no peito, me lembrando de que, mesmo que ele tenha me perdoado, mesmo que estejamos no caminho certo, ainda não estamos completamente onde precisamos estar. Cruzo o espaço entre nós e puxo Jace para os meus braços, prendendo-o com um olhar significativo para que ele saiba que falo sério.

– Eu *sempre* vou voltar para você, Sardentinho. Eu sei que ainda preciso ganhar sua confiança e vou. Mas juro pela minha vida que, todo tempo em que estivermos separados estarei pensando em você. E, no segundo em que terminarmos um álbum ou uma turnê, estarei no primeiro voo de volta para você.

Jace assente, fazendo uma cara de forte, e dá um beijinho no meu nariz.

– Eu acredito em você, Linc.

– Obrigado. Mas se o fato de Mozart ficar com você vai te fazer sentir menos sozinho, ele pode ficar quando eu viajar.

– Tudo bem. Vamos deixar rolar.

– Com certeza. Temos o resto da vida para aprender. E eu te prometo, vamos aprender *juntos*.

Faixa 34: Lado A

Replay

Jace

Acordo e vejo o lado da cama de Linc vazio e frio, o que me dá um choque apavorante no coração, até ouvir os pratos tilintando na cozinha. Respiro devagar, desejando que meu coração desacelere, antes de sair da cama e vestir uma calça de pijama.

Encontro Linc em pé em frente ao forno, sua bunda gostosa à mostra sem nada além de um avental. Mozart está deitado aos seus pés, e seu rabo bate no chão quando me vê. Nas últimas semanas, desde que o trouxemos para casa, Mozart se acostumou facilmente à nossa vida. Eu ainda não sei bem como vai ser quando Linc voltar para a estrada, mas estou me esforçando para confiar que ele sempre vai voltar para mim.

– Bom dia, Sardentinho – cumprimenta Linc com um sorriso. – Estou preparando o café da manhã.

– Hmm... por quê? – pergunto confuso por causa do sono. Preciso de café antes do meu cérebro funcionar de manhã. Felizmente, Linc sabe disso, porque ele me passa uma caneca pelo balcão.

– Não consegui dormir. Acordei há algumas horas e organizei os armários e a geladeira, depois pensei em preparar o café.

Alarmes soam na minha mente. Quando Linc foi diagnosticado, Alex passou uma lista de coisas para que eu observasse em Linc para saber se ele está tendo um episódio maníaco ou depressivo, e não dormir estava no topo da lista de mania.

– Não conseguiu dormir? – repito com a voz forçadamente calma.

– Não se preocupe, já liguei para o Alex, e conversamos por um tempo hoje mais cedo sobre isso. Não acho que esteja tendo um episódio; só estou ansioso com uma coisa. Mas vou observar se não

terá nenhum outro sinal que possa sugerir o contrário.

– Com o que você está ansioso?

– É surpresa – ele sorri para mim por sobre o ombro e coloca alguns ovos num prato.

– Eu odeio surpresas – reclamo.

– Você vai gostar dessa – garante. – Pode tirar a manteiga da geladeira para a torrada?

Faço o que ele pede, abrindo a geladeira. Ele realmente a organizou. Aí, percebo que alguns itens têm uma etiquetazinha branca neles. Pego a manteiga e vejo a etiqueta que diz “lubrificante”. Então, eu pego a geleia e vejo uma etiqueta que diz “não é lubrificante”.

– Que porra é essa? – pergunto rindo.

– Imaginei que seria bom colocar etiquetas nas coisas, para não termos que parar no calor do momento para discutir se algo é aceitável ou não como lubrificante. Tive que presumir algumas coisas, mas acho que fiz um bom trabalho.

– Espero que saiba o quanto você é esquisito – solto uma gargalhada.

– *Eu* que sou o esquisito? Eu me satisfaria em usar qualquer coisa escorregadia como lubrificante; você é quem tem restrições.

– Nem vou me dignar a responder isso. – Balanço a cabeça e tiro a torrada da torradeira, passando a manteiga com um sorriso.

Depois do café da manhã, eu me visto, precisando me apressar para não me atrasar para minha aula.

– Vamos sair hoje à noite. Vou te mandar uma mensagem com o nome do lugar, para você poder me encontrar lá depois do trabalho.

– É? Tudo bem – concordo enquanto abotoo minha camisa.

Percebo um sorrisinho secreto nos lábios de Linc quando lhe dou um beijo de despedida, e mal posso esperar para ver qual será sua surpresa esta noite.



Chego no bar que Lincoln me escreveu e não o vejo em lugar nenhum. Com uma mistura de receio e ansiedade, pego uma cerveja e encontro uma mesa num canto afastado e fico olhando para a porta esperando por Lincoln.

Percebo um pequeno palco para música ao vivo e me lembro brevemente de quando fui ver o primeiro show da Queda Vertiginosa em algum boteco fora de Cincinnati. O lugar era nojento, mas ver Lincoln tocar e ouvir todo mundo aplaudindo-o foi incrível. Não fiquei surpreso quando, alguns meses depois, ele me disse que foram descobertos por um homem que trabalhava numa gravadora enquanto tocavam em outro bar num fim de semana. Eu sempre soube que Lincoln tinha o necessário para fazer sucesso. Ele atraía as pessoas. E,

para uma banda de garagem de colégio, era evidente que todos eles tinham talento e determinação.

Lincoln tinha razão quando dizia que não teria sido bom para mim segui-los nas turnês naquele ano depois do Ensino Médio. Teria sido a escolha errada, mas eu ainda queria que ele tivesse tomado essa decisão junto comigo. Contudo, isso são águas passadas agora. Eu sei que o futuro da banda está incerto, e Lincoln está cuidando do seu diagnóstico e se recuperando um dia de cada vez. Não sei onde estaremos daqui a um ano, exceto que estaremos juntos.

Um funcionário aparece no palco e ajeita o microfone.

– Temos uma surpresa muito especial para todos esta noite. Peça que ninguém filme durante a apresentação. Divirtam-se.

Olho em volta, procurando por Lincoln. Tenho certeza de que ele não vai querer perder qualquer que seja o talento local que deixou o funcionário do bar tão animado.

Quando meu olhar volta para o palco, fico sem ar. Lincoln está parado lá com o maior sorriso que já vi, e o violão nas mãos. O bar inteiro faz silêncio enquanto processa o fato de que um deus do rock está no meio deles.

Nossos olhares se encontraram, e sinto meu sorriso em resposta.

Oi, balbucio para ele.

Oi, balbucia de volta.

– Aposto que vocês não estavam esperando me ver tocando num barzinho no meio do nada, não é? – pergunta Lincoln, e todos riem concordando. – Para quem não me conhece, sou só um idiota que ganha dinheiro demais para cantar. Mas, esta noite, não tem a ver com dinheiro, e não tem a ver com publicidade. Esta noite, quero tocar uma música que escrevi para alguém muito especial para mim. Jace, eu não merecia uma segunda chance, mas você me deu mesmo assim. Pensei que tivesse te perdido dez anos atrás, e perdi a mim mesmo naquele dia também. Esta música se chama “Replay”, e é para você, Sardentinho. Caso esteja contando, esta é sua quinta música, então minha conta está paga – diz ele com um sorriso lúdico.

Posso sentir os olhares virando em minha direção, mas não estou nem aí. Só consigo prestar atenção no homem lindo no palco que canta uma música sobre ter uma segunda chance com seu primeiro e único amor.

Quando a música termina, ele vira o violão, deixando-o pendurado em suas costas, e pula do palco baixo, vindo em minha direção.

Eu me levanto e o deixo me puxar para os seus braços para um beijo exigente, cheio de promessas de futuro.

– Você e eu, Sardentinho? Somos para toda a vida.

– Para toda a vida – concordo.

Lincoln sorri contra meus lábios e põe a mão no bolso. Ele tira uma

aliança de prata e a estende para mim.

– Para toda a vida? – confirma mais uma vez, e eu me dou conta do que ele está pedindo. Um som entre uma risada e um soluço escapa dos meus lábios e só consigo concordar com um movimento rápido de cabeça enquanto lhe ofereço a minha mão para que ele deslize a aliança.

FIM

Se você tem pensamentos como o Lincoln, procure ajuda profissional.
Tal como o personagem, você também merece um felizes para sempre.

[Clique aqui para se inscrever na nossa newsletter e não perder
nenhum lançamento da Galuba Editorial](#)

Gostou deste livro? Essa é a sua vez de ser o escritor! Faça uma resenha para ajudar esta história a alcançar mais leitores.

Mensagem da Autora

Quero agradecer todos vocês por tirarem um tempo para ler esta história. Não tenho certeza do que na história do Lincoln me pega tanto, mas esse livro realmente significou muito para mim. Espero que ele tenha conseguido tocar você do jeito que me tocou.

Fique ligado para descobrir o que os outros rapazes fizeram durante as férias da banda!

Sobre a Autora

A autora K.M. Neuhold é uma viciada em romance, uma sentimental em todos os sentidos. Ela começou sua jornada como autora de romance *new adult*, heterossexual, mas depois de uma leitura casual de um livro de MM, ela ficou completamente viciada em tudo sobre homens adoráveis – e às vezes feridos – encontrando seu Felizes para Sempre juntos. Ela tem uma forte paixão por escrever personagens com muito coração e alma, e um pouco de humor também. E admite plenamente que suas tendências de TOC para garantir que todos os personagens secundários tenham uma história completa provavelmente sempre levarão todos os livros a terem um spin-off ou série. Quando não está escrevendo, ela é domadora de leões, astronauta e super-heroína... só brincando, ela provavelmente está assistindo Netflix e se aconchegando com seu husky enquanto seu marido incrível traz café para ela.

Siga a autora nas Redes Sociais:



/ authorkmneuhold.com



/ kmneuhold@gmail.com



/ [@KMNeuhold](https://www.instagram.com/KMNeuhold)



/ [@KMNeuhold](https://twitter.com/KMNeuhold)

Conheça a Galuba Editorial

Das profundezas da literatura, surge a Galuba: uma editora 100% digital e feminina. Fundada em 2020, nosso propósito é encorajar as mulheres no mercado editorial e promover a bibliodiversidade. Mergulhe nessa história conosco!

Conheça outros títulos publicados em:



/ www.GalubaEditorial.com



/ [GalubaEditorial](https://www.instagram.com/GalubaEditorial)



/ [GalubaEditorial](https://www.facebook.com/GalubaEditorial)



/ [GalubaEditorial](https://www.pinterest.com/GalubaEditorial)



/ [Galuba](https://medium.com/Galuba)

Créditos e copyright

TÍTULO ORIGINAL

Face the Music

EDITORA DE AQUISIÇÃO E REVISÃO

Carina Derschum

TRADUÇÃO

Stéphanie Rumbelsperger

CAPA

Mariana Oliveira

IMAGEM DE CAPA

Dusko / Adobe Stock

PRODUÇÃO DE EBOOK

Marcela Nogueira

© K.M. Neuhold, 2018

© Galuba Editorial, 2024

Todos os direitos desta edição reservados à Galuba Editorial

485e

Neuhold, K.M.

Encare a Música [recurso eletrônico] / K.M. Neuhold; tradução de Stéphanie Rumbelsperger. – Rio de Janeiro: Galuba, 2024. (Série Replay, livro 1)

272 p.; 1,03 Mb

ISBN 978-65-84978-19-5 (e-book)

Tradução de: Face the Music

1. Romance contemporâneo. 2. Literatura americana. 3. Gay. 4. Saúde mental. I. Rumbelsperger, Stéphanie. II. Título.

CDD 813

Isabela Lustosa CRB-7: RJ-007115/O

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desse livro pode ser usado ou reproduzido de maneira nenhuma sem permissão escrita, exceto em casos de citações breves incorporados em artigos de crítica ou resenhas.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de maneira puramente fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Table of contents

1. Capa
2. Folha de rosto
3. Sumário
4. Avisos
5. Faixa 1: Lado A
6. Faixa 2: Lado B
7. Faixa 3: Lado A
8. Faixa 4: Lado A
9. Faixa 5: Lado B
10. Faixa 6: Lado A
11. Faixa 7: Lado B
12. Faixa 8: Lado A
13. Faixa 9: Lado B
14. Faixa 10: Lado A
15. Faixa 11: Lado B
16. Faixa 12: Lado A
17. Faixa 13: Lado B
18. Faixa 14: Lado A
19. Faixa 15: Lado A
20. Faixa 16: Lado B
21. Faixa 17: Lado A
22. Faixa 18: Lado A
23. Faixa 19: Lado A
24. Faixa 20: Lado A
25. Faixa 21: Lado B
26. Faixa 22: Lado A
27. Faixa 23: Lado A
28. Faixa 24: Lado A
29. Faixa 25: Lado A
30. Faixa 26: Lado B
31. Faixa 27: Lado A
32. Faixa 28: Lado A
33. Faixa 29: Lado A
34. Faixa 30: Lado A
35. Faixa 31: Lado A
36. Faixa 32: Lado A
37. Faixa 33: Lado A
38. Faixa 34: Lado A
39. Nota
40. Mensagem da Autora

41. [Sobre a Autora](#)
42. [Conheça a Galuba Editorial](#)
43. [Créditos e copyright](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)

33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)

77.	77
78.	78
79.	79
80.	80
81.	81
82.	82
83.	83
84.	84
85.	85
86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120

121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)

165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)

209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)

253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)